

AS CINCO DIREÇÕES DE UM CORPO

Uma tentativa de produção coletiva
com apoio na interatividade

Jacira Fagundes

Coordenação



O PESCADOR QUE CAIU NA REDE - Magaly Andriotti Fernandes

VIDA E OBRA DE JOSEPH - Clotilde Grassi

TODA UMA HISTÓRIA DERRAMADA - Terezinha Lanzini

O SALTO DA JAGUATIRICA - Sônia Coppini

FLAGELO - Maurícia Mees

BESTIÁRIO



Copyright © 2022, Grupo de Produção Literária Jacira Fagundes.
Jacira Fagundes, Clotilde Grassi, Magaly Andriotti Fernandes,
Maurícia Mees, Sônia Coppini, Terezinha Lanzini

Projeto gráfico: e-design
Coordenação editorial: Roberto Schmitt-Prym
Capa e ilustrações: Berenice Güez
Revisão: Sônia Coppini

Todos os direitos desta edição reservados.

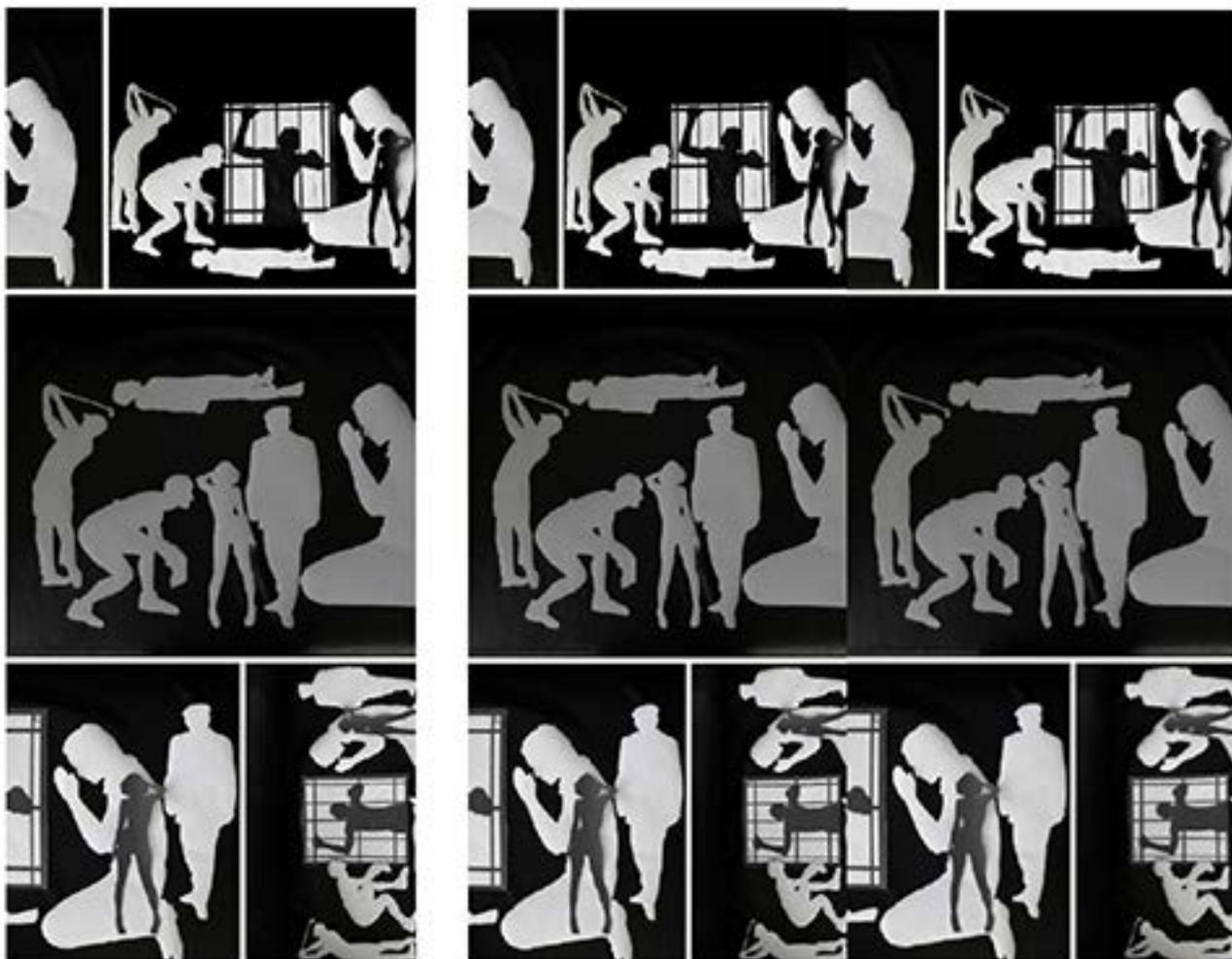


Rua Marquês do Pombal, 788/204
90540-000 - Porto Alegre, RS
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

F153 Jacira Fagundes ... [et al.] As cinco direções de um corpo – Porto Alegre : Bestiário, 2022. 86 p. ; eBook, PDF. ISBN: 978-65-84571-31-0 1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título. CDD 869.8992301 CDU 821.134.3(81)-34

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34



AS CINCO DIREÇÕES DE UM CORPO

UMA TENTATIVA DE PRODUÇÃO COLETIVA
COM APOIO NA INTERATIVIDADE
JACIRA FAGUNDES

Em 2021, o Grupo de Leitura e Criação Literária, que desenvolvia atividades de leitura e escrita voltadas à formação de escritores na área da literatura, no espaço da Editora Metamorfose, em Porto Alegre, precisou seguir em formato digital devido à ocorrência da pandemia, possibilitando, assim, dar sequência à programação estabelecida anteriormente.

Com duas coletâneas de contos publicadas em dois anos consecutivos, o Grupo, que vinha tendo aulas presenciais até o momento, sofreu algum desgaste provocado pelo isolamento social, ocasionando uma baixa na sua continuidade.

Com base no interesse de parte de cinco alunas, a programação, em 2021, deu um avanço em relação ao gênero literário proposto pelo novo grupo, caindo a escolha em produção de narrativa longa.

O impasse seria encontrar uma modalidade de oficina que alcançasse as cinco interessadas, com o mesmo dinamismo que vinha ocorrendo, até então, nas aulas presenciais.

Harmonizar as particularidades com a diversidade de estilos, considerando o gênero proposto, era uma das premissas a ser garantida no grupo. A outra era encontrar a forma de desenvolver tal proposta no meio digital, considerando a impossibilidade quanto a comentários, interferências e auxílios mútuos entre as partes, como ocorrera em relação às narrativas curtas, presencialmente. E, ainda, o como vencer as dificuldades pessoais que se apresentaram no domínio do meio digital, de parte do grupo como um todo.

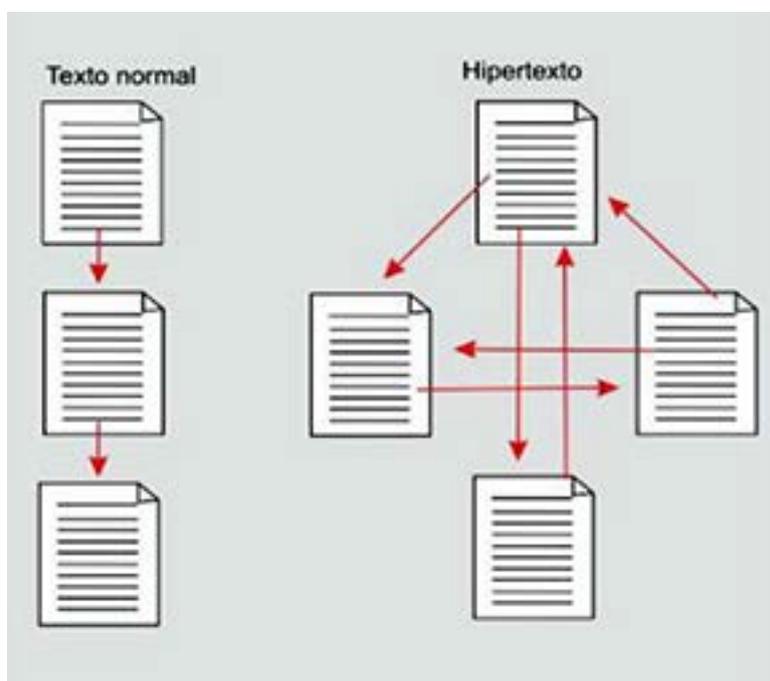
Chegou-se, assim, à formalização de um projeto experimental que resultasse em narrativas longas abordando a mesma temática pelas cinco autoras. Porém, com abertura para agregar e intercambiar entre si, visando a um resultado se não único, o mais aproximado possível de integração.

No decorrer da oficina, foram objetos de estudo e adequação:

— A construção, desconstrução e fragmentação do texto, que permitiu incluir alternância entre propostas diferentes, numa mesma narrativa;

— A temática universal, que oportunizou e direcionou diversidade de caminhos literários.

Outra decorrência de estudos complementares levou o grupo à experimentação. A narrativa de formato tradicional teria sua estrutura interna em forma de hipertexto. Podendo ser criada e lida sem seguir a ordem em que os textos isolados seriam organizados.



O hipertexto permite a interatividade e a livre escolha para começar a leitura por qualquer um dos textos que compõem a teia. O leitor é quem decide por quais passará, percebendo novos caminhos e ampliando os limites da leitura.

O livro, em formato de obra coletiva digital, em PDF, vem a ser o produto escolhido pelo grupo ao considerar a possibilidade de manter tempo e espaço contínuos e entrelaçados, e ainda possibilitar a interatividade e a construção em rede.

E o leitor passa a coautor do texto, ao escolher seu próprio caminho de leitura, considerando ainda os elos de ligação e as inserções intertextos. O que lhe permite adotar uma posição mais ativa.

Como foi conduzido o projeto de construção da narrativa:

— Um narrador ambíguo conduziu a narração, a partir de chamadas pontuais em três tempos, enquanto ocorria a construção das narrativas particulares;

— Um personagem protagonista criado por cada autora, a partir da chamada de abertura pelo narrador, proporcionou um leque de direcionamentos alternativos;

— Cada autora desenvolveu sua história particular, de forma independente;

— Ficou disponível o acesso para consulta ao arquivo com todas as narrativas particulares;

— As interações — determinantes no formato de hipertexto — foram realizadas através de elos de ligação (exercícios propostos no decorrer da oficina) e/ou inserções de trechos com similaridades entre eles (trechos oriundos de narrativas preliminares que se repetem);

— Ao final, chegou-se a uma narrativa única composta pelas cinco autoras com as intermediações complementares.

As chamadas pelo narrador, considerado absoluto e determinante na condução do trabalho, ocorreram no início, no decorrer de três capítulos e antecedendo o final das histórias narradas.

Foram em número de três:

Chamada 1

Fora, sim, um grito seguido de um gemido. E depois um baque — seco — semelhante a um soco. Ou talvez pudesse ser a queda do bastão de beisebol de cima do armário. Mas não havia nada próximo ao corpo estendido. Nenhum objeto. O telefone tocou, insistente, na peça contígua.

Chamada 2

Sim, o corpo revela um homem. E está morto. Todos concordam. Um assassinato, pelo que julgam. São depoimentos daqueles que ouviram o baque, o telefone, que mencionaram o taco de beisebol.

Mas há os que ainda preferem calar e empurrar o assunto para debaixo do tapete. Preferem falar de outros temas que não interessam no momento. Resta saber as razões destes escapistas.

Ou serão fingidores?

Chamada 3

As histórias revelam, no conjunto, uma similaridade. São múltiplos corpos estirados, inertes, assassinados, em vários espaços narrados. As narrativas se constroem sobre este único pilar. A banalidade da morte por violência não surpreende.

Ela, tampouco, se esgota.



Autoras e Títulos

O PESCADOR QUE CAIU NA REDE - Magaly Andriotti Fernandes

VIDA E OBRA DE JOSEPH - Clotilde Grassi

TODA UMA HISTÓRIA DERRAMADA - Terezinha Lanzini

O SALTO DA JAGUATIRICA - Sônia Coppini

FLAGELO - Maurícia Mees

O PESCADOR QUE CAIU NA REDE

Magaly Andriotti Fernandes

Quando chegar o seu dia

*Pescador véio promete
Pescador vai lhe levar
Um presente bem bonito
Para dona Iemanjá...
Filho seu é quem carrega
Desde terra até o mar...*

Promessa de Pescador – Dorival Caymmi

Episódio 1

Carta de Oreste para Umut:

Eu... o barco... a areia... e teus olhos a me esperar. Assim saiu e voltou abarrotado de peixes. Teu nascimento para mim foi uma bênção. Esse barco foi do teu avô, é meu, e um dia será teu.

A rotina, em São Luís do Maranhão, o massacrava: acordar cedo, trabalho, faxina sem sentido, pensão. A carta do pai o fazia dormir. Lembra o dia que contou seu sonho. Sonho de viver na cidade, casar, ter filhos, uma casa de tijolos, longe do ruído do mar. O pai nada disse, mas foi bebendo cada vez mais. Umut não queria pensar que sua escolha feria o pai a tal ponto. Um dia o mar não o devolveu.

Umut gostava dali, amava estar com o pai, ajudá-lo com os peixes, mas queria conhecer a cidade da serpente encantada. Mãinha contava a lenda da serpente que morava nos subterrâneos de São Luís.

Melhor dormir, amanhã devo chegar mais cedo.

Umut, madrugada ainda, acordou assustado, escutando um grito agudo e estridente. Não lembrava, em nada, as juras de amor que vinham do quarto ao lado. Um baque seguido de um gemido de dor intensa. O vizinho era ruidoso, sim, não tinha como negar. Todo dia trazia mulheres para satisfazer sua luxúria, transavam como se estivessem numa ilha. Gritos e sussurros de prazer da amada numa algazarra só. As paredes eram tão finas que se podia ouvir até uma folha de papel caindo. Hoje ele se deu mal, pensou, virou para o lado e seguiu dormindo.

Estava no banho quando bateram com força em sua mísera porta. Tô indo, calma, mal entrei. Aqui é a polícia, saia logo, precisamos do teu depoimento.

Ele não gostava nada daquilo. Sempre temeu a polícia. Tentou acalmar-se e dizer que nada tinha a ver com o ocorrido. Só ouviu aquele grito seguido do baque e nada mais. E nem tinha certeza, podia muito bem ter sonhado.

— Vamos aí, ô meu, pensa que temos o dia todo para ficar aqui?

Secou-se e vestiu-se rapidamente.

Teu nome?

— Umut Madine da Silva.

— Pela madrugada, escutei um gemido. O cara aí do lado sempre tem companhia, não tem noite que não transe. Nem me liguei, virei para o lado e dormi.

— Gemido de prazer ou de dor?

— Bah, senhor, eu não sei. Dali se ouve tanta coisa. Ontem trabalhei muito. Durmo pesado.

— Que horas foi isso?

— Não olhei no relógio, estava pregado. O que houve? Posso saber o que houve?

— Teu vizinho foi encontrado morto ao lado da cama.

— Morto, como assim, morto?

— Morto, matado.

Umut pediu licença para sair, já estava atrasado e o shopping era longe. O policial o liberou, mas avisou que, se necessário, seria novamente escutado, ainda mais que ele era a única testemunha.

— Testemunha de que, ô seu? Eu não vi nada, e o que ouvi, nem sei se não sonhei. Eu durmo feito pedra.

Umut agilizou-se e saiu. No ônibus, seus pensamentos o martirizavam e a ansiedade acelerava o coração — por que fui escolher esse muquifo para morar? Tinha que conseguir um emprego melhor. Voltar a procurar quem sabe uma peça, um quarto nos fundos de uma casa. E agora essa, mataram o cara bem ali ao meu lado. Será que roubaram algo? E se minhas impressões digitais ficaram na porta? Não contei para o policial que, ao despertar, resolvi satisfazer a curiosidade. Bati, como ninguém atendeu, abri a porta e lá estava o homem jogado ao lado da cama.

Resolveu ligar para a mãe antes de chegar no trabalho.

— Dia, mãeinha, tudo bem por aí? Aqui tu nem sabe, mataram um cara, no quarto ao lado onde durmo.

A mãe assustada:

— Que horror, meu filho, volta para casa, Umut. A cidade está crescendo, tem mais emprego.

— Esquece, mãeinha, achei melhor de falar antes que visse nas notícias. Agora tenho que ir.

Episódio 2

— Umut, olha o que estás fazendo? Te falei para limpar a praça de alimentação.

Saiu feito um zumbi, sim, um zumbi, era assim que se sentia hoje. Como pôde ver o vizinho caído no chão e não dar o alarme. Não ter avisado ninguém. Estava há menos de um ano morando na cidade que tanto sonhou e já se comportava como alguém desnaturado e sem alma. Será que se eu tivesse avisado alguém ele ainda estaria vivo? Esse pensamento apertava o seu coração.

O que a mãe ia pensar sobre isso, quando soubesse. E saberia, ele não conseguia esconder nada dela.

E agora, suas digitais deviam estar naquela porta, pegou a maçaneta e abriu. Tendo visto o homem caído ao lado da cama, pensou: deve ter bebido todas. Fechou a porta e voltou para seus aposentos e dormiu. Dormiu um sono solto, nem lembra de ter sonhado. Só depois, quando estava no banho e a polícia chegando. Por que não contou que entrou e o viu? Medo de quê?

A mãe sempre dizia, quem não deve não teme.

Por que foi insistir e vir para a capital? Sua casa era pobre, simples, o cheiro do feijão quente, louro, chega ao seu olfato, está em casa, em seu quarto, o alecrim nas gavetas, a limpeza sempre mantida pela mãe. Umut, quer um caldo de feijão? Aquele líquido quente entrando, e sentindo-se revigorado.

Um grito.

— Umut, estás surdo? O que tens hoje? Vir até aqui e nada fazer, olha aquele canto sem varrer, vamos, o shopping já vai abrir.

Termina de limpar e vai até a livraria ver se encontra o jornal do dia. Senta para almoçar e a notícia está lá. Traficante encontrado morto ao lado da cama. Não há sinal de arma de fogo, não se sabe a causa da morte. A única testemunha é o vizinho do quarto ao lado.

E agora, a polícia podia pensar que ele era o responsável pela morte. O que deu em não contar o que vira?

Não, isso não pode ser verdade.

Como testemunha, testemunha de quê? Falou para o policial que não ouviu e não viu nada. E se quem o matou resolvesse vir atrás dele? Já estava em casa novamente, a mãe passando a mão em sua cabeça. Fica, Umut, não vai, teu tio vai conseguir emprego pra ti aqui. Ah, o seu quarto, um poster da última corrida do Ayrton Senna na parede. Uns gibis de super-heróis largados sob a mesinha de cabeceira, um velho caixote que pintou de azul, assim como a cama.

Gostava tanto de ficar ali, colocar os fones de ouvido e esquecer a fome, as brigas, os colegas o chamando de burro e de fracote. A janela era minúscula, e dava para uma velha laranjeira. Ficava assim e se imaginava na cidade, namorando, trabalhando, indo morar numa casa maior. Que tanta bobagem, agora isso.

E se alguém o matasse?

Levantou rápido e retomou o trabalho. Será que deveria voltar para casa? Derrotado, sem dinheiro? O dia foi longo e arrastado. Não, não voltaria, respirou fundo e resolveu que ia dar tempo ao tempo. Pegou o ônibus e retornou à pensão.

Episódio 3



Foto de arquivo de Magaly Andriotti Fernandes

Setembro é um mês de muitas chuvas. Não consegui dormir. Ficou se virando de um lado para outro. A cama parece que tem cola. Não permite que ele saia, sente-se envolto e preso pelas cobertas. Aquele som de pingos constantes o deixa ainda mais sonolento. Muda de posição, puxa o lençol e cobre-se por inteiro.

*Uma tacada, duas, três, e coff, coff, coff, chiii.
Acordei roxo, deitado na grama, com um amigo segurando minha perna para cima, apontando para o céu. Outro a sacolejar meus braços, outro afundando meu tórax e mais outro me abanando com sua camiseta.*

Clotilde Grassi, *Episódio 4*, p.24

O som que escuta agora é o das ondas do mar. Está na areia sentado, esperando o pai voltar com os peixes. Enquanto o pai viveu, moravam num casebre à beira do mar. Bem antes do sol nascer já estava em pé, para ajudar com o barco que ia para pesca. Não ia junto, ficava na areia esperando a retirada das redes. Ajudava na limpeza dos peixes. Tem gente que não suporta o cheiro, Umut sentia-se acolhido. O abraço do pai se confundia peixe/pai. O pai passava a mão em sua cabeça e dizia: Umut vai ser como eu, um pescador. Ensinava a abrir os mais difíceis. Depois chegar em casa, tomar aquele café quentinho, o peixe frito na hora. Por que fugira do seu destino? Devia estar sendo castigado por isto.

O celular toca novamente. Ele não se mexe, fica paralisado. Trabalhar naquele shopping o estava matando. O trabalho era humilhante, o salário não pagava as despesas. Sentado na areia, se via de jeans, camisa de linho, namoradas, uma casa de tijolos. Carro, nunca chegou a sonhar. E agora, ali naquele quarto sem banheiro, aquelas pessoas que não falavam com ele. E mais essa — o único cara com quem falava foi morrer bem ali ao seu lado.

Levantou-se, parecendo uma tartaruga, pesado e desanimado. O banheiro estava ocupado. Desceu, foi tomar um café.

— Umut, os policiais deixaram essa intimação.

— Para mim? O que eu tenho a ver com eles?

— Todos fomos intimados a ir na Delegacia.

E agora, meu Deus, o que vai ser de mim? Será que minhas digitais estavam na porta? O que podiam querer com ele, tinha dito que escutou apenas o gemido. Não devia ter dito nada, era mesmo um ignorante, os colegas é que tinham razão.

Ligou para o chefe e avisou que chegaria novamente atrasado, iria direto dar o depoimento.

No caminho lhe ocorreu falar que, seguidamente, ele e o vizinho ficavam conversando um no quarto do outro. Sim, mas do que falavam? Não, isso não ia dar certo. Seria vago, falavam de mulheres, jogo.

— Sr. Umut, que bom que chegou no horário. Sua identidade, por favor.

Encontramos algumas digitais na porta do quarto. O senhor nos disse que não esteve lá.

— Na madrugada não estive mesmo. Mas na noite anterior, sim.

— Pode nos contar o que foi fazer?

— Nas noites de terça tomávamos uma cerveja e jogávamos canastra. José falava de suas sacanagens. Ia me apresentar umas cabritas. Ontem estava esperando uma gostosa.

— Falou o nome?

— O senhor vai me desculpar, mas vou repetir o que ele disse: Umut, hoje vem aí uma pexereca das mais gostosas.

— O que tu sabes da vítima podés nos relatar.

— Sei muito pouco, canastra exige concentração e o José era rápido. A gente bebia uma ceva, cabritas e jogo de futebol. Eu durmo cedo. Foram três ou quatro vezes que fizemos isso.

— Leia, seu Umut, e assine. E saiba que vamos estar lhe enviando outra intimação. Sua história não está bem contada.

— Não posso estar saindo do trabalho, vou perder o emprego.

— Ô cara, tu não entendeste? Tu és suspeito de matar uma pessoa.

Episódio 4

Umut saiu da delegacia apavorado. O que ia fazer? Não tinha nada com o cabra. Ele, um dia, até ofereceu droga para vender. O dinheiro o fez pensar duas vezes, não tinha como aceitar, aquilo não era para ele.

Umut pensou em falar com Beatriz, moça que conheceu no Tinder. A moça tinha ensino superior, de repente poderia ajudar, dar alguma opinião. Ou quem sabe fugir para Torres onde ela morava. Lá poderia ser pescador como o pai sonhara. Será que o receberia? Agora não tinha como falar com ela, precisava trabalhar. Com a mãe, nada resolveria e ainda a deixaria bem preocupada.

Jogou-se na limpeza do shopping. Não era de muitas palavras, mas aquele dia estava mais ensimesmado que nunca. O chefe solicitou que ficasse até mais tarde para pagar o horário. Ficou indignado, mas fazer o quê?

Chegou na pensão mais de dez horas da noite. Jantou no shopping mesmo, tinha uma amiga, no McDonald's, que guardava sobras de lanches para ele. Entrou no chat e procurou ver se Beatriz estava acordada.

— Oi, Bia, posso falar?

— Diga, Umut.

— Lembra que te falei que um cara foi morto aqui no quarto ao lado? A polícia pensa que fui eu. O que faço? Fujo? Pensei em ir aí. Torres é a tua cidade, não é? Eles nunca me encontrariam. E aí é mar. Nós dois caminhando na praia, tu me esperando, eu e meu barco.

— Umut, foi tu?

— Não, claro que não, eu jamais mataria uma mosca.

— Então fugir do quê? Fica e enfrenta. Umut, tu és muito sonhador. Mal nos conhecemos.

— Aqui as coisas não são bem assim, Bia. Sou pobre, não tenho advogado, não sou da cidade, sou serviços gerais.

— Isso não faz de ti um criminoso.

— Pra ti não, Bia, mas para a polícia sim.

Ele ouviu passos rápidos e gritaria.

Nisto a porta foi escancarada com muita força.

— Sr. Umut, o senhor está preso.

E os policiais já foram o algemando, e ele gritando.

— Eu não fiz nada, seu. Eu nem conhecia o José, por que o mataria?

— Cala tua boca, tu vais te explicar para o Delegado.

Episódio 5

Beatriz ficou assustada com Umut. Imagina ele vir para Torres, mal se conheciam. Quando ele contou do assassinato pela primeira vez, estava ainda sob choque da noite anterior. Agora, saber que ele era um possível assassino, deixou-a apavorada. De onde era mesmo Umut? Como ele podia saber do corpo estendido no chão? Voltou para o WhatsApp.

— Umut, onde tu moras mesmo? Olha, não tem como vires para Torres, onde tu ficarias? Nós mal nos conhecemos. Tens que resolver teus problemas por aí.

Não quis contar para ele que aqui também tinha encontrado um corpo.

Chorou, não conseguia parar.

Minutos se passaram e nada de resposta.

Pensou melhor, apagou sua conversa com Umut.

E se ele não fosse aquele homem maravilhoso que se apresentou? Adorou seus cabelos ruivos, seu sorriso meigo. Era muito calmo para falar. E passear com ele pela praia... Sim, queria isto.

De fato, não conseguia imaginá-lo matando uma pessoa. A polícia suspeitar dele, aí tem coisa! Não, não, saí de um casamento complicado e, agora, tenho que escolher bem com quem me relacionar.

— São Luís do Maranhão...

Beatriz pensou: não vou responder nada.

— José era o nome dele. Era traficante.

Não posso acreditar que estou me correspondendo com esse tipo de gente.

Foi lá nos contatos e bloqueou Umut. Já era tarde.

O telefone tocou, tocou novamente.

Não vou atender. Não conheço este número.

Resolveu desligar o telefone e foi caminhar na praia. Sentou bem nos molhes e ficou observando as ondas, poucos surfistas, na areia, um que outro caminhando. Retornou bem lenta, o sol já se punha.

Passaram-se os dias e, distraída, atendeu o telefone.

— Sra. Beatriz? Aqui é da polícia de São Luís do Maranhão.

Ela gelou na hora.

Episódio 6

Umut se viu numa cela com mais de vinte homens. Ficou apavorado. E agora, meu Deus, não o deixaram telefonar para ninguém. Como mãeinha saberia que estava preso? O trabalho perderia, com certeza. O chefe, só de saber que estava preso, não se importaria, mesmo que fosse inocente.

Logo o buscaram e jogaram numa sala sozinho. O cheiro era insuportável, suor, urina, e um espelho... Não sabia se o olhavam. Tremia e suava ao mesmo tempo. Entrou um policial fortão.

— Umut, desde quando conhecias o José?

— Eu mal o conhecia, seu. O conheci ali na pensão. Jogávamos canastra e tomávamos uma ceva. Um dia, na janta, ele me chamou para um jogo e aí continuamos assim, de vez em quando. Meu trabalho é pesado, estou sempre podre, destruído mesmo.

— Desembucha logo, Umut. Encontramos tuas digitais no taco que acertaste a vítima.

— Taco... minhas digitais. Como é possível? Eu nem saí do meu quarto. Eu vi o José na noite anterior, já falei para o outro policial, ele ia receber... uma cabrita gostosa, e cla-

ro que não ia jogar comigo. Taco.... Sim, lembro que ele tinha um taco... já o segurei... um dia contei para ele que na minha cidade eu era campeão no jogo de taco.

— Chega de conversa mole. Por que bateste nele, cara? Fala logo. O pessoal da pensão disse que tu não falavas com ninguém, vivia de cara amarrada, um cara bem mal-humorado. Alguns, até medo de ti, tinham. Deu dois tapas e Umut caiu.

— Eu... eu... — gaguejou — Não falava com ninguém... ninguém nunca me deu um bom dia, seu... Eu sou de poucas palavras. — Tremia e chorava: — Trabalho o dia todo, chego cansado. E cara amarrada... ninguém paga as minhas contas... vim para esta cidade achando que seria fácil mudar de vida... e olha aí... tô trabalhando no shopping há mais de sete meses... e nada melhor se apresenta.

— Então resolveste traficar?

— Tá louco, seu... Eu... eu... traficar... só de falar tenho medo. Eu nem sabia que José lidava com isso. Fiquei sabendo pelo jornal. — Se bem que pensou, pois que um dia o José lhe disse: Deixa essa vida de merda e vem trabalhar comigo, cara. Vais ficar de capacho limpando o chão dessa grã-finagem? Mas calou-se, isso só iria complicar sua vida. — Preciso avisar para minha mãe que estou preso. Meu chefe também. Quando tempo vou ficar por aqui?

— Vais ficar até descobrirmos o motivo do teu crime, safado. Podes dar um único telefonema.

Respirei tantas vezes quanto pude. Minha boca salivava de raiva. Foi então que me dirigi ao bar. Pedi duas garrafas de água. Geladas como o inferno. Tomei a primeira de um gole só. Isto me acalmou um pouco. O dono do boteco levantou o volume da tevê. Passava um programa policial. Estavam prendendo um homem, lá no Maranhão. Nome esquisito, nariz de turco. Acusado de matar um outro, pelo fato de ser vizinho. Aquilo me revolveu o estômago! Era só olhar pro rapazola: um pobre diabo, não mataria uma mosca. Nem de perto o olhar de facínora do manco. Peguei a segunda garrafa e bati na mesa. Virei para a porta.

Sônia Coppini, *Episódio 9*, p. 48

— Oi, mãe, não fica nervosa com o que vou te dizer, e me ajuda. Estou preso, sim, eles estão dizendo que fui eu que matei o cara do quarto ao lado; não fui eu, mãe. Tu precisas arrumar um advogado.

Nem conseguiu ouvir o que a mãe dizia e o policial desligou o fone.

— Feito, cara, pensa que isto aqui é chat?

Umut, na cela, pensou na mãe, não conseguiu ouvir o que ela tinha para dizer. Como ela descobriria onde estava, qual a Delegacia. E pensou em Beatriz, não deveria ter dito nada para ela. O que iria pensar, que ele era um assassino. Ela andava tão tensa ultimamente. Só pensou em si. E se o delegado lesse o seu papo, ia pensar que ele estava querendo fugir. Estava por demais encrocado. Estava gostando de Beatriz. Adorava ouvir aquela voz sedutora antes de dormir. Tinha sonhado com os dois caminhando pelas praias, beijos. E agora isto.

— Vai mais para lá, meu. Quero sentar aqui.

A cela mal tinha espaço para ficarem sentados. Um banheiro só, não tinha vaso, só um buraco no chão, não tinha porta, tinha que fazer tudo ali na frente dos outros. A dor de barriga que tinha era de nervoso. Chegava a tremer de medo de nunca mais sair dali.

— Não ouviu? Está surdo?... E o cara o foi empurrando.

— Desculpe, estou pensando na vida.

— Humm... pensando na vida... que vida... isto aqui é vida?

Episódio 7

— Beatriz, encontramos tuas mensagens com o Umut Maldine da Silva, precisamos que nos conte tudo sobre ele.

— Eu o conheci pelo Tinder, tem dois meses que falamos. Sei que ele trabalha no shopping, quer comprar uma casa e trazer a mãe para morar com ele. Que seu pai era pescador, faleceu já alguns anos. É só isso.

Ele estava querendo ir para aí.

— Sim... — ela achou melhor falar.

— Ele ontem me enviou mensagem, estava apavorado com um homem que morreu no quarto ao lado. Eu disse para ele ficar e resolver a situação dele. Ele é inocente.

— Como tu sabes?

— Porque ele me falou.

Beatriz achou melhor não falar da pessoa morta, do possível assassinato ocorrido bem ali sob os seus olhos, ou melhor, ouvidos, coincidência? Seria Umut um serial killer? Como ele teria matado lá e aqui no mesmo dia? Pensamento esdrúxulo, o melhor era ficar quieta, nada sabia, Umut só lembrava do gemido, da pessoa caída ao lado da cama. Por que ele teria escolhido falar com ela no Tinder? Crime organizado... Eu estou enlouquecendo. O que ela teria com essas pessoas mortas, será que alguém estava querendo exterminá-la?

Respirou fundo e falou para si mesma - Quieta Beatriz, deixa de ser louca, te centra. E despediu-se do policial de forma vaga.

Umut teve que trocar de cela pela manhã, quando o policial foi entregar o café. Encontrou-o arrebatado. Chorou durante a noite, não conseguia segurar, e os caras o socavam, e mais ele chorava. Olhos, braços, pernas, tudo roxo.

— Tu és uma merda, cara... chorando. Matou um cara e agora aí, um baitola.

Episódio 8

— José estava morando na pensão há menos de um ano, relatou a dona. Não peço comprovantes de endereço. A pensão é um lugar onde muitas pessoas vão e vem. Ficou de herança do meu falecido marido. José era um homem simpático. Os pensionistas, to-

dos gostavam dele, seguidamente pagava uma rodada de bebida. Tinha dias que trazia peixe para o jantar, não só o dele, mas para os hóspedes.

— A senhora não desconfiava de tanta amabilidade?

— Agora, que tudo aconteceu, que fico pensando, ele dormia até tarde, sempre tinha uma mulher diferente com ele. Que trabalho ia aguentar um funcionário assim?

— Quem mais o visitava?

— Ele nunca recebeu visita, não, seu policial, só mesmo as raparigas vinham à noite. O policial percebeu que dali não teria mais nada de informação e a dispensou.

José nasceu e viveu em Altamira. Nos últimos anos passava algum período em São Luís do Maranhão. Vendia crack desde os seus nove anos. Foi preso quatro vezes, sempre por tráfico de drogas. Saía de Altamira quando estava pedido, ou pelos inimigos ou pela polícia. No momento de seu homicídio estava foragido do sistema prisional. Não se tinha notícia de esposa, mãe, qualquer outro membro de sua família.

O policial pensou consigo mesmo, na realidade Umut fez um favor para a sociedade de São Luís. Ser uma das cinquenta cidades mais violentas do mundo é uma vergonha, são piadas para os colegas de outros Estados. José foi o quadragésimo quinto morto do mês.

Não existe concurso para policiais há mais de cinco anos.
Seus pensamentos foram interrompidos pelo chefe.

— Tu podes atender a mãe de Umut e o advogado?

— Boa tarde. Querem ver Umut? Impossível.

— Como não, eu sou advogado dele! Vou ter que te autuar por desacato?

Calma, doutor, se o baitola estivesse aqui, o senhor poderia vê-lo sim. Acontece que, pela manhã, foi transferido para Pedrinhas.

— Transferido? Não é possível. Ele é primário, tem endereço fixo.

— Ele cometeu um homicídio, e as provas são consistentes. Estamos superlotados.

O advogado acalmou-se e dirigiu-se ao Fórum, teria que pedir logo o habeas corpus para seu cliente. Conhecia bem aquele presídio e sabia dos horrores que se passavam. Como o delegado não o esperou? Por isso a violência avançava na cidade, ninguém tinha pena de ninguém. Os policiais não sabiam diferenciar um bandido de um cidadão trabalhador honesto. A mãe chorava, desesperada.

— Meu filho levado para Pedrinha.... Doutor, vou esperá-lo no presídio.

— Sim, sim, devo chegar logo com o habeas.

— Umut, o que fizeram contigo?

Ele tinha o olho roxo, o braço enfaixado, e quando encontrou a mãe não parou de chorar.

— Mãe, eu queria não chorar e não consigo. Eles me batem, dizem que aqui é lugar de homem. Sou homem, mas não matei o cara.

— Eu sei, meu filho, não chora. O advogado vai te tirar daqui.

— Mãe, a cela tem tanta gente que não dá para sentar. Tu lembras daquele cara que cortou a cabeça duns presos, ele está lá comigo. Tu tens que pedir para o advogado me tirar daqui. Por favor, mãe, me tira daqui.

A mãe foi retirada pelo guarda, ele se agarrava a ela.

Episódio 9

Dona Dilara não saiu da frente do presídio. Sentou-se em um banco na fila do dia de visitas e não arredou pé. Assim como o filho, o choro veio descompassado.

Outras mulheres que estavam por ali vieram conversar.

— Meu filho, meu caçula, um trabalhador, tão dizendo que matou um cabra. Não foi ele, eu sei que não foi. Bateram nele, tá todo estropiado.

A outra a abraçou e ficou quieta. Chegou mais uma e disse:

— Oxente, vamos levá-la até a defensoria pública.

— Gente, não tem mode de que eu saio daqui. Tô esperando o advogado que vai trazer o habeas.

— Tia, isso demora. Vamos ali em casa, tu deita, descansa. Tu tens celular? Ele te liga.

— Vou ficar, rezar e me acalmar.

— Minha casa é bem pertinho, tu deita, toma um chá, eu rezo contigo. Vamos, tia, vamos. — E foi puxando Dilara, que não teve como recusar.

O dia passou, e nada do advogado ligar.

Acordou noutro dia com sirenes. Nem a roupa tinha trocado, dormiu como chegou, não houve jeito. A dona da casa ofereceu para tomar banho, e nada.

— Vamos, Dilara, vamos, aconteceu alguma coisa, é muita sirene.

Na rua, uma fumaceira.

O telefone toca.

Dona Dilara, consegui o alvará de soltura, já estou a caminho.

— Corre, doutor, corre, o presídio está em chamas.

O número de ambulâncias que saíam do presídio era incrível. As mães, filhas, esposas, as famílias e amigos vinham chegando. O noticiário já falava do incêndio. No telhado, presos gritavam, se via um deles com uma cabeça na mão. Dilara desmaiou.

Acordou na casa da amiga.

— Umut, Umut... meu filho... Umut...

— Tia, Umut de quê?

— Madine da Silva

— Tia... tu tens que ser forte... tia. Umut está na lista dos falecidos.

Episódio 10

Dilara falava cada vez menos, saía da cama para a rede e lá se deixava ficar, olhando fixo o mar. Depois da morte de Umut, retornou a morar na casa onde viveram na infância do filho. Ouvia-o chegando com o pai.

Mãe, mãe, olha o bagre que o pai pescou. O pirão... oh mãinha... cadê o pirão?

As lágrimas secaram, não as tinha mais. Ela sempre sonhara com ele ali, indo para o mar como o pai. Pensava nos netos... voinha... voinha... As amigas diziam que era doida. Quanto pescador morreu no mar. O pai dela mesmo não viveu cinquenta anos e casou-se com Iemanjá. Assim era a vida de pescador.

— Voinha... Olha, o carteiro deixou uma carta pra ti... do Fórum... lá da capital.

— Lê logo, menino... do Fórum... o que poderia ser?

— Da defensoria pública, diz aqui... daquele advogado vó.

— Lê... lê...

Estimada Sra. Dilara,

Espero que esteja bem entre os seus. E quero que saiba o quanto ainda hoje não me perdoou, pela burocracia do Estado, pela negligência dos agentes públicos, responsáveis pela morte de Umut. Não escrevi antes e nada lhe disse, pois preferi esperar a sentença judicial. Pensei que o sofrimento que enfrenta é grande. Ontem o Juiz deu ganho de causa para o pedido de indenização contra o Estado. Umut era primário, tinha trabalho e endereço fixo. Ele se apresentou para dar o depoimento, deveria ter respondido ao processo em liberdade. A transferência para uma penitenciária, lugar de cumprimento de presos condenados, foi totalmente ilegal e cruel.

Dilara agoniada...pensa: — Do que me adianta dinheiro? Eu quero Umut. Ele está morto. ... Segue, fio, segue...

Seu filho Umut, como sabíamos, era totalmente inocente. Seguem, em anexo, o Alvará de Soltura e o laudo de necropsia. A pretensa vítima, José, morreu devido ao rompimento de um aneurisma. Ele sentiu-se mal e caiu. Batendo com o corpo no móvel onde estava o taco. Este caiu junto ao corpo. Ele gritou de dor, pois declararam os médicos tratar-se de dor intensa e forte.

No dia 23 de outubro, às 14h, preciso que esteja no Fórum com todos os seus documentos e número da sua conta bancária. A contar desse dia, irá receber dois salários mínimos por mês durante trinta anos. Deixo-a com meus sentimentos e as sábias palavras do meu prezado George Orwell:

“Degrada-se a linguagem política para que as mentiras soem, a verdade e o assassinato sejam respeitáveis e para dar uma aparência de solidez ao que é puro vento.”

Mãinha chorou e pensou que a serpente encantada tinha encontrado sua cabeça. São Luís estava inteira, mas sua vida e a dos seus estava destruída. Não iria mais lá. Para que precisava de dinheiro no lugar do filho? Deitou-se na rede e ficou ouvindo... a música preferida de Umut que dizia...

Bota a rede...

bota a rede no mar...

ô canoeiro...

Bota rede no mar...

vai ter presente para Iaiá.

VIDA E OBRA DE JOSEPH

Clotilde Grassi

Episódio 1

E A VIDA CHEGA AO SEU OCASO

Joseph, 83 anos de idade, longa barba branca, semblante suave e olhar acolhedor. Seguiu a vida, decidido a salvar pessoas do desamparo emocional. Viajou o mundo, escreveu muito bem e sempre, para deixar o legado de sua obra, sem almejar reconhecimento ou homenagens.

Devido à origem humilde e desprovida de afetos, quis ser para todos um alento e um guarda-chuva amoroso. E foi. Com olhar paternal, segurando as mãos enquanto ouvia atento os lamentos da alma, ia curando em silêncio e disposição de amar, já que ele mesmo não fora amado nem guardado. Sentia-se um pai para todos, embora não tivesse tido filhos biológicos. Escolheu ser padre.

Lembrei do santinho do colete. A contracapa tinha a foto de um beato. Este, nunca vi. Um tal Joseph, sobrenome alemão. Me lembrou o velho da praça, só que com as barbas até o peito. Abri na parte central do folheto. Mãe Admirável, me ofereço a vós.

Sônia Coppini, *Episódio 4*, p. 41

A última palestra foi proferida na Alemanha, a plateia nem respirava. Começaram olhando para os lados, distraídos, para logo irem afundando na cadeira, envolvidos inteiros por aquela fala amorosa e plena de verdades. Ninguém percebeu as quase duas horas de duração, inebriados que estavam. Com um aceno, calado, retirou-se até a sala contígua para pegar suas coisas. Não deu tempo. Encurvou-se, conservando o silêncio, tombou para sempre, em paz.

Nasceu numa família europeia, rígida, sem pai. A jovem Catarina engravidou na adolescência e teve que suportar a gestação no sótão, onde a mãe, escondida do patriarca da família, a visitava uma vez por dia e levava comida. Uma noite, sua mãe acordou sob espanto, e resolveu ir ver a filha grávida, quase em vias de dar à luz, e a encontrou tentando o suicídio.

Joseph nasceu menino e foi criado escondido dessa vergonha de não ter pai. Morou em casa até os três anos de idade, época em que Catarina o depositou num orfanato. O vazio dentro de si parece não ter sido preenchido nunca. Fugia dessa solidão, correndo para a rua, sabe-se lá em busca de quê. Mas era capturado em seguida, pois o uniforme o denunciava. Por causa deste atrevimento era, depois, muito castigado, nunca amado. Desenvolveu asma, sentia-se sufocado, sintoma que o acompanhou até ser recolhido ao holocausto de Hitler, em Auschwitz, campo de extermínio nazista. Com a derrota da Ale-

manha, foi libertado com vida. Um sobrevivente que auxiliou os demais companheiros de infortúnio do campo, desesperados por comida e pela vida.

Quando jovem, queria ser padre, mas não foi bem recebido, pois o achavam muito frágil emocionalmente. E doente. E perturbado, talvez. Insistiu muito e foi acolhido no seminário. Não o deixaram ser padre, ao final dos estudos, como tanto queria. Passou muito tempo sendo observado, até ser ordenado. Queria acolher almas. Foi então que tomou a decisão que mudaria sua vida. Sem afeto algum, sem ter com quem discutir sobre as dúvidas a respeito da vida e espiritualidade, passou a estudar muito. Escrevia até madrugadas. Decidiu, a partir de muita leitura, que faria tudo em todo o tempo com o máximo de zelo e boa vontade em prol dos outros. Principalmente em favor dos fracos. Dizia ser tudo bênção, até a falta da respiração. Com firme propósito, saiu em defesa dos abandonados afetivamente.

Construiu comunidades de casais, de jovens, com pedagogia própria. Joseph conseguiu ser um guia, um orientador, um formador e uma fonte inesgotável de amor e fraternidade. Foi assim que se sentiu curado da própria carência. Entendeu, por si mesmo, às custas de muito ler e meditar, que o ser humano foi criado para o outro e não para si mesmo. Deixou muitos livros escritos, que salvaram relacionamentos e foram utilizados por professores pelo mundo afora.

Esteve em Santa Maria pregando retiro para as Irmãs de Maria de Schoenstatt, nos anos 1980. Em Porto Alegre há um grupo destas irmãs junto ao Santuário de Schoenstatt no Bairro Assunção, aberto para todos. Um lugar singular, de paz e aconchego em meio a cimento, ferro e pedras. Ali está um paraíso feito de silêncio e encontro. Uma estátua de Joseph está neste pátio, como um convite aos leigos para que se enveredem por uma vida plena, amorosa, fraterna, solidária e despojada.

Episódio 2

PEDAGOGIA E VIDA



Santuário Porto Alegre
Foto: Marcia Kazumi

Maravilhada com a leitura dos livros escritos por Joseph, com relatos de sua vida dedicada ao próximo, procurei seguir os ensinamentos e a pedagogia nas aulas que ministrei quando professora. Além disso, o grupo de espiritualidade para casais, seguia por esta via. Ensinava o amor e a compaixão, pregava o entendimento a partir do pressuposto que cada um tem tempo próprio para dar aquele giro que fará a diferença entre ser uma pessoa truculenta e aborrecida ou ser grata, leve, de coração livre, isenta de julgamentos.

Se aprendi? Não muito, mas afirmo que tentei bastante. Continuo ligada a este carisma, por isso visito o Santuário de Schoenstatt no Bairro Assunção de Porto Alegre. Existe a paz celestial neste recinto, que penso vir de Joseph, seja lá onde esteja, provavelmente em alguma morada para ele reservada no Paraíso. O Santuário é réplica perfeita daquele original de Schoenstatt na Alemanha. Um aconchego em seus quatro metros de largura por seis metros de profundidade. Ao entrar, o silêncio invade a pessoa. Alguns bancos duros de tábua grossa, um corredor entre as duas fileiras que direcionam o orante até o altar. O sacrário, a mesa do altar, o local dos santos, é tudo de madeira talhada à mão. As flores que adornam este singelo lugar são vivas e revelam o cuidado permanente das irmãs, discípulas do fundador Joseph. Tem quatro vitrais, dois em cada parede lateral, de onde emanam raios multicoloridos, atravessados pelo sol, iluminando o rosto de São Pedro, que segura em uma das mãos as chaves do céu. Em cada um dos lados do altar, na parede de fundo, estão dois grandes anjos bem alvos, guardando o quadro de Nossa Senhora, a Mãe Rainha. Joseph esteve em duas oportunidades no Santuário de Porto Alegre, ao visitar o Brasil em trabalho missionário.

Certo dia, fez ali um momento de oração. De joelhos, compenetrado, tão absorto em Deus que uma tempestade bateu a porta, fez voar as cortinas e ele não se moveu. A irmã Lídia, religiosa responsável pelo Santuário, fechou os vitrais e saiu sem ser notada por ele, que continuou meditativo. Ela descreveu a cena, enfatizando que parecia um corpo inerte, de joelhos, olhos cerrados. Pensou que a alma tivesse voado para o além e ali tivesse ficado apenas um corpo de joelhos. Entretanto, ele saiu inteiro uma hora depois, com o semblante calmo e com uma paz inexplicável se derramando pelo rosto.

No ano de 2006, fui de Caxias do Sul a Santiago com meus filhos Gustavo e Guilherme. Paramos em Santa Maria para rezar. É mais uma das réplicas do Santuário acima descrito. As irmãs nos levaram para um café com biscoitos feitos por elas. Disseram ter sido elaborados com água benta. Era mesmo uma delícia sem igual. Antes de seguirmos viagem, fomos apresentados ao quarto onde Joseph havia se hospedado quando viera à Santa Maria inaugurar o Santuário e pregar retiro para as irmãs. O local foi conservado tal como ele deixou, tendo falecido um ano após essa vinda ao Brasil, em 1967.

O dormitório expunha a pobreza dos simples, sem banheiro e nenhum conforto. Um ventilador antigo, simples, de pás retorcidas, repousava em cima da mesa de cabeceira, como guardião da Bíblia de capa plastificada. Sobre a escrivaninha de madeira antiga, com uma só e pequena gaveta, tinha um bloco com escritas e notas em alemão, além de uma caneta e um tinteiro com um resto de tinta seca. A cama muito simples e estreita, estendida por ele, conserva um alvo lençol e um só travesseiro, escorado na estrutura de

ferro. Ninguém quis conversar no local, dava para sentir a santidade que ali ele deixou. Nossos olhos atentos percorriam aquela singeleza de lugar, sem nenhum ânimo para qualquer comentário. O silêncio e a introspecção davam a ordem.

Emocionada, saí com vontade de chorar. Quanta beleza nas almas simples, capazes de impregnar os objetos e paredes. Vale a pena ser bom.

Conservei alguns livros de Joseph, faz tempo que não os leio, mas guardo como recordação. Contam que ele dispunha de alguns voluntários auxiliares para digitar seus escritos. Varava as madrugadas, necessitando de revezamento dos voluntários. Joseph não cansava. De sua fonte interior jorrava inteligência, como a nascente de um rio. Era a vida interior que brotava abundantemente como cascata. Muito humilde tentava trocar ideias sobre a mente, a alma, santidade e sentido da vida com seus superiores. Desabafou, dentro do capítulo de um livro, que não encontrava correspondente para essa troca de experiências e descobertas pessoais que lhe fossem equivalentes ou inspiradoras. Partiu, então, decididamente, para leituras e meditação, carreira solo. Daí brotaram os livros, as palestras, as conferências e as respostas. Dizia que somos seres incompletos em busca de plenitude.

Neste tocante, importa ressaltar as colocações de um psiquiatra, entrevistado no programa Viver Melhor, de Cláudia Tenório, no mês de setembro. Segundo ele, a meditação atinge a região frontal cerebral, estimulando a intuição, mostrando saídas e soluções, desenvolvendo insights. Neste nicho estariam todas as respostas e indicações para uma vida satisfatória, saudável, longe das farmácias. O acesso a esta mina intocada do cérebro, traria conhecimentos extras, discernimento e sabedoria, além de dar vazão a talentos nunca imaginados. Finalizou a entrevista afirmando que não há nada descoberto, hoje em dia, que funcione mais e melhor do que a meditação. É um tesouro disponível a todos e a cada um, individualmente, em nossa massa cinzenta.

E, se houver algo melhor, por favor, lhe ensinem, ele desconhece.

Episódio 3

RECAPITULANDO SEU PASSADO

Quando Joseph retornou de viagens e peregrinações internacionais, desta vez de regresso dos Estados Unidos, deparou-se com o velho taco de beisebol. Foi colocar a pesada mala quadrada sobre o armário do quarto e a mala teimava em rolar para o chão. Percebeu o taco ali, esquecido, atrapalhando a acomodação da bagagem. Afagou-o em suas mãos já trêmulas e alisou em toda a extensão. Era de pesada madeira, mais fina de um lado, alargando-se harmoniosamente até o final. Hoje em dia tem tacos mais leves, confeccionados com novos e modernos materiais. Visualizou, mentalmente, as tacadas certas que tinha desferido nos longínquos dias da adolescência e juventude. Queria poder correr de novo sem parar, mas agora o corpo sentia o peso de tantos anos. Naqueles dias foi orientado a praticar esportes como forma de vencer a asma, essa su-

focação que não raro o obrigava abandonar o campo, soltar o taco e tentar achar o ar. Na verdade, soltar o ar que entrara nos pulmões e ficara lá, a lhe sufocar.

Foram os superiores da Escola que o incentivaram a participar dos jogos como medida desesperada de vê-lo curado daquele desconforto. Certamente os professores não se sentiam confortáveis vendo o aluno sair tantas vezes para respirar lá fora. Esta prática poderia contagiar os demais alunos numa época em que a disciplina imperava. Para cada situação nova ou estresse, uma nova crise de ar lhe abatia. Sabia-se da infância infeliz, da chegada indesejada ao mundo, da imensa rejeição que se utilizava dos pulmões para mandá-lo de uma vez para além vida.

Mas Joseph venceu a asma e a insegurança.

Depois de tantos solavancos e temporais, tornou-se um forte servo da humanidade, dedicado à causa de tantos, que se identificava com os demais carentes de amor verdadeiro. Pela sinceridade e dedicação aos irmãos sofredores, a Igreja acolheu, por fim, o pedido para o sacerdócio.

Não há como esquecer as tantas dores que a desconfiança lhe incutiu.

Conservando-se em pé com o descascado taco nas mãos, esqueceu o tempo e recordou muito a vida que ficara para trás. Quando jovem ainda, estudante de Sociologia, Antropologia Humana e Teologia, tinha suportado uma grave crise espiritual, que o levou, agora lembra, ao esgotamento de suas forças. Abalado só de pensar nisso, bateu com o taco no chão. A seguir, fez o movimento de arremesso, vendo em sua frente, ainda que de forma imaginária, a bolinha rodando no céu. Não se destacou como atleta, ainda que se esforçasse. Abandonava repentinamente o campo de batalha, soltando o taco onde se achava e, se encurvando para encontrar o ar, tombava ali mesmo. Os colegas o socorriam erguendo os braços, bem alto, na vertical. Nem sempre resolvia o problema, mas Joseph se esforçava bravamente para se restabelecer como resposta à dedicação dos amigos.

Recordou, também, o tempo de professor de teologia, trabalhando com pequenos jovens aspirantes, emocionando-se até às lágrimas ao ver aqueles meninos inseguros, precisando de um pai amoroso e compreensivo que os sustentasse. Vendo-os assim, decidiu ser este pai, sendo confrontado pelos bispos que o acusaram de querer se colocar no lugar de Deus Pai. Tinha certeza que não se avocava tal posição. Era humilde e dedicado, tão só. Revelou-se um pedagogo muito dotado, já que o afeto é primordial quando se ensina. Enfatizava aos jovens a importância de se tornarem fortes, sobretudo livres, e nada fazer que lhes fosse imposto.

Deus quer corações livres, do contrário Ele não tem interesse.

Foi grande a alegria quando fundou o movimento jovem de entrega pessoal. Lembra bem da fisionomia de cada um, agora, enquanto afaga o taco de beisebol. Não o larga, pois é este objeto de madeira que lhe puxa o pensamento para trás, para o que foi construindo-se em quem agora é. A fundação tinha como prioridade oferecer livremente o coração de cada jovem em busca de um mundo melhor para se viver, tendo alcançado muitos países, entre os quais, o Brasil. A mudança que se queria ver no mundo, começa-

ria por cada um, conforme preconizou Gandhi. O Movimento de Schoenstatt dava sinal de prosperidade desde a base inicial com estes jovens, oferta pessoal em prol da humanidade. Sem sacrifício e de coração livre estes (jovens) acolheram com alegria o rumo de uma vida nova, que seria feliz não viesse, em seguida, a segunda guerra mundial. Requisitados, seguiram resignados para defender a Alemanha com seus uniformes e quepes azul-cinza característicos.

Era sabido que muitos não voltariam.

Acusado pelos homens de Hitler de que criava agrupamentos e provocava tumulto, Padre Joseph Kentenich foi preso, interrogado ininterruptamente e, por fim, mandado ao campo de extermínio nazista de Dachau; posteriormente, transferido para Auschwitz. Sente em seu estômago a dor da fome que lá sentiu. Neste momento, as pernas cansadas tremem ao sentir a fraqueza que mal conseguia suportar o peso do corpo esquelético. Por vezes, pensou não mais ser possível restaurar os músculos desaparecidos.

Enfim, está vivo. Sente-se muito vivo no retorno de mais uma viagem internacional para palestrar. Sai um sorriso espontâneo ao lembrar as comunidades da América Latina e África, onde esteve semeando. Renovado por estas imagens gravadas na memória, repõe o taco de basebol sobre o armário, joga o corpo cansado sobre a cama. Sobra espaço no colchão, o corpo pequeno se afunda. Sente fome, mas os músculos gritaram mais.

Episódio 4

EM BUSCA DE AR

Dizem que esporte é vida — física e mental. É verdade. Comprovadamente, a corrida, as tacadas de beisebol, o adversário, na eminência de te desbancar, se pensa em quê? Em nada. Existe o nada. No nada, a paz. E o corpo segue sua marcha rumo ao funcionamento natural, vocação para o qual foi feito.

Uma tacada, duas, três, e coff, coff, coff, chiii.

Acordei roxo, deitado na grama, com um amigo segurando minha perna para cima, apontando para o céu. Outro a sacolejar meus braços, outro afundando meu tórax e mais outro me abanando com sua camiseta.

— E aí, seu louco, quer matar a gente de susto? Como é o lado de lá, o andar de cima que dizem ser em cima?

— Fiquei aqui, não parti para o além, e agora estou imóvel com o peito ardendo, ardendo. Rasgado o peito por dentro.

— Quem te disse que o esporte te traria o ar que te fuge?

— Meu professor que não aguenta eu sair da sala, mau exemplo para o resto da turma. Correndo se é feliz, asseguro, sob o sol, livre no espaço, liberto da vida, o espírito voando com a bola. Pena o ar que não quer me acompanhar, fico sem forças, caio mal, fica a dor, a ardência e o desespero.

— Por hoje já nos assustou bastante, vamos terminar o jogo sem você. Fica assistindo, quem sabe da próxima vez você consegue, aos pouquinhos, até vencer teu pulmão fechado.

Voltando o ar, devagarinho, a cor, a energia, a vontade de correr, mas ninguém vai querer alguém assim no time. E o sentimento de rejeição quis chegar, com a lembrança da falta de afeto de toda uma vida, razão pela qual o ar se ausenta.

Episódio 5

MEDITAÇÃO E ESCRITA

A falta de afeto é um veneno na carne. Nunca para de produzir efeitos. Em que pese as pessoas queridas, generosas, amáveis de tantas horas e dias, uma pontinha de amargura aparece tão logo a pessoa detecta um fiozinho, que seja, de uma rejeição ou ser relegado por coisa pouca.

Este viés, escondido em nosso íntimo, não tem lugar definido e vai revelando uma fragilidade fina, vivaz e de fogo acesso em meio aos escombros. O mal-estar consigo leva a muitas indagações. Joseph resolveu falar com colegas espiritualizados. Suas questões sobre o mundo, a vida, os sentimentos, as emoções, não receberam as respostas esperadas.

Quem não viveu, não sabe.

Resolveu ir ter com seus superiores, doutores, teólogos, sociólogos, filósofos. Tampouco encontrou as respostas para seu desassossego.

No silêncio interno, dentro de cada um, concluiu que estão todas as respostas. Haja introspecção para tanta revelação. E quando nada responde, nenhuma voz, intuição, fervor dos anjos, nada, nada... A angústia crescendo, os outros não sabem apaziguar, e a busca prossegue.

*Meu querido amigo Joseph
Desculpa escrever novamente solicitando o bálsamo de tuas palavras. Sei que tens
muitas vidas precisando de ti, mas não saber se meu filho está vivo e, se está onde está, em
que condições se encontra e qual seu estado de saúde me angustia dia e noite. Está muito
difícil.*

Maurícia Mees, *Episódio 10*, p. 80

Acreditou que o abandono de si, a doação do seu sagrado ser aos mais necessitados romperiam as camadas de rochas internas carregadas de dor e de alento, como libertação. Um salto de qualidade, o amor brotando gratuito aconteceu e surgiu a luz: não viemos para nós mesmos.

Joseph passou a escrever sobre temas que ninguém queria enfrentar. Seus livros ganharam o mundo, as escolas, os cursos. Tanta gente queria entender melhor as relações

humanas nas mais variadas e curiosas formas e não encontrava material bem escrito, bem pensado, embasado na antropologia. Em Joseph tudo era pensado com profundidade. A observação do que é humano não lhe assustou, levou-o à compreensão. E à escrita.

A mente criativa vai deixar um legado inestimável com seus escritos gravados em papel para acesso de tantos. Os livros foram até aqui o veículo da formação dos grandes tratados e teses. Não é crível que os livros serão substituídos pela telinha. Isso já vem sendo dito há muito tempo. Se ainda não ocorreu, importa ter em mãos estes papéis grafados para serem lidos em lugares remotos, nos travesseiros de noites insones, no meio do mato, no espaço, voando.

Atento aos escritores, famosos ou não, quanta reescrita, catando a palavra certa, a mais adequada, a mais significativa, a mais expressiva. Muitas releituras, correções, buscando o dizer mais perfeito. O livro é o sonho da busca por mais. Quem lê é mais, pois já foi mais.

Maior é quem escreveu, criou, expressou.

Esquecido da asma sufocante, da contabilidade de quantos negaram afeto lá nas fraldas, alheio aos elogios, segue deixando sua marca de vitória expressa. Sabe muito, sofreu muito, ensinou demais. Deixa para a posteridade seu legado de paz, de bom entendimento das causas humanas, tão incompreendidas quanto sombrias.

Há esperança, há luz nas palavras que beijam as páginas e os corações dos que leem.

Ao sentir os raios de sol queimarem meu rosto, abri os olhos.

O lugar, deserto.

Mas, do outro lado, enxerguei o velho e seu livro, o que gasta seu tempo na praça, sempre no mesmo lugar.

Ele acenou para mim.

Eu não tinha forças para levantar o braço. Devagar, veio ao meu encontro.

Quando chegou, botou sua mão em meu peito.

Estremeci.

Um alívio infinito tomou conta de mim. Suas roupas iguais às de sempre, mas a expressão e o olhar iguais àquele do santinho: Joseph, Joseph não sei do quê.

Apenas sorriu.

Sônia Coppini, *Episódio 10*, p. 51

TODA UMA HISTÓRIA DERRAMADA

Terezinha Lanzini

Episódio 1

Sentada à mesa do computador, Beatriz escutou o telefone tocar. Antes disso, porém, percebeu aquele grito seguido de um gemido e, depois, o baque seco semelhante a um soco. O coração disparou. Sentiu-se instigada a espiar através de um vidro lateral e viu, horrorizada, um corpo estendido.

Enrolando um cacho de cabelo, se perguntou: e se eu fosse lá? Poderia ver se o corpo está sem vida ou, apenas desacordado. Mas, ninguém me compreenderia. Seria inapreensível. Nisso, soprou um vento repentino, a janela onde ela estava se abriu, o sol flamejou nos vidros, porém, os ruídos emudeceram.

E, quando o sino da Matriz começou a soar, passou lentamente pelo elevador. Não queria que ninguém percebesse sua angústia. Então, desceu as escadas, abriu o portão e atravessou a rua. Sua sombra resvalou no muro e na calçada sobre a qual ressoavam seus passos. Sentiu uma angústia transpassar-lhe os pensamentos, suas incertezas, quanto ao voltar e enfrentar a situação de perto.

Olhos cansados pela vigília, ofegante, tropeçou na raiz de uma árvore que se espalhou pelo caminho e desapareceu.

Episódio 2

Desperto quando sinto a luz do sol transpassar a cortina. Me visto rapidamente e lá estou eu a fazer minha caminhada ao redor da praça. Ver a cidade, as casas, os quintais se transformarem e se iluminar ao amanhecer. Dá até para escutar a conversa das árvores com a passarinhada que acorda.

Trajetos cumpridos, passo na banca e pego um jornal. Sento naquele primeiro banco, perto dos hibiscos, em frente à quadra de esportes.

Antes de começar a ler, escuto um ruído. Era um pardal que ciscava na terra. Meus olhos passeiam pelo entorno e encontram um homem acendendo um cigarro. Sua mão treme. Respira com esforço. Próximo dele, um menino magrinho, de bicicleta, descansa o pedal na ponta de uma mureta.

Para minha surpresa, desfila cedinho pelas calçadas – uma musa das ruas, talvez com seus dezoito anos, carregando uma mochila e tênis da Nike.

Saindo de uma área mais densa, surge um andarilho, trazendo consigo seus parques pertences, numa bolsa grande e surrada. Ao seu lado, em pé, um fotógrafo registra os passantes, estilhaçando no papel a força da desigualdade social.

Registros ficam, o passado some no presente, e já somos outros.

Caminho de volta para casa, pensando que, no meio do torvelinho das histórias, as imagens que guardamos ficam obstruídas com o ruído do mundo.

Umut pensou em falar com Beatriz, que conheceu no Tinder. Tinha ensino superior, de repente poderia lhe ajudar, lhe dar alguma opinião. Ou quem sabe fugir para Torres onde ela morava. Lá poderia ser pescador como o pai sonhara. Será que o receberia? Agora não tinha como falar com ela, precisava trabalhar.

Magaly Andriotti Fernandes, *Episódio 4*, p. 11

Dispenso o elevador. Subo sem pressa degrau por degrau da escadaria do prédio. Lá de cima, me volto e vejo um homem de porte atlético, aparentando seus 50 anos, a me sorrir. Olho fixamente e tento reconstruir aquela cena.

Um sentimento confuso me invade. Por um momento, tenho a certeza de que não sei mais chorar.

Episódio 3



Foto: Terezinha Lanzini

Entro no prédio. O elevador chega ao 5º andar e nem percebo. Logo que entro no apartamento, escancaro todas as janelas para sentir o vento frio destes últimos dias de outono. Os pensamentos parecem fochos de luz debruando nuvens que estreitam o céu. Ali permaneço absorvida e até esqueço aquele homem de porte atlético e seu sorriso, lá ao pé da escada.

Volto à realidade.

Vejo à minha frente a bancada com livros, cabide com casacos, relógio marcando dez horas.

Sobre a mesa, uma camada de poeira.

Começo a retirar o pó, e depois, repito no aparador. Seguro com delicadeza o retrato no qual estão meus avós, passo a flanela com cuidado. Logo a seguir, o outro, no qual estão meus pais. Antes de terminar o trabalho, escuto um pequeno ruído.

O pino que prendia a parte de trás se soltou e caiu no chão, deixando despencar uma folha de caderno dobrada.

Nela estava escondido meu desabafo de menina.

Então, aquela imagem reaparece encoberta por um emaranhado de sombras, impostas pela teia do silêncio.

Cabelo solto, encaracolado, que insistia em se colocar atrás das orelhas.

Confesso que, muitas vezes, escolhi desviar meu caminho de volta para casa e me demorar em frente ao Estúdio Fotográfico.

Na vitrine, fotos de meninas sorridentes nos seus quinze anos, noivas com seus buquês e grinaldas e crianças no dia de sua primeira comunhão.

Uma noite, após o jantar, perguntei à minha mãe se poderia me dar de aniversário, um book com minhas fotos. Seria meu presente de quinze anos. Secando as mãos no avental, ela prometeu que encontraria um jeito de completar as economias guardadas.

Enquanto isso, comecei a me aproximar e permanecer mais tempo em frente àquele vidro. Só não gostava do semblante do dono da loja, seu Ramires.

Em uma manhã cinzenta ameaçando chuva, todos alunos foram dispensados mais cedo e eu permanecia ali, quando ele apareceu à porta e perguntou:

— Gostas de fotos? Entra para conhecer meu trabalho.

Subi até o primeiro degrau e prometi que voltaria.

Sem mamãe saber, aceitei que fizesse meu retrato.

Naquele dia, colhi flores que cresciam junto à cerca de minha casa. Usei uma blusa como ele havia sugerido. Sentei em uma cadeira branca com um lindo espaldar, abracei o ramallete e, tímida, me escondi atrás.

Olhei-me no espelho, ajeitei o decote. Foi quando ele se aproximou, bateu a primeira foto.

Fiquei linda, emoldurada pelo verde do meu olhar.

Sem demora, puxou a alça da blusa e tocou de leve em meu braço. Depois no seio.

Bateu outra. Palavras não foram ditas. Ecoaram esfaceladas em minha dor.

Meu imperceptível abandono foi em seus braços. No espaldar da cadeira ficou meu sutiã cor-de-rosa.

Meu pai não estava em casa quando retornei e minha mãe ocupava-se com o jantar. Com passos trêmulos consegui chegar ao banheiro. Eu estava imunda e tudo doía em mim.

Ela, sempre envolvida em seu mundo, que se resumia às tarefas de casa, não percebeu a ausência do presente de aniversário que havia prometido. Nem nunca me perguntou o desinteresse pelo meu tão sonhado book.

A folha amarelecida, e num impulso, rasgo em pedacinhos. Jogo aqui de cima meu segredo por tanto tempo escondido.

Percebo que o ar entristece.

São tantas palavras que gritam e assombram o breu desta manhã.

Na verdade, um desabafo que até hoje, ninguém conhece.

Foi difícil para uma menina, esquecer a dor, a decepção, o cheiro e o medo. Foi o medo que me fez dar um passo para trás ao tentar confiar em outra pessoa.

Alex chegou em uma tarde de verão que recém iniciava.

Entrou em minha vida quando abri a porta. Foi naquele momento que comecei a reconstruir e compreender minha história.

Até o dia em que teve a coragem de me enviar aquela carta. Em poucas e frias letras, se desculpando por sair sem se despedir, à procura do riso de Maria Clara, minha quase irmã.

Irmã pela metade.

Episódio 4

Contemplando os potes com violetas enfileirados na janela, Maria Clara pensa em como escrever sua história. Coloca a xícara com chá sobre a mesa, senta-se no sofá e tenta se concentrar. Suspira. Levanta e fecha a veneziana. Está anunciando chuva.

Vivera toda sua vida às margens da indiferença.

Certa manhã, quando escutava o vento assobiar por entre os galhos das árvores, assistiu o voo tranquilo de uma garça ao longe e, isso soou como um presságio da tão esperada confirmação de uma dúvida que a atormentava desde criança.

Estufou o peito, se encheu de coragem e foi até a varanda onde o pai costumava adormecer na rede.

Quando seu Horácio abriu os olhos, ela foi logo perguntando se havia um laço de sangue entre eles. Se também era sua filha.

Ele continuou deitado com as mãos sob a cabeça, com um riso debochado estampado no rosto e, olhando-a sem nenhum vestígio de ternura, exigiu que se retirasse.

Aquela reação implacável atingira, em cheio, o desejo antigo e solitário; afinal, não era nem mesmo uma filha adotada. Era consequência de uma vivência amorosa qualquer. Um amor proibido como se lê nas revistas e jornais. A filha ilegítima.

Contudo, lhe deram oportunidade de estudar. Não no colégio das freiras como suas irmãs. Em uma escola pública, fez o segundo grau com habilitação para o magistério.

Quando foi aprovada no vestibular para licenciatura em matemática, ganhou de presente um pequeno apartamento e uma poupança suficiente para manter-se.

Os trabalhos, as provas nestas disciplinas não eram fáceis.

Um terço dos alunos desistira já na metade do curso. No sexto semestre, o professor orientador sugeriu a monografia e indicou o nome de um ex-aluno.

Esta indicação mexeu com sua altivez.

Era um homem conhecido e familiar. Mesmo assim, foi conversar com ele sobre ser esta uma indicação do orientador.

Começaram a reunir-se em sua casa, aos sábados à tardinha. O clima era tenso. Não tinham afinidade.

Os primeiros encontros foram cerimoniais e forçados. O fato de estarem juntos, os irritava.

Com o tempo começaram a perceber afinidades.

Uma cálida amizade se instalou entre os dois e pequenos gestos que haviam passado despercebidos – um toque no braço, um encontro casual de mãos, um roçar de pele – fizeram com que percebessem o quanto estavam presos num labirinto de sensualidade, antes mesmo de terem terminado o trabalho de dissertação.

O pouco tempo juntos não significou indiferença. E nem viverem esta história significou desagravo.

Alex foi marido de sua irmã Beatriz.

Episódio 5



Foto: Terezinha Lanzini

Alex entrou em seu escritório atulhado de livros, computadores, papéis soltos; andou por entre as mesas, olhou pela janela — a rua, as calçadas vazias, as árvores, as lâmpadas ainda acesas. Teve a primeira insônia completa de sua vida. Virou-se e revirou-se na cama. Levantou. Trancou os vidros para reter o silêncio entre as paredes. Não conseguiu. Acendeu a luz do quarto e saiu. Examinou atentamente a sala. Reparou na bandeja esquecida sobre a mesa. Relembrou.

No envelar lento do tempo na madrugada, enfim, adormeceu. Acordou com o sinal do despertador. Demorou-se no banheiro. No espelho, observou as marcas nos cantos dos olhos, a barba crescida, o cabelo grisalho nas têmporas. Encostou-se à porta, esfregou o rosto com ambas as mãos. Fazia assim quando queria clarear as ideias. Ainda sonolento, saiu para a rua. Como todo dia, foi buscar o carro no estacionamento, sombreado de cinamomos caiados de branco, ramos podados à espera do inverno.

Depois que desligou o telefone ontem à noite, se arrependeu. Beatriz ligara contando que havia escutado o telefone tocar com insistência na peça contígua ao prédio, onde havia acontecido algo estranho; um grito seguido de um gemido. E depois um baque — seco — semelhante a um soco. Quando olhou pelo vidro da lateral, percebeu o corpo estendido.

Então, lembrou:

— Alex, não seria do fotógrafo carioca, desaparecido desde ontem?

Precisava confirmar o que havia lido. Lera, em um jornal da cidade, o depoimento de uma pessoa a respeito de um homem de capuz saindo do prédio onde acontecera a possível morte. E que a luz da peça permanecera acesa por dois ou três dias.

— *Oi, Bia, posso falar?*

— *Diga, Umut.*

— *Lembra que te falei que um cara foi morto aqui no quarto ao lado? A polícia pensa que fui eu. O que faço? Fujo? Pensei em ir aí. Torres é a tua cidade, não é? Eles nunca me encontrariam. E aí é mar. Nós dois caminhando na praia, tu me esperando, eu e meu barco.*

— *Umut, foi tu?*

— *Não, claro que não, eu jamais mataria uma mosca.*

— *Então fugir do quê? Fica e enfrenta. Umut, tu és muito sonhador. Mal nos conhecemos.*

Magaly Andriotti Fernandes, *Episódio 4*, p. 12

Beatriz pensa que, o possível homem morto seja o fotógrafo.

Para Alex, tudo agora reluz com clareza. São tantas dúvidas que ocorrem nas ideias de Beatriz. Tantos instantes de angústia. Nestes momentos, ela é o retrato de um pássaro pousado no abismo onde ninguém ouve seu lamento. Tudo nela é limite e ambiguidade. Não quer que ninguém perceba que algumas vezes sente sua vida esfacelada.

Quando menina, o desejo de se ver em um retrato, foi transformado em uma magnólia. E magnólia é uma flor que não pode ser colhida. Tem que deixá-la no pé e só admirar sua beleza. Mas o fotógrafo a colheu, retirou do seu lugar e assim, apagou seu brilho. Desfigurou o novelo de sua história.

Em uma praça próxima ao seu prédio, Beatriz conta que vê, ao seu lado, em pé, o fotógrafo. Sente que os registros do passado não somem, ficam sempre escondidos à espreita de uma oportunidade para voltar à tona e comprimir seu peito. Tocar naquele infinito impossível desejo de apagar os rastros.

— *Desculpe o jeito. Sua graça?*
— *Beatriz.*
— *Veio da onde?*
— *Do litoral.*
— *E veio se meter nesta encrenca de cidade por quê?*
— *Consulta a um advogado.*
— *Problema grave, Beatriz?*
— *Testemunhei um crime.*
— *A senhora também?*

Sônia Coppini, *Episódio 8*, p. 47

Hoje, queria ainda vê-la abraçada àquele antigo galho de buganvília. Houve esse tempo em que a vida para nós, era só uma celebração de instantes. Voltar ao passado é uma questão delicada, porém necessária. Estivemos juntos nestes últimos anos e, é por isso que não encontro palavras certas para responder a sua pergunta feita em voz muito baixa.

— E agora, Alex, o que vai ser de mim, o que vai ser de nós?
Beatriz começou a chorar. Sem soluços, sem ruído, sem ao menos secar as lágrimas.

Remexo na memória. Procuo respostas escondidas, procuro o sentimento que não é visível.

Nisso, escuto sua voz dizendo:

— Todos os dias sinto vontade de que abras a porta. Tens a chave. Entra numa hora desavisada em que os lençóis estejam perfumados. Permaneço neste mesmo lugar esperando que tu chegues. Esperando teu abraço.

Mas conta que, naquele dia, olhos cansados pela vigília, ofegante, tropeçou na raiz de uma árvore que se espalhara pelo caminho e desapareceu.

Dobrou a esquina e não mais voltou.

— Alex, não seria o fotógrafo carioca, desaparecido desde ontem?

Beatriz tem o rastro do fotógrafo em sua memória. Fantasma que precisa esquecer e viver livre. Como uma ave que sobrevoa as ondas, para olhar o mar e alcançar a liberdade.

Episódio 6

Ainda sobre as borboletas.

Com certa dificuldade soltei as amarras de minhas asas e deixei o casulo. No espelho translúcido do ar, me vi amarela. E me permiti voar. Voei alto, tão alto que cheguei a sentir o cheiro das nuvens. Mas, cai e voei rasteiro ao chão. Contornei sombras, silêncios, escuridão. Escutei palavras duras, senti o desafeto. Tentei me reerguer, flutuar no azul e

mais uma vez caí. Foi quando resolvi juntar minhas asas já estraçalhadas, me encolhi e me aninhei no casulo que eu mesma construí.

Um dia quero viver novamente minha liberdade. Então, vou reaparecer.

Uma Beatriz metamorfoseada de esplendor. E azul.

O SALTO DA JAGUATIRICA

Sônia Coppini

Episódio 1

CABEÇA DE FERMENTO

Não sei que história é esta de bastão de beisebol. A mim ninguém engana. A dona Elvira tem é fermento na cabeça. Pega o bonde andando, e agora quer convencer o corredor inteiro de que já viu um rapaz entrando no prédio com o tal bastão. Vai da valsa é capaz de afirmar que o fedelho até campeão de liga é. Mas que liga, o quê? Acaso ela pensa que mora nos esteites, em vez de morar neste bairro de enjeitados? Fermento suburbano. Não tem bastão, nem beisebol. Tem é uma pouca de uma vergonha. Se se dessem o respeito iam ver bem quem botar pra dentro de casa.

E qual o resultado desta lascívia?

Um bando de arapongas girando ao redor do prédio, querendo saber do acontecido.

Eu é que não vou responder, não vou perder meu tempo com isto. Faz tempo que vejo uns tipos entrando aqui. Não fosse esta permissividade, estaria tudo na santa paz. E ainda se dão ao desprate de falar de telefone tocando. Faz horas que não pagam conta nenhuma, aqueles lá. Já vi o encarregado da companhia de luz chegando no prédio totalmente fora do dia, tocar em qualquer interfone porque o zelador não estava, e eu mesmo acabei abrindo o portão para ele. O motivo, precisa mesmo dizer?

E os desavergonhados ainda vêm até minha casa pedir o telefone emprestado no intuito de avisar à companhia para religar a luz. Se não pagam nem a luz, vão pagar telefone? Ah!, mas com celular eles desfilam por aí.

Quando começou a confusão, eu estava justamente descendo as escadas com o Rex. Pois se não desço até o pátio com o cachorro, ele mijava por tudo. E vai do meu lado no maior silêncio, porque comigo ele anda na linha, com o rabo pra baixo. Mas não foi o que aconteceu naquela hora.

Numa certa altura da escada, o bicho empertigou, botou a cola pra trás, levantou as orelhas. Parei de supetão também. Boa coisa é que não era. Se tem animal matreiro é o Rex. E foi então que ouvi o grito. Não um repente. Um grito mesmo, com todas as letras!

O cachorro desvairou e se meteu a correr na direção do barulho. Eu estava de pantufa, quase caí. Cheguei na porta dos ditos, o Rex cheirando por baixo, como bom cão treinado, a cola estirada. E foi de longe que ouvi. Um vagido longo, um plangor, cheguei a arrepiar os pelos. E logo depois a pancada. Dura, estalada. Prendi a respiração; mas o cão desatou a latir. Dei um safanão nele. E foi daí que tocou aquela coisa. Blim-blom-blom, blim-blom-blom, blim-blom-blom. Não tem telefone que preste que faz blim-blom-blom,

apenas nestas porcarias de celular. Blim-blom-blom! Só a cabeça de fermento da dona Elvira. E de toda cambada que começou a aparecer de tudo que é canto, no maior pandemônio.

— Que que houve? Que que é? Quem é?

Não sou de cuidar da vida dos outros. Peguei o Rex no colo e desci as escadas dos fundos. Vamos ter respeito, né?

Eu estava lá só porque o cachorro queria urinar.

— *Dona Elvira, em que horário viste este homem com o bastão?*

— *Foi muito cedo, quando saí para comprar pão.*

— *Pode me descrever como ele era?*

Ela ficou rosada e calada.

— *A senhora poderia nos falar desse homem que viu? — insistiu.*

E agora, não tinha visto nada, continuava mentindo??? Ele era um policial. Não, não deveria seguir com aquilo, como diria que inventou, iam pensar que era doida.

— *Eu saí rápido, queria ser a primeira a pegar o pão quentinho... O que me chamou atenção foi o bastão. Pensei: será que tem um jogador de beisebol no edifício??? Como seria maravilhoso.*

— *Vou pedir que se concentre, e nos diga, era moreno? Loiro? Dona Elvira, precisamos saber quem matou o seu vizinho. Roupa, algum detalhe?*

Elvira respirou fundo. Agora já vermelha.

Desculpe, senhor policial... não lembro mesmo. Sou assim, me fixo em coisas pequenas.

Magaly Andriotti Fernandes, *Elo de Ligação*

— *Oi, Beatriz, sou Elvira, sua vizinha.*

— *Oi, nosso prédio já não é o mesmo, com gente estranha e suspeita alugando o apartamento do 3º andar.*

— *Você ouviu?*

— *Hummmmm*

— *Aquele barulho, aquele gemido. Eu vi pela janela um corpo caído... saí para caminhar, gente suspeita, não quis me comprometer.*

— *Também ouvi, mas fugi. Detesto estas coisas, de gente perigosa, eu corro léguas.*

Não há importância naquilo que não nos atinge diretamente. Mundo frio e distante, vivendo aglomerados. Somos bichos acuados com medo uns dos outros. Tão perto e tão distantes. Assim caminha a humanidade, não se sabe o rumo, a que acaso.

Clotilde Grassi, *Elo de Ligação*

Episódio 2

LÁGRIMAS DA VIRGEM

Calço os tênis e vou para a praça no final da rua. Se há coisa que gosto de ouvir é o bem-te-vi cantar no fim da tarde. Isto é bicho que não leva desaforo pra casa. Acaso já viu uma disputa pela comida, dele com o sabiá? É ave tihosa. Capaz de atacar até gavião. Quando está com a cria, fica medonho. E me ponho no banco a apreciar os floreios que a ave faz ao redor das patas-de-vaca. Aquilo tudo florido nesta época de primavera. A flor que é uma orquídea, de tão trabalhada. Parece pintada a mão. Uns filetes cor-de-rosa fortes, finos, desenhados a canivete, na pétala quase branca, desmaiada. Estalando contra o verde da árvore.

Coisa primorosa.

Sento no meu banco predileto. Na ponta direita da área de esportes, cruzando a fonte central, a dez passos da estrada de areia. Daqui, enxergo tudo que passa, ninguém me pega desprevenido. Nas minhas costas, um paredão. Mando o Rex deitar atrás do banco, e fico todo guardado.

Ultimamente, quem não tem olhos, tem prejuízo.

Quando a tarde cai, há sempre uns passeantes na trilha de areia. Conforme vão arrastando os tênis, levanta uma poeira fina, voa como enxame de abelha até meu nariz, e é espirro na certa. Levo sempre uns chumaços de algodão no bolso; quando a coisa aperta, enfio no nariz. Às vezes, até nos ouvidos, quando senta alguma alma estridente do meu lado, com os malditos aparelhos de mão. Oh!, povinho que gosta de um barulho. Em vez de ficar no silêncio da natureza, ouvindo bem-te-vi, periquito, rabo-de-palha, levam aquela sinfonia de lata-velha, que chega estremecer o banco. E é tuc-tuc-tuc de cá, tuc-tuc de lá; eu esfrego o calçado no chão e dou umas batidas com os pés. Sinal dado para o Rex. O bicho se põe a rosnar e vai certo nas canelas de qualquer pretense maestro. Ah!, que eu gosto de ver. Aquela gurizada, com as calças caindo abaixo do rego, saem na chispa, com o cachorro no calcanhar, segurando o aparelho numa mão, e o fiofó, na outra.

Coisa bem típica desta juventude sem propósito.

E o murmurar da fonte? É um esplendor. A água cai em lânguidas gotas, parecem lágrimas de Nossa Senhora. Ouço nela todas as queixas, os desatinos, os vilipêndios deste tempo. Como a humanidade foi parar num buraco destes? Acaso fizemos tantas falcatruas, que até a água da fonte fica a incriminar? Eu vejo o manto azul da Virgem quando o sol bate de transverso. Mas há algum olho na praça que também vê? Pois eu duvido. Enxergo um senhor distinto noutro lado, perto das madressilvas. Ele senta, pega um livro, parece aspirar o cheiro melado das flores. Deve ter uns oitenta anos. É homem vivido já. Noto que olha o movimento por cima das lentes dos óculos.

Vez por outra, nossos olhares se cruzam.

E eu penso cá comigo: como é triste ser velho e ter que gastar seu tempo com isso.

Uma guria de patins passa voando. Uma nuvem de pó se arremessa contra mim. Verdadeira porcaria!

Assoo o nariz na ponta do abrigo, me ponho de prontidão e chamo o companheiro. Não preciso dizer nada. Antes de pegar o rumo de casa, é certo: vai lamber um pouco das lágrimas da Virgem.

*Horário de sair para a rua, levar o cachorro a fazer xixi.
É praxe caminhar pelas praças, observar as pessoas, seu comportamento, mas principalmente
ouvir o canto dos pássaros e ver em detalhes o capricho das plantas na primavera.
Cada flor num particular encanto, cada planta balança com seu charme, contorcendo-se pela
ação do vento, brilhando ao sol.
Sou capaz de ficar imóvel naquele banco, que deixa tudo apreciar, por horas incansáveis.
A arquitetura do tempo e do criador esbanjam beleza e deslumbramento. Esqueço tudo, fico
inebriada, um relax digno de horas de meditação.
A noite vem caindo, passantes não confiáveis estão aqui e ali, é preciso voltar.
De retorno, volta à mente o episódio acontecido no meu entorno e que tão pouca
importância dei.
Afinal, não é comigo.
Um soco, um gemido, um corpo estendido?
Quem fez? De quem é o corpo caído? Se socorrido a tempo, teria sobrevivido?
Alguém atendeu ao telefone que tocava ao lado, sem parar?*

Clotilde Grassi Elo de Ligação

Episódio 3

JAGUATIRICAS



Foto: Ana Cotta.

Foi voltar do passeio e já tenho que topar com o bochincho em frente ao portão. Vai começar tudo de novo. Vou me esquivando dos urubus, e pego a entrada lateral do prédio. É gente que gosta de achacar um defunto. Subo o lance de escadas sem nem olhar para os lados, o Rex cheirando o chão. Para em frente à porta e senta. Lar doce lar. Uma primazia poder chegar em casa e me livrar da confusão.

Tomo uns goles de água, dou uns nacos de carne para o cachorro, sento no sofá. Tiro os tênis. Devo dizer que este é o pior momento de um passeio. O cheiro exala pela sala. Além dos grãos de areia que caminham como formigas entre os dedos. Coisa braba não ter uma grama para esfregar os pés. A solução é abrir as persianas e botar o calçado na janela.

Quando equilíbrio os tênis na mureta, olho ao longe e vejo o carro preto chegar. Então era isto que excitava os enxeridos? Agora, sim, vão se deleitar. E desce um, desce dois, desce meia dúzia de dentro do carro. E, logo atrás, um caminhonetão. Tudo fardado. Com mala, malinha, e até boneco do tamanho de uma alma. Ah, que a coisa ficou boa! Fazem cordão de isolamento, e passam pelos abelhudos, como desfile de rei. Ninguém se aproxima. Vejo o tampinha do térreo querendo se salientar. Leva uma dura do chefe, volta para trás. A dona Elvira, evidente, com seus gasguitos. Ouço ela daqui. É afastada pela mulher que carrega o boneco. E há gente que não acaba mais de chegar. Mas vejo... pois bem! Um manco. Deu vontade de rir. Tentando se aproximar.

Será que o Jaguar ressurgiu das cinzas?

Nunca esqueço aquela noite. Era tenebroso vento nas árvores. Bicudo não parava de rosar. Estávamos na varanda da casa, eu fazendo meu palheiro. Mas o bicho não sossejava. Girava ao redor do meu banco, girava. Era companheiro pra tudo. Eu olhando para o capão, não via nada. Mas o cão insistia. Ah, botei as botas e fui no faro do bicho, para conferir. O tempo anunciava chuva, relâmpago para tudo que é lado. Trovão. E aquele refugio de erva que chegava a doer no corpo, quando atizado pelas rajadas de ar. Não deu duzentos metros, Bicudo deitou feito estátua, a saliva escorrendo sobre o pelo.

Parei, sentindo o capeta por perto.

E foi então que ouvi:

— Tá danada, agora, sua miserável! Dá um passo e te mando pros quinto.

No meio da macega, enxerguei apenas os olhos reluzentes da jaguatirica. Era bicho lindo, o pelo rajado; verdadeiro arrojo de felino. E ela dava volta em torno do próprio corpo. Emitia um miado bravo. Botava as garras pra fora. E, de novo, a voz:

— Desta vez tu não escapa! O rebento já é meu.

Foi daí que enxerguei a cria. Um gatinho encolhido em meio ao corpo da bicha. Ela cercava o filhote como amurada. Olhava fixa, pronta para atacar.

Dei dois passos de nada, reconheci o dono da voz. O trambiqueiro bebedor da venda. E o velhaco com a espingarda apumada.

Parti pra cima dele, como se fosse pai da criatura. Cheguei por trás, dei um tranco na soleira e na coronha da arma, com as duas mãos pra cima. O gatilho disparou, sem dar

tempo para o biltre respirar. Não deu outra. A chumbada foi direto para o pé do desgraçado! Bicudo saiu na disparada, se arremessou sobre a mãe e o filhote. Assobiei. O cachorro obedeceu, parou de golpe. As bichanas fugiram como tufão.

Ainda pude ver, no escuro, as chagas do pretense assassino. Esbravejei um palavrão. O traste levantou de um salto, saiu pulando numa perna só, como saci. Nem olhou pra trás.

Ah, que tem gente que não merece ser filho de ninguém.

No outro dia, na venda, se fazendo, o morfético, a perna espichada no banco:

— A bicha era enorme! Me atraquei de mão; ela, de garra.

Mas cheguei bem na hora de tacar:

— Cai fora daqui, seu Jaguará!

E foi pra já.

Nunca mais se ouviu falar do meliante no lugar.

E, agora, olho para fora e vejo o manco lá, fustigando os fardados. E ouço a deplorável dona Elvira gritar: bastão de beisebol! Ah, mas se descubro que tem mesmo bastão, caio de pau no desgraçado.

Ninguém merece, de novo, ter que enfrentar outro Jaguará!

Episódio 4

CONDOLÊNCIAS

O convite para missa de sétimo dia foi enfiado por baixo da porta. Rex furungou assim que largaram o papel. Pegou com os dentes e trouxe para mim. Era um bilhete. Assinado pelo síndico. Não podemos nos furtar à dor que a família de nosso condômino está sentindo. O mínimo que cada um pode fazer é estar presente para a última homenagem. Seguiu data, horário e local. Li o bilhete e amassei. Joguei a bolinha para o cão, ele correu atrás dela e me trouxe de volta. Resolvi guardar no bolso. Tinha tempo para decidir. A missa seria às seis.

No começo da tarde, abri o armário. Fui à cata do terno que nunca mais usei. Terno é para essas ocasiões. Se não é para casamento, é para nascimento ou morte. Afinal, eu tinha algum laço com o defunto, fosse ele bom ou mau pagador. Pelo menos três vezes, chegou até minha casa para ligar à companhia de luz. De alguma forma, sua voz estava presente em meu telefone.

Deixei a roupa arejando na janela da sala, único lugar com sol. Algumas marcas de mofo nela, mas nada que um pano umedecido no vinagre não pudesse resolver. Ensinamentos da finada mãe. As rodela de umidade deixaram o terno com uma aparência de carnaval, mas até a hora da missa estaria com cara de enterro; pelo menos, era o esperado. Fui em busca de alguma tarja preta para colocar na manga da camisa, mas daí me dei conta de que o defunto não era meu.

Pouco antes das seis, saí pé ante pé de casa, porém os uivos de Rex me fizeram voltar. A solução foi botá-lo na coleira e levá-lo junto. Não havia tempo hábil para adestramento nesta questão fúnebre. No átrio da capela, fiz sinal para que ele deitasse no chão e, pelo sim, pelo não, finquei um toco na grama e amarrei a guia.

— Acompanhado, seu Adenor? — ouvi o capelão na entrada, me estendendo um santinho. — Bem-vindo seja!

— Amém! — respondi, e olhei a imagem impressa no papel. Nossa Senhora, igual àquela da infância, pendurada na cozinha. Devoção de minha santa mãe. Guardei no colete.

Passei por ele e me acomodei bem ao fundo, de modo a poder enxergar todos os presentes. A capela arredondada. O local me deu uma vertigem. Fechei os olhos e sacudi o pescoço. Quando levantei a cabeça, divisei na linha, em direção ao pequeno altar, o síndico, a Dona Elvira, evidente, e o tampinha do térreo. À esquerda, um sujeito com uns óculos de aviador, lente escura, parecia farejar cada um que chegava. Isto nunca me engana. O fuinha só podia ser detetive. Não tirava os olhos da primeira fila. Um escarcéu de gente. Tinha um sujeito de bermuda, outro de chinelo, um fulano de fone de ouvido, que já vi entrando na casa do finado, uma mulher com o dorso nu, outra com os cabelos coloridos como uma periquita, duas crianças. Nos bancos do meio, algumas beatas, com o rosário na mão. E bem à direita, uma senhora solitária, com amplos óculos escuros e um xale negro. Os outros presentes, compenetrados em acompanhar as primeiras palavras do capelão.

Feito o introito, foram as homenagens. Homem bom, trágico falecimento, alma sofredora, condolências. Neste momento, a mulher do xale secou as lágrimas. Depois, o relato do padecimento. Honestidade, provações, desemprego, filhos a criar. Desta vez, foram as duas mulheres da fila do escarcéu que geraram em unísono. Só não deu para saber se as duas eram as viúvas, ou se uma chorava para agradar à outra. Fiquei com a pulga atrás da orelha. Notei que o fuinha também balançou a cabeça. Depois, foi o de sempre. Ave, ave. Assim seja.

Quando a missa estava por terminar, aquele silêncio no ar, dona Elvira soluçando discretamente, amparada pelo síndico, eis que deparo com uma figura entrando na capela como raposa em galinheiro, arrastando o pé, fazendo um ruído sincopado, uma marcha fúnebre. Ah! Que meu peito estalou. Era o manco fazendo sua presença. Bem no último minuto das condolências, os abraços aos enlutados, os pêsames, coisa e tal. Me acerquei da porta e ouvi o Rex rosnando. Meu instinto é ali, ali, com o dele. Saí e soltei a guia do cachorro. Nos escondemos atrás da gruta lateral.

A grande oportunidade de saber quem era este novo jaguara.

A noite baixou e, pouco a pouco, o pessoal e as carpideiras foram deixando a capela. Atrás da pequena gruta, mantinha Rex calado por conta de uns afagos nas orelhas. Mas isto não duraria muito. É um cão rebelde, desacostumado à coleira. Finalmente vi o manco sair. Como chegou, se foi. Sozinho. Se embretou na praça, arrastando o pé na areia. Lembrei do santinho do colete. A contracapa tinha a foto de um beato. Este, nunca vi. Um tal de Joseph, sobrenome alemão. Me lembrou o velho da praça, só que com as barbas até o peito. Abri na parte central do folheto. Mãe Admirável, me ofereço a vós. Fiz o sinal da cruz, e me lancei no escuro, junto com Rex.

Fosse quem fosse o traste, disparamos em seu encaço.

Episódio 5

PARTHENON

Não foi fácil pregar o olho de noite, aquele mequetrefe deu um vareio em mim e no Rex.

Ficamos na cola dele todo o trajeto da praça, nos esgueirando atrás das árvores, a cada vez que ele parava para falar no celular. O Rex me puxava, querendo brincar na grama, ir na direção da fonte, parecia perder o faro do escuso. Tive que dar uns corretivos no cão, até ele retomar o seu trabalho, ficar de guarda e alerta e só se mover quando eu desse o sinal. O manco se arrastou até o primeiro ponto de lotação, e lá estacionou como um poste. Não demorou a passar uma condução. Ele entrou.

Corri como louco e ataquei o primeiro táxi que cruzou minha vista. O motorista travou, mas fez negativo, quando viu o Rex comigo. Chamei ele de animal! O sujeito arrancou. Porém, já tinha parado outro atrás, por conta do primeiro. Expliquei que era situação de vida e morte. Peguei o Rex no colo e mandei seguir o lotação:

— Morte de quem? – indagou o motorista.

— De outro inocente!

— Não quer que eu chame a polícia?

— Este caso é meu.

O motorista assentiu e tocou o pé no fundo. Falou que a corrida teria um valor extra.

— Até dois — concordei. — Desde que não perca a rédea.

O manco desceu no final da linha. Desci do táxi com o Rex, paguei uma nota gorda para o motorista. Quando ele fez menção em falar qualquer coisa, Rex mostrou seus caninos e deixou bem claro quem mandava na situação. O carro arrancou chispando, o manco olhou para trás, eu assobieei e virei de lado, o cão abanou o rabo e fingi entregar um petisco a ele.

O prédio que o manco entrou era uma coisa colossal. Parecia um mausoléu. Várias colunas até o céu, segurando um triângulo igual a pai-filho-espírito-santo. Só faltava o olho. Era tudo branco, como a entrada do além. Uma placa com o dizer: Parthenon. Me achei na entrada. E vi que não ia ser fácil! Sabe lá que tipo de coisa acontecia ali dentro.

Dei três passos à frente, e uma porta de vidro se abriu do nada! Foi um salto pra trás. Rex latiu de susto. Daí se aproximou um guardião de pistola, rádio de antena na boca, farda marrom, e a ordem fatídica:

— Cão não entra!

Me ataquei. Fui de sola na porta!

Um barulho estridente tomou conta do lugar e da rua. Uma coisa de louco. Era gente gritando, o guardião correndo, era o diabo a quatro. Puxei a guia do Rex e me esfafe-di pela rua abaixo. Eta que o capeta do jaguara estava de novo na linha!

Voltamos a pé para casa como dois fugitivos. Esfalfados de tanto caminhar. Rex desmaiou. Eu me joguei no sofá e só acordei com os sabiás fazendo sua cantoria na madrugada. Os olhos estalados. A vontade de voltar no lugar e botar tudo a pratos limpos.

Ah!, que aquele safado me espere. O dia recém raiou!

Episódio 6

CABELO E BARBA

Adenor levantou com a sensação de que a vida lhe dava uma nova chance. O calor recém anunciado da primavera, o canto do bem-te-vi, o cheiro dos ciprestes e o azedume do vinagre, que impregnara sua roupa e pele, o transportaram direto para o chuveiro. Água cálida e muito sabão. Depois, uma ducha fria. Uma camisa esporte branca, tênis branco e uma calça jeans lhe pareceram bem. Deixar um osso quase do tamanho de um fêmur bovino para o Rex, ainda dormindo, e a trouxa, com a roupa usada no dia anterior, foram os cuidados tomados, antes de sair.

Começou por levar o terno na lavanderia, com as recomendações ouvidas, em algum momento, da mãe:

— Lavar em água, e depois, tingir a quente. Algodão é para toda vida. Como a honradez.

A atendente assentiu, olhou de lado para ele, fez menção de dizer alguma coisa, mas simplesmente agradeceu a preferência, enquanto lhe alcançava o troco.

A segunda parada foi na barbearia:

— O que vai, hoje?

— Serviço completo.

— Como vão as coisas?

— Como cabelo e barba, ora crescendo, ora minguando. Pode passar a máquina.

— E o que me conta do acontecido?

— Melhor nem falar. Sabe que quanto mais se mexe, mais fede.

— Dizem que foi por causa de dívidas.

— E quem já não passou por aperto na vida?

— É mesmo.

— De mais a mais, o que é pior: quem não pagou ou quem foi cobrar?

— Vai saber.

— Pois então. Sempre há tempo pra ruminar.

Da barbearia, foi direto para o Parthenon, fosse o que fosse o mausoléu, no qual perdeu de vista o manco. Camuflado como um lagarto, calças, tênis, cabelo e barba recém raspados, chegou à frente do prédio, de um material impecavelmente branco, como ele se via. Impossível o guardião reconhecer a figura de terno e cabelos escuros da noite anterior.

A porta se abriu do nada, de novo. E, conforme sua convicção, o segurança nem reparou nele. Sabe lá que tipo de guardião contratam. Passou pela entrada como um cidadão qualquer.

As vitrines que vislumbrou em nada lhe pareceram com o mundo do além. Eram infinitas lojas, com escadas de acesso até um quinto céu. Com a falta de Rex, para lhe dar o tino, resolveu ir direto ao último andar. Magníficas exposições de roupas e produtos, capazes de deixar o público salivando. Nos quiosques do terraço, dezenas de clientes degustando vinhos finos, frutos do mar, azeitonas. Mulheres desfilando com roupas da alta-costura. Cavalheiros com músculos e carteiras para bancar qualquer arroubo. Adenor teve certeza de que achara o lugar. Lembrou de dona Elvira, e da sua cara de êxtase, se conhecesse o local. Só grã-finos. Agora era dissipar as dúvidas e acertar o alvo.

A loja de esportes o chamou como uma isca. Para lá se dirigiu.

O atendente se aproximou de Adenor ainda na porta. A circulação do ar condicionado mesclou a fragrância da loja com a colônia pós-barba. Sentiu os cheiros entrando, um por cada narina, e se misturando aos pensamentos. Quanto mais mexe, mais perfumoso e enodado fica.

— Procura por algo em especial?

— Sim, claro. Um sujeito.

— Como? – O atendente o tirou de seu devaneio.

— Um sujeito viajou há pouco para fora e me indicou esta loja.

— E o que o senhor gostaria?

— Tacos. Tacos de... golfe.

— Veio ao lugar certo. Temos todos os tipos, das melhores marcas.

— Ah, que alívio!

Seguiu o atendente com os ouvidos, mas o olhar perscrutando a loja inteira. Tacos drive, madeira, híbridos, ferro, putter, dependendo do seu interesse. Muitos clientes conhecem o esporte no exterior e vêm a nossa loja para... Quando o atendente exibiu o último modelo importado, com todas as virtudes declaradas pelo fabricante, Adenor enxergou do outro lado da loja uma espécie de altar, um gigantesco painel luminoso e alguns troféus expostos, como ex-votos. O coração acelerou. Sua atenção se voltou para lá.

— Beisebol – falou em voz alta.

O atendente olhou na direção mencionada e iluminou por completo a descoberta de Adenor. Aquele é um recanto especial, por conta do proprietário do shopping. O filho é campeão.

Adenor não ouviu mais a explanação, acelerou o passo para aquela seção e deixou o vendedor falando para as prateleiras sobre os feitos e conquistas do famoso atleta. Seu instinto suplicava por despistar o atendente e se camuflar, solitário, em algum canto da loja, todos os sentidos voltados para o pseudo altar e para quem dele se aproximasse. O palpite foi certo. Depois de minutos escondido atrás de equipamentos de polo e equitação, viu a figura do manco surgir de uma entrada lateral, puxando um carrinho repleto de luvas e tacos, e passou a organizar o material de beisebol no expositor.

Adenor sorriu como um lagarto teiú.

Missão cumprida.

Agora bastava saber onde seria a toca do tatu. Desceu para o térreo e descobriu um jardim interno com vista para as escadas e portas de elevadores. Sentado num banco, poderia acompanhar as dezenas de pessoas que subiam e desciam, e dificilmente seu olhar de puma não localizaria o manco. Ademais, teria o dia inteiro pela frente, e aproveitaria para se deleitar com o cheiro úmido das plantas, o chafariz e o som da água, como um lamento, a estátua central, quem sabe uma deusa pagã, lembrando a Virgem. O santinho, trouxera no bolso. Única coisa que ficou da noite anterior. E a certeza de que um bom caçador sabe esperar.

Episódio 7

UM MIMO PARA DONA ELVIRA

Após chegar em casa e alimentar Rex, Adenor bebeu quase um litro d'água, respirou fundo e prestou atenção na sensação que fluía pelo corpo, uma espécie de falta. Algo para considerar o dia completo. Cada hora passada naquele jardim, imóvel e atento a escadas e elevadores, lhe rendeu uma dor insuportável nas costas, mas também o tempo de descobrir cada detalhe da beleza e força da deusa pagã, em meio à água. Por certos momentos sentiu-se vivendo em algum mundo desconhecido com aquela mulher. Ela empunhava lança, portava escudo, usava um elmo com dois pequenos cavalos, e havia uma possante serpente sob seu domínio. Para contraste, a brancura imaculada, as vestes provavelmente vaporosas, esculpidas na dureza da pedra, transmitindo uma flama, um convite para participar de seu misterioso encanto.

Antes do manco descer, descobri-la, perto da saída do mausoléu, uma loja de souvenirs. Suas mãos foram diretas às miniaturas da deusa:

— O senhor fez uma bela compra: Athena! — exclamara o vendedor. — Recheada do mais puro azeite de oliva.

— Mesmo? Embrulha mais uma, então.

Já instalada a deusa na prateleira da sala, Adenor resolveu descobrir mais do seu mistério. A parte superior da miniatura se abria, justo onde os cavalos encimavam o elmo. O aroma do azeite o fez salivar. E, não por coincidência, um cheiro de comida passou a entrar por baixo da porta de casa, pelas janelas. Os vapores da vizinhança. Uma vontade cultivada há anos. Sentiu ser a hora de confrontar a falta. E destinar o segundo embrulho.

Lavou as mãos, o rosto e os braços em água abundante. Seguiu a trilha da promessa de delícias pelo corredor, e bateu à porta de dona Elvira.

— O que houve, seu Adenor?

— Uma falta. A senhora sempre tão gentil com todos. Vim retribuir.

O mimo foi entregue com toda a cerimônia almejada. Que que é isto... Não precisa agradecer. Só uma lembrança. Mas pelo quê?

Neste momento, foi direto:

— O morto. A senhora sabe. Não fosse o seu empenho.

— Não fiz mais do que o coração manda.

A frase causou um frenesi em Adenor. Mas se conteve, e continuou se portando como um calmo e gentil-homem, pediu desculpas pela hora e o incômodo. Mas aceitou de pronto o convite para entrar. Deu alguns passos, como se pisasse em ovos, e aguardou as instruções da anfitriã. Ouviu um elogio pela nova aparência, cabelo, barba. Aguardou a surpresa pela abertura da embalagem.

— Que delicadeza. E a fragrância...

— Extra Virgem. Achei que combinava com a senhora.

O jantar foi um banquete que Adenor não vira ou degustara desde o tempo da finada mãe. Além dos dotes culinários, dona Elvira manteve a costumeira verve, e relatou toda a campanha que fez com os moradores do prédio. Uma família desassistida. Alimentos recolhidos e entregues às várias viúvas. Uma rede de provisões. A atenção para as crianças.

- Dai-me de beber! — Agenor balançou a cabeça.
— Poderia ser de outra forma? — Dona Elvira levou a mão ao rosto e inclinou a cabeça.
— Uma verdadeira samaritana.
— Não tenho marido! — recitou. — E as pobrezinhas das crianças ficariam como?

Adenor imaginou os inocentes com poucas colheradas na boca para passar o dia. Um colchão dividido por muitos. Uma vida que nem Rex ou Bicudo tiveram. E aquele manco, com certeza, por trás de tudo:

— Alguma novidade sobre a perícia?

Ah, sim, perícia era o que não faltava também para Adenor, e entre um elogio e outro pela qualidade do jantar, a troca, a revelação de detalhes da vida pregressa do recém-partido, os casamentos, infidelidades, dívidas, extorsões por um agiota, criancinhas passando fome, e oh! como é bom estar aqui, dividindo tantas confidências sobre um, até ontem, mero conhecido em comum, e o sabor picante dos seus legumes, o molho suculento de sua carne, o aroma perfeito e extra virgem, e a deusa, desculpe, dona Elvira, mas é assim que devo lhe chamar, saberia me falar de um manco?

A noite foi longa para os dois, e a única coisa que Agenor haveria de lembrar no dia seguinte seria o olhar de êxtase de dona Elvira, ao término do mais alucinante beijo em meio ao corredor, com promessas de dividirem tudo, os azeites, os paladares, os segredos do aquém-tumba, os bastões de beisebol, as dúvidas, mas também a certeza de que cada um faz a sua parte.

Episódio 8

RUA E MAR

Na saída da lotação, Adenor percebeu aquela mulher andando como se procurasse a direção certa da rua. Notou uma elegância e um gingado no quadril que lhe reportou à juventude. Ela olhava o celular, enquanto virava a cabeça para os prédios, procurando, talvez, o número. Fez o movimento várias vezes e, típica ingenuidade feminina, não se deu conta dos lobos ao redor, malandro pronto pra surrupiar o aparelho.

Só podia ser do interior.

- Desculpa, dona, mas posso lhe ajudar?
— Sim, gostaria imensamente. Esta rua é...
— Alberto Bins.
— Ah! Não consigo achar o prédio.
— Cuidado com o celular, senhorita, os lobos aqui são rápidos.
— Como?
— A bolsa, dona. Guarda o telefone e fecha.

E foi acabar de falar para que ela percebesse a rapidez e o vaticínio de Adenor. O passo dele foi certo, travou o pé do vadio que vinha na carreira. E, enquanto o outro

se estatelava no chão, Adenor enlaçou a cintura da donzela e a afastou para baixo da marquise do prédio.

— Desculpe o jeito. Sua graça?

— Beatriz. Não precisa se desculpar. Não fosse o senhor, perderia tudo.

— Veio de onde?

— Do litoral.

— Sabe que nunca vi o mar?

A moça o olhou como quem olha o outro lado do horizonte. Adenor percebeu o assombro, mas imaginou que pior seria para ela:

— E veio se meter nesta encrenca de cidade por quê?

— Consulta a um advogado.

— Problema grave, Beatriz?

— Testemunhei um crime.

— A senhora também?

Desta vez foi Adenor que a olhou como quem olha para o outro lado do horizonte. E, por um momento, pensou que as gotas que escorriam da testa e chegavam aos olhos de Beatriz teriam o sabor de algum outro mar desconhecido.

Episódio 9

BINGO!

Por alguns dias segui o manco até seu bairro. Morava nos confins da zona norte. Somando às novidades trazidas por dona Elvira, depois de nosso jantar de confidências, não foi difícil descobrir que um mais um é igual a vários.

Este novo jaguara é um baú de falcatruas.

Num mesmo dia, vi o enganador comprar duas sacolas de comida, com tudo repetido, e passar em duas casas, uma próxima ao ponto de ônibus onde desceu, e outra a quarteirões. E adivinha para quem ele levou as sacolas? Exatamente. Para as duas mulheres da missa, a seminua e a com cabelo de periquita. Se despediu aos beijos das duas, e ainda ofereceu balinhas às crianças, quando saiu.

Ao se aproximar de sua casa, tinha dois barbados à espera. Gritou alguma coisa para eles, e vi que se afastaram. Mas um permaneceu na porta de um bar, um pouco mais acima, do outro lado da rua; andava com passos arrastados, pouco levantava a cabeça, parecia carregar o mundo nas espáduas.

O manco abriu o portão, e um cusco cheio de contente veio dar as boas-vindas. Gania de felicidade. Mas pra quê! O patife tocou o bicho e pegou uma pedra pra afastar o animal. Isto me ferveu o sangue. Vontade de pular aquela cerca e botar os dentes nele. Mas ainda não era hora. Respirei tantas vezes quanto pude. Minha boca salivava de raiva. Foi então que me dirigi ao bar.

Pedi duas garrafas de água. Geladas como o inferno. Tomei a primeira de um gole só. Isto me acalmou um pouco. O dono do boteco levantou o volume da tevê. Passava um programa policial. Estavam prendendo um homem, lá no Maranhão. Nome esquisito, nariz de turco. Acusado de matar um outro, pelo fato de ser vizinho. Aquilo me revolveu o estômago! Era só olhar pro rapazola: um pobre diabo, não mataria uma mosca. Nem de perto o olhar de facínora do manco. Peguei a segunda garrafa e bati na mesa.

Virei para a porta.

O homem de passo lento continuava encostado na parede, parecia definhar. Chamei-o com um assobio. Ofereci um café. Ele me olhou desconfiado. Levantei a garrafa d'água, recompus o convite. Entrou devagar, cabeça baixa. Pedi café e pastéis ao dono do bar. Fiz o infeliz sentar e empurrei a bandeja pra frente dele. Qualquer alma sabe quando a outra está com fome:

— Tem que encher este bucho.

O homem assentiu, levou a boca aos pastéis e devorou tudo, como se não comesse há dias. Ao final, sorveu o café, gole a gole. Percebi a sua feição mudar, a palidez se dissipando, o sangue voltando a rosar a cara.

— Problemas, companheiro?

— É. Não.

— Às vezes o bicho parece grande, mas não passa de um berne.

— Me endividei.

— E o urubu tá perto, sei.

O sujeito enrubesceu. Ouvi sua respiração mudar. Seu corpo se agitou quando olhou para a casa do manco. Levantou, entre alguns monossílabos. Nenhuma palavra chegou a se completar. Rumou para a saída, entre um quase obrigado, um acanhado deus-lhe-pague. Subiu a rua rápido.

Quando eu pensei em tomar meu rumo de volta, vi uma dona chegar no manco. Veio atender de bermudas, agora. Era tudo que eu precisava para o dia se completar. Parte do pé, o tornozelo e a panturrilha revelavam o motivo da manqueira. Era uma enorme atadura envolvendo esta parte do patife. A mulher apontou as faixas e falou a altos brados: Ninguém resiste a minha massagem! Nem taco de beisebol. O manco riu, e fez um sinal obscuro.

Bingo! Este dia valeu ouro.

Episódio 10

SAIR DO PESADELO



Pixabay

Acordei de madrugada. O sono não voltava, cochilei algumas vezes e acabei tendo pesadelos com o manco. Ele estava na ameaça de atacar outra vez. Vi dona Elvira sendo assediada por ele, corria atrás dela com o bastão, alguém gritando pela janela para todos se cuidarem no prédio, um assassino a chegar a qualquer momento, e Rex, impaciente, rosnava dormindo, acho que farejava a possibilidade do crápula invadir meu sonho, arrombar nossa porta e despejar um saco de tacos em cima de nós, como fez com o infeliz do vizinho, que não cogitava ser morto.

Quatro da manhã, e o sono não vinha. Resolvi levantar de uma vez e me preparei para fazer uma surpresa ao meliante, nem que para isto eu tivesse que inventar uma necessidade urgente, uma fila de desgraças. Tinha que pegá-lo antes de ele sair para o trabalho, não me arriscaria a chegar lá e ele já ter saído. Pelo sim, pelo não, peguei a bazuca no armário e botei na cintura, nunca a usava, mas sempre a considerei uma fiel escudeira no momento de advogar pelos outros.

Estranhei quando botei o pé na rua. A rua estava um ermo e as poucas vivalmas ao longe pareciam ter saído de algum hospital, fugitivos de algum atentado, os rostos cobertos por máscaras, apenas os olhos de fora. Alguns com lenços amarrados na cara, como nos velhos filmes, na hora do ataque. As paradas de ônibus vazias. Onde estariam os trabalhadores? Os peões seriam os primeiros nas paradas, as diaristas indo fazer o café para os patrões. Ninguém. A madrugada de mascarados era outro pesadelo, apenas carros de polícia circulando pela avenida, não podia entender o que acontecia. Andei algumas quadras, um carro de polícia passou devagar por mim. Os policiais também com os rostos cobertos, máscaras pretas, e um olhar mortal sobre mim. Até onde sei, são os bandidos que escondem a cara, não os da lei.

E foi então que a viatura parou.

Gelei, ao pensar na bazuca na cintura. E o brigadiano foi logo achacando, perguntando o que eu fazia na rua àquela hora, qual o meu rumo e a trocos de que eu havia saído com o nariz e a boca descobertos. Eu falei que não sabia de nada. Algum vazamento tóxico, veneno letal, um atentado? E o policial perguntou se eu não via noticiário, se morava no mundo da lua ou se estava a fim de embarcar já no primeiro dia. Mas o que está acontecendo? Apenas saí cedo para uma caminhada, como sempre faço, andar pela rua vazia, respirar o ar puro da aurora. Ele, então, começou a gozar da minha cara, falando que a ameaça era invisível, e que estava matando mais gente do que a guerra, do que atentado à bomba e o diabo a quatro.

Achei que era um louco, falar de entidade invisível. Algum tipo de zumbi que pega as pessoas desprevenidas? Pior do que isto, seu ignorante, respondeu. É uma coisa tão pequena que ninguém consegue ver, mas o ataque é fulminante. E todos estão proibidos de sair a qualquer hora, só se for coisa urgente, farmácia ou hospital, pessoal da limpeza e da saúde. Melhor pegar teu rumo e te escafeder para casa, antes que outra viatura te leve, escoltado.

Nada me demoveria da ideia de tirar as coisas a limpo com o manco, nem policial mascarado, nem entidade deste mundo ou do além. E fingi que tomava o rumo de casa, dei meia-volta e comecei a descer a quadra, me distanciei a passos rápidos, fui num impulso só até a esquina, dobrei o quarteirão e me esgueirei pelas paredes, até sumir de vista. Passei a descer ruas secundárias em direção ao bairro dele.

Seriam alguns quilômetros, mas não perderia o momento.

Andei quase duas horas até avistar a casa. As luzes acesas me tranquilizaram, ainda não tinha saído. Fui me achegando para pegá-lo desprevenido. Bati na porta como um zé-ninguém, choramingando que precisava falar com ele. Desfiei minha lista de desgraças, uma calamidade sobre a outra, as dívidas se acumulando, a penúria me consumindo, a necessidade da salvação. Ele caiu na cilada, abriu a porta como um redentor. Estava de bermudas, nenhuma faixa no pé, a manqueira evaporada. O que queres, infeliz? Um empréstimo, falei.

Seus olhos brilharam, irônicos.

Lembrei daquela noite no capão. O outro jaguara com a espingarda, dando por certo a morte da bicha. Matar por matar. Apenas mirando no lucro. Lá, era o filhote. Aqui, uma barbaridade inumana.

E neste instante eu explodi.

Entrei de supetão na casa e gritei que conhecia jaguaras como ele de outras caçadas, e que eu vinha para justiça um vizinho, este, sim, um verdadeiro infeliz, e que não eram apenas dívidas, mas crias ameaçadas, inocentes sem um pai, sem comida, e que ele matava muitos, dia após dia, com o assombro das dívidas, e que ainda fazia pouco, pois matava e ia na missa de sétimo dia, e quiçá no velório, e que eu estava lá para um serviço de utilidade pública.

Joguei o cão danado contra a parede. Meu sangue ferveu como um vulcão. Não teve tempo de reagir. Um tremor no meu corpo me fez saltar sobre ele como uma jaguatirica atijada, as garras cravando em sua garganta com força visceral. E então mergulhei no olhar daquele homem. O horror. E vi em seus olhos a minha própria morte.

— Misericórdia – balbuciou.

Senti uma dor aguda no peito, fui tomado de pavor. Meus dedos afrouxaram. Empapei-me de suor. E uma voz, vinda não sei de onde, gritou para eu sair dali. Fugir. Saí desvairado pela rua, corri com minhas últimas forças, desfaleci.

Andei como um autômato por ruas vazias, até voltar ao meu bairro. Vi apenas os mascarados. Os carros de polícia nem repararam em mim, confundido com algum andarilho sem rumo, um desprezado.

Cheguei à praça e fui direto à fonte. Lavei-me nas suas águas, como o primeiro banho de minha vida. Nas lágrimas da Virgem. Sensação de conforto, depois de tanto. Deitei no banco, onde Rex costuma fazer minha guarda. Desta vez, ninguém por perto. Apenas eu e minha dor. Meu corpo amoleceu, como borracha derretida. Acho que dormi.

Ao sentir os raios de sol queimarem meu rosto, abri os olhos. O lugar, deserto. Mas, do outro lado, enxerguei o velho e seu livro, o que gasta seu tempo na praça, sempre no mesmo lugar. Ele acenou para mim. Eu não tinha forças para levantar o braço. Devagar, veio ao meu encontro. Quando chegou, botou sua mão em meu peito. Estremeci. Um alívio infinito tomou conta de mim. Suas roupas iguais às de sempre, mas a expressão e o olhar iguais àquele do santinho: Joseph, Joseph não sei do quê. Apenas sorriu.

Me entreguei ao momento fugaz de acolhida. Desta vez, fui eu quem balbuciou. Acredita, senhor? Hoje eu quase matei um homem.

— *Alex, não seria o fotógrafo carioca, desaparecido desde ontem?*
Beatriz tem o rastro do fotógrafo em sua memória. Fantasma que precisa esquecer e viver livre.

Terezinha Lanzini, *Episódio 5*, p. 33

O texto a seguir difere das demais narrativas que a antecedem.

A autora deu preferência a abordagens envolvendo questões familiares e a angústia no caso de desaparecimento de um ente querido. De alguma forma, manteve semelhança com o tema morte, embora tenha se afastado do crime e assassinatos, propostos pelo narrador absoluto, citado na apresentação deste projeto.

Por apresentar foco que se distancia dos demais textos, fica o alerta ao leitor para tal destaque — uma narrativa à parte, porém sem qualquer prejuízo para o todo da proposta.

Cabe a inserção no todo, por se tratar de uma narrativa experimental escrita a cinco mãos.

FLAGELO

Maurícia Mees

Episódio 1

Fora, sim, um grito seguido de um gemido. E depois um baque – seco – semelhante a um soco. Ou talvez pudesse ser a queda do bastão de beisebol de cima do armário. Mas não havia nada próximo ao corpo estendido. Nenhum objeto. O telefone tocou insistente, na peça contígua.

E aí está o senhor Guilherme, ainda ontem, falava com seu amigo, o Joseph, neste mesmo cômodo.

Gostava de levar as visitas até a sala de leitura. O primeiro assunto dele, claro, foi sobre o filho.

— Já te disse várias vezes, Joseph, como tuas palavras são um alento pra minha alma. Sem elas eu não conseguiria suportar minha dor.

— Eu compreendo, Guilherme — disse o amigo visitante. — Filhos podem ser bênçãos para os pais, ou sofrimento, por vontade própria, ou não. Alguns genitores carregam-nos apenas no coração, para outros, isto só não é suficiente. Você, por exemplo, olho para estas lembranças que te rodeiam e fico pensando se elas não estão te deprimindo demais.

Se minhas ideias funcionassem — pensou Joseph — talvez Gui considerasse diminuir a quantidade de lembranças, deixaria sua alma mais leve.

Guilherme o olhou passivo e perguntou:

— O que tens a dizer a respeito? — Considerava muito os argumentos lúcidos daquele professor estudioso de várias áreas.

Vendo uma pilha de revistas de esportes sobre a mesa, Joseph animou-se. Só esperava uma forma de fazer a proposta, Gui tinha lhe dito várias vezes que não se envolveria mais com nada.

Para ganhar tempo antes de iniciar o assunto que o trouxera ali, começou a observar a sala enquanto Gui se retirou para pedir um café. Na cozinha, Miguelito preparava uma moussaka para a janta – uma versão de lasanha, feita com berinjela, carne de cordeiro e especiarias. Um prato muito apreciado na Grécia. Esperava que o amigo se alimentasse; andava muito magro desde que o filho sumiu. Talvez conseguisse levar um pouco de alegria aos olhos dele.

Era na sala de leitura que o amigo passava o tempo lendo – poltrona Leroy Victorine branca, que já trazia marcas de usada desde quando viera para o apartamento. Sobre a mesa redonda de madeira com detalhes em dourado, uma luz de leitura e uma jarra d'água. Daquele homem dinâmico, jovial e porte atlético, restara aquela figura envelhecida, curvada, cuja única ocupação era leitura e releitura de seus autores preferidos. Suas raras saídas eram caminhadas até o parque nos fundos do prédio. Percorria todos os recantos daquela área como que a procurar alguém. Muito raramente, andava pelo bairro, próximo do apartamento.

Joseph olhou em volta e tudo que via mostrava o passado – os móveis, as fotos e os troféus. Ao voltar, Guilherme viu o amigo, muito compenetrado, mãos nas costas, analisando cada foto e resolveu conduzi-lo pela galeria. Na primeira, os pais com o filho pequeno, de uniforme, capacete, luva, bola e taco, os três mostrando um sorriso largo. Não havia ali uma foto que mostrasse tristeza, todas expunham figuras sorridentes. Nos cantos da sala, junto da janela, de um lado, uma vitrine, e do outro, uma cesta.

Em destaque, sobre a vitrine de canto feita de madeira com detalhes em ródica e bronze, a foto de um rapaz alto, agachado, na posição de catcher, 'diante da rede. Depois de passar a mão levemente sobre a foto, Guilherme conduziu o amigo até a cesta. Da janela aberta entrava uma brisa leve vinda do parque. Gui, como os amigos o chamavam, falou de cada um dos tacos, mostrou a data, local e o campeonato vencido pelo filho.

Quando o amigo voltou à vitrine que exibia cada um dos troféus, desde o início, quando Antônio ainda jogava no time de basebol amador, Gui o seguiu com o último taco na mão.

Falou de todos os troféus. Junto deles, o capacete, luva e bola que o pai pedia ao filho a cada jogo vencedor, e, mais uma vez, plaquinhas indicando datas e locais da competição, mania de organização e registro que Gui trazia desde a infância.

Joseph, ou Alemão, como ele preferia ser chamado pelos amigos, pois gosta de ter sua origem reconhecida, não queria ver um pai vivendo do passado. Serviu-se de café, pegou um kourabiedes² e sentou diante do amigo, que colocou o último bastão ao lado cadeira.

— Afinal — disse, analisando o biscoito em sua mão – a senhora dos doces gregos continua a fornecê-los, ou manténs um estoque?

— Continua, não te serviria biscoitos embolorados. Quando dona Sofia anunciou que iria mudar, os protestos foram tantos que acabou ficando e, felizmente, continuamos tendo comida grega. Ela recebe encomendas por telefone. Se você quiser... Mas acho melhor não te dar o número, aí tenho certeza que volta. Prometo que da próxima vez vou variar.

— Baklavá³ de nozes — disse Miguelito ao passar em frente à porta. — Eu já disse pro Gui que da próxima vez vamos ter baklavá de nozes, você gosta, Gui, que eu sei.

— Não apenas eu — replicou Guilherme, olhando para Miguelito. — Tenho certeza que você também vai gostar, Joseph.

— Mas não vim aqui só para comer e falar sobre docinhos gregos. Estive pensando muito em ti nos últimos tempos. Desde quando me contataste de Caracas, tenho pensado em como te ajudar a diminuir um pouco teu luto. Como te disse, não vai ser teu sofrimento que trará teu filho de volta. Serão outras forças que podem fazer isto acontecer.

1 *Catcher* - receptor de beisebol.

2 *Kourabiedes* - amanteigado grego de amêndoas.

3 *Baklavá* - massa recheada com nozes e coberta de mel.

— Eu não queria te levar problemas e ocupar teus pensamentos — disse Gui.

— Não te preocupe. São pensamentos positivos, e quero dividi-los contigo.

Gui olhou o amigo com curiosidade.

— O Parthenon — disse Joseph — está indo bem mesmo sem tua presença, que eu saiba. Seria salutar se você iniciasse um empreendimento novo. Pensei, já que o Gui e eu fomos jogadores e gostamos de esporte, por que nós não poderíamos fazer uma parceria e criar uma ONG para ensinar jovens da periferia a praticar esportes.

Gui ergueu as sobrancelhas, sabia das obras humanitárias do Alemão, mas jamais esperou que fosse querer envolvê-lo naquilo.

— Guilherme, precisas te ocupar. Tenho auxiliado a fundar ONGs em alguns países. O projeto envolve ensinar esporte para jovens carentes. Ficam menos tempo ociosos e podem desenvolver o gosto pelo esporte e, quiçá, alguns daí saiam campeões.

— De que tipo de esporte estamos falando?

— Futebol, é o que as crianças aqui no Brasil mais gostam de jogar, não é?

— Para ambos os sexos?

— Sim, só não conseguimos incluir as meninas num país devido à religião.

— E se incluíssemos outro esporte?

— Beisebol?

Guilherme acena afirmativamente com a cabeça.

— Para o futebol, podemos conseguir treinadores voluntários, e julgo que eu poderia contar contigo para o beisebol.

O Alemão fita-o com um olhar interrogativo:

— Você acha que tenho condições para isto?

— Sim, mas não sei se estou em condições para isto.

— Tenho certeza absoluta. E não só farás o bem para estes jovens como também pra ti.

— Como vão as outras ONGs?

— Tenho visitado todas. Talvez tenhamos que fechar uma que está com problemas políticos. O país está um caos. Com você encabeçando esta, aposto que tudo correrá bem. Quem já esteve à frente de um Parthenon...

— Podes me dar um tempo?

— Receio que não. Como estarei partindo logo, pensei em já marcar uma reunião. Também julgo conveniente você se envolver sem demora. E, se você não se opuser, eu gostaria que fosse aqui no teu apartamento. Não estaríamos nos expondo tanto a esta pandemia que parece não esmorecer.

— Quando viajas?

— Daqui a dois dias, mas já poderíamos iniciar o planejamento. Tenho duas palestras amanhã, uma à tarde e outra à noite. Tenho modelos de projetos que já foram colocados em prática. Fazemos adaptações conforme as situações e condições locais. E você já conhece um pouco da realidade desta cidade.

E os dois continuaram conversando sobre a ideia. Gui falava mais alto, a fala já não parecia mais aquele falar arrastado e quase inaudível dos últimos tempos. A brasa, que há muito se apagara, recebera uma nova faísca que refletia em seus olhos.

— Então marcamos para amanhã. Podes me dar tempo depois de olharmos os projetos?

— Desde que fiques analisando as possibilidades. Aqui, então, amanhã às oito?

— Sim, melhor evitar locais públicos. Quem diria que esta pandemia chegasse ao ponto que chegou.

— A situação não está boa. As pessoas parecem não cooperar.

— Sim, mesmo com decretos, os governantes e as autoridades da saúde não obtêm sucesso no isolamento social desejado para impedir que o vírus se alastre ainda mais. Nosso governo também tem menosprezado a gravidade da Covid-19. Ele próprio tem provocado aglomerações, mesmo quando proibido a nível nacional. Inclusive sem máscara. Acho que você tem acompanhado, Joseph. A imprensa internacional comenta e critica o Governo Federal do Brasil.

— Precisamos de alguém pra dizer: Por qué no te callas?

Os dois ficaram em silêncio, por um momento, sacudindo a cabeça e apertando os lábios, pensativos. Joseph quebrou o silêncio. — Bem, amigo, devo ir. Até amanhã, então. Ao erguer-se, Guilherme usou o taco como apoio e levou-o consigo até a porta.

— Te vejo amanhã, Guilherme.

— Até amanhã, Joseph.

Naquela noite, Miguelito percebeu uma mudança em Guilherme. Atendeu prontamente ao chamado para jantar. O cheiro da moussaka⁴ lembrou o aconchego e o calor da família reunida em Atenas. Gui sempre fora bom ouvinte, mas, naquela noite, foi ele quem mais falou. Falou sobre os planos, com a esperança de despertar o interesse do amigo.

No meio da noite Miguelito acordou com o ruído. Guilherme não se encontrava no quarto.

Do topo da escada, chamou o amigo: Gui, é você? Gui, é você? O que houve, Guilherme?

Desceu as escadas e foi à biblioteca. Era ali que o deixara lendo quando foi dormir e foi ali que o encontrou sobre o tapete depois que uma chama havia se acendido em seu coração.

— Por Deus, o que houve, Gui? O que houve aqui?

Miguelito gritava enquanto o telefone não parava de tocar.

— O que houve? Pela primeira vez, depois de tanto tempo, tu parecias empolgado. E agora isto!

Por um momento, ficou imóvel, mãos na cabeça, diante do corpo do amigo. Como o telefone não parava de tocar, andava na direção do aparelho e voltava para o amigo ali no chão. O celular tocava e vibrava sobre a mesa na sala de estar. Quando o aparelho caiu sobre o tapete, Miguelito o apanhou e voltou para Guilherme. Preciso atender, pode ser alguém que pode me ajudar.

— Alô! Quem? Repete. Logo agora, não podia ser antes?

Segurando o aparelho, Miguelito emudeceu enquanto a voz na outra ponta continuava.

⁴ Moussaka – uma espécie de lasanha feita com berinjela, carne de cordeiro e especiarias.

Episódio 2

Um ano antes

Oito horas. O Senhor Guilherme Katsaros, em seu BMW violeta, entra pelo portão da garagem no subsolo do Parthenon. Nesta hora, apenas os carros dos guardas noturnos. Terno meia-estação, impecável, como sempre. Quando não acompanhado da esposa, Isadora, chega cantarolando, e sobe o lance da escada que dá no primeiro piso de sua loja de departamentos. Um guarda o recebe na porta lateral, e as luzes de todos os andares são ligadas.

Tem a loja só para si a esta hora. Os funcionários chegam às oito e meia. A loja abre às nove. Mantém uma rotina que costuma seguir com rigor. Ronda dois andares por dia, antes que as portas sejam abertas para os clientes. Feita a vistoria da semana nos quatro andares, passa pelos escritórios e verifica o Piano Bar, na cobertura do quinto andar. É exigente quanto aos vidros. Devem estar impecáveis para o pôr do sol, quando os clientes chegam para o happy hour.

Às nove, inicia o trabalho em sua sala, ao lado do diretor, Thales, pessoa de confiança da família há mais de trinta anos. Iniciando como office boy, Thales conheceu Guilherme ainda garoto. O diretor vê em Guilherme as mesmas características do pai Katsaros, com quem trabalhou em Atenas. Quando o Parthenon de Porto Alegria foi concluído, o senhor Katsaros enviou seu gerente para auxiliar o filho no novo empreendimento.

O negócio da família iniciou em Atenas com o avô de Guilherme. Em seu pequeno comércio, vendia produtos dos artesãos locais que usavam temas gregos em suas peças. Filhos e netos trabalhavam na loja. Mais tarde, a parceria com uma marca de roupas com motivos da cultura grega permitiu que a loja fosse ampliada e, aos poucos, foram introduzindo novas marcas. Guilherme e o irmão projetaram o primeiro Parthenon em Atenas, uma loja de departamentos.

Quando Guilherme veio ao Brasil, visitou vários locais tentando encontrar uma colina no centro da cidade à semelhança da Acrópolis, onde o Partenon original está situado. Em Porto Alegria, encontrou algo mais próximo do que procurava, pelo visto, era o melhor que conseguiria. A área era menor e os terrenos mais elevados em relação à rua, mas não formavam exatamente uma colina. No local, as construções antigas estavam sendo demolidas para construir prédios novos, com design contemporâneo. Guilherme jamais destruiria quatro prédios de um piso com mais de cem anos para serem substituídos por arranha-céus de arquitetura pós-moderna.

Contratou o arquiteto e o engenheiro que construíram o primeiro Parthenon e, depois de dois anos de muito barulho e movimento de máquinas, os tapumes foram retirados e, voilá!, eis que surge o clássico Parthenon. Cinco andares em mármore, seis colunas dóricas, frontão no alto do prédio, e as janelas também encimadas por frontões. A estátua de Atena, não de doze metros de altura como a original, mas de seis, em marfim e ouro, no centro do jardim. O chafariz lançando suas águas a três metros de altura, formando uma cascata com o ruído de um córrego. No jardim, o colorido das flores e o verde das oliveiras se destacam no concreto das alamedas e escadas.

O prédio que o manco entrou era uma coisa colossal. Parecia um mausoléu. Várias colunas até o céu, segurando um triângulo igual a pai-filho-espírito-santo. Só faltava o olho. Era tudo branco, como a entrada do além. Uma placa com o dizer: Parthenon. Me achei na entrada. E vi que não ia ser fácil! Sabe lá que tipo de coisa acontecia ali dentro.

Sônia Coppini, *Episódio 5*, p. 42

Como o Parthenon de sua família na Grécia, o de Porto Alegria também é uma loja multimarcas nacionais e internacionais mais voltado para as classes de maior poder aquisitivo e média. Mas, desde o início, nos tempos do avô, a loja mantém um departamento que contempla qualquer poder aquisitivo.

As vitrines que vislumbrou, em nada lhe pareceram com o mundo do além. Eram infinitas lojas, com escadas de acesso até um quinto céu. Com a falta de Rex para lhe dar o tino, resolveu ir direto para o primeiro andar. Magníficas exposições de roupas e produtos, capazes de deixar o público salivando. Nos quiosques do terraço, dezenas de clientes degustando vinhos finos, frutos do mar, acepipes. Mulheres desfilando com roupas de alta-costura. Cavalheiros com músculos e carteiras para bancar qualquer arroubo. Adenor teve certeza de que achara o lugar. Adenor enxergou, do outro lado da loja, uma espécie de altar, um gigantesco painel luminoso e alguns troféus expostos, como ex-votos. Sua atenção se voltou para lá — Beisebol! — falou em voz alta. O atendente olhou na direção mencionada e iluminou por completo a descoberta de Adenor. Aquele é um recanto especial, por conta do proprietário do shopping. O filho é campeão.

Sônia Coppini, *Episódio 6*, p. 44

Oito e trinta

Como um relógio, Miguel, mais conhecido por Miguelito, e a filha Rita descem do lotação. Estacionamento no centro da cidade está caro. Andam uma quadra e, antes de chegarem ao Armarinho São José, o pai para e admira o Parthenon.

— Não canso de olhar. Ainda bem que tem este paraíso no meio destes prédios e barulho. Não canso de olhar.

— Sei, pai. É lindo mesmo. Mas agora vamos pro nosso prédio pequeno e velho. Temos muito a fazer antes de abrir.

O olhar de Miguel não é de inveja, mas de admiração. Continuam na direção da loja.

— Ainda vou visitar este Parthenon por dentro. Pelo que se vê por fora, lá dentro deve ser uma maravilha. O dono nem deve aparecer, com tanto dinheiro. Até agora só andei pelo jardim. Tenho falado com os jardineiros. Se eu fosse escolher a profissão hoje, com certeza ia ser jardineiro. Quando me aposentar, tu vais ver, filha, vou procurar uma casa com terreno maior, no mesmo bairro. Aí sim, não vou ter só uma horta, vai ter fruta e flor. Fico só imaginando.

Com a ajuda da filha, Miguelito abre a porta de ferro que dá diretamente para a calçada, como todas as lojas nos prédios antigos. Ritinha, como o pai gosta de chamar, apressa-se para colocar a placa FECHADO na porta. Ainda faltam trinta minutos. Precisa organizar a loja. Abre as duas janelas que servem de vitrine para expor as mercadorias mais inusitadas.

— As outras não precisam ser expostas — diz Miguel — o que se pode encontrar num armarinho? Todos sabem. O velho Leopoldo me ensinou assim, e dá certo.

A filha não contraria o pai, gostaria de algumas inovações, um dia o convencerá de que os tempos mudaram e exigem adaptações. Por enquanto, ele mantém a loja como era quando começou ali.

Ritinha tenta, ao menos, interferir na aparência de seu Miguelito.

— Estas roupas brilhosas, nem pra festa dá mais — argumenta. — Vamos doar estas camisas e calças. O pai tem elas desde solteiro.

— Minhas camisa Volta ao Mundo e calças de tergal? As camisas são Valisère, Ritinha. E este conjunto é de tergal Pervinc 70. Era muito chique.

— Disse muito bem, era. Há muito está fora de moda, pai.

— Filha, a moda vai e volta e vai continuar assim. Não vou ficar comprando roupa só porque resolveram que a cor do ano é lilás. Eu não vou andar de lilás. Na próxima estação, muda pra, como diz aquela, cor da pele?

— Nude, pai.

— Não vou ser escravo da moda. Tudo bem, quando eu era mais novo, mas, com esta idade? Capaz que eu vou ir atrás disso. Prefiro gastar com outras coisas.

— Mas têm estilos de roupa que achatam a figura, e pro pai que não é tão alto, fica mais baixinho — diz Ritinha, esperando uma reação do pai. Não gostava de ser chamado de baixinho, mesmo com seus um metro e sessenta e cinco.

— Calças caídas sobre os sapatos, paletós largos e com ombreiras, tudo deixa a pessoa mais miudinha. Tem truques, pai. Dá uma espiada no que o Tom Cruise faz pra disfarçar a pouca altura.

— Esquece isso, talvez um dia eu boto tudo fora e compro novo. Quando eu ficar rico, vou mudar com a moda como ela muda com o vento. No momento não vou gastar meus ricos cruzeirinhos naquilo que acho bobagem.

— Cruzeiro, pai?

Ritinha desiste.

Nem a loja, nem a aparência. Tudo precisa ficar como está. Aquelas calças anos 80/90, não dá. Pregas, cintura alta, caindo sobre o sapato, tudo de décadas atrás. Pior que ainda preciso passar, tem que estar bem vincadas. Só porque não existe mais o tal tecido, é precioso pra ele. Volta ao Mundo, tergal. São de boa qualidade, são Valisère. Quem quer saber. Acho que vou ter que provocar um acidente de vez em quando — queimar uma aqui, rasgar outra, puídas assim, não precisam de muito pra rasgar. E aquele cabelo comprido, solto é um horror, rabo de cavalo ainda dá. Com aquele cabelo bom, encaracolado, macio e farto, imagina um bom corte. Ia se sentir bem. Ainda chego lá. Com o guarda-roupas não deu. Aquele brilho, conjunto de tergal Pervinc 70. Tinha que ver a chiqueza que era. Era, era. Tudo que era ele guarda. Pior, usa.

Se, pelo menos, se impressionasse com o efeito da roupa na estatura, mas nem isso. Pro pai que não é tão alto, fica mais baixinho. Tivesse ficado brabo, mas nem isso. Sem reação de seu Miguelito. Nunca consigo convencê-lo de nada. Santo de casa não faz milagre. Talvez um dia vai gastar seus ricos cruzeirinhos com roupa. Tô pra ver.

Cruzeirinho, né.

Na loja, Ritinha faz o melhor que pode destacando produtos no balcão-vitrine, e em cestas posicionadas em destaque pela loja. Enquanto o pai se ocupa com suas anotações, a filha coloca no ar um spray aromático, gosta de lojas perfumadas, mas não entra naquelas onde não se poupa incenso. Com a ajuda do empregado, Felipe, Miguelito faz a lista do estoque em baixa. Mais tarde, ligará para os fornecedores. Além dos artigos de armarinho, a São José também dispõe de tecidos para bordado e decoração, no fundo da loja. A filha anota o nome de alguns tecidos e a quantidade para ser incluída na lista de encomendas.

— Precisamos, no mínimo, de mais uma arara de tecidos. Uma só é pouco — diz, ao entregar as anotações ao pai.

Ele olha o bilhete e pende a cabeça para um lado.

— Não sei, não. Vou pensar.

Episódio 3

O cheiro do café fresco chega até a loja e Miguelito se apressa para seu cafezinho da tarde na confeitaria do outro lado da rua, um luxo do qual não abre mão.

— Olha o tempo, pai, leva o guarda-chuva. — Tá trovejando — acrescenta Ritinha. Mas o pai não mais a ouve.

Miguelito empurra a porta da confeitaria e o aroma invade suas narinas. Vozes abafadas, tilintar de xícaras, vapor saindo da cafeteira, um leve ruído do ar condicionado.

— O de sempre, seu Miguelito? — pergunta a barista. — E na mesa de sempre — acrescenta, dirigindo-se à bancada do café.

Miguel acena afirmativamente com a cabeça com a seriedade de costume. Da mesa de sempre, ele pode observar a entrada e saída dos fregueses do seu armarinho, o movimento da rua e da confeitaria. Conhece muitos dos frequentadores. Devem trabalhar nas redondezas. O Grego se atrasou hoje, um imprevisto talvez. Como naquela tarde que não pude vir por causa do banheiro alagado na loja. Com um tilintar, a porta se abre, o Grego entra. Procura um local para o guarda-chuva, coloca-o com os demais junto da porta. Terno impecável, olha-se no espelho, ajeita o cabelo castanho encaracolado dando pancadinhas com as mãos. Sorridente, inala o cheiro do café e conversa com a atendente.

— E o docinho de hoje, seu Guilherme?

— O mais brasileirinho que tiver.

O Grego vai até a mesa central, olha em volta, cumprimenta, troca algumas palavras com frequentadores mais próximos e senta. Tira um bloquinho e caneta do bolso e, antes de fazer as anotações costumeiras, conversa com um senhor, na mesa ao lado. A barista leva o café e um brigadeiro. Enquanto saboreia o carioquinha e o quitute, faz anotações.

Desde que viu, pela primeira vez, aquele homem tão distinto, Miguelito se pergunta quem seria ele. Por que o chamam de Grego? Será grego mesmo? Parece deslocado, tão elegante e que postura; mas parece que gosta de estar aqui, vem todo dia.

Da sua mesa, o Grego cumprimenta Miguelito.

Deve ter notado que eu tava olhando pra ele, que vergonha. Vou acenar com a cabeça.

Os trovões aumentam, o céu escurece, um aguaceiro desaba sobre a cidade. Na rua, as pessoas se esbarram, atravessam diante dos carros, buzinas de protestos. Os vendedores

da calçada cobrem suas mercadorias com plástico. Logo a chuva passa deixando uma enxurrada nas ruas. O Grego levanta, agradece e sai para o mormaço com cheiro de terra molhada. Miguelito percebe que ele esqueceu o guarda-chuva. Vou entregar pra ele, não pode tá longe. Na rua, vê o Grego no segundo platô do jardim do Parthenon conversando com um jardineiro. Respira, Miguelito, senão não chegas até lá, são só dois lance de escada. A chuva recomeça. Ofegante, entrega o guarda-chuva ao Grego.

— E o senhor, vai ficar na chuva? Fica com ele, eu estou perto — o Grego aponta para o Parthenon acima.

— Eu também vou para o armarinho, ali — Miguelito indica com a cabeça para a loja ao lado.

— Então te levo até lá — diz o Grego, sem ouvir os protestos do outro.

Miguelito, meio curvado, tropeça, caminhando ao lado daquele homem alto, andar ereto e roupas impecáveis, com o braço sobre seu ombro. Tô parecendo um menino de rua protegido por um homem generoso. Quem ia dizer que um dia eu ia caminhar de baixo do guarda-chuva dum homem tão importante. A Ritinha tem razão, preciso me vestir melhor.

— Nos vemos amanhã — diz o Grego, ao deixar Miguelito na porta do armarinho.

Dezesseis horas do dia seguinte:

— Olá, vizinho — diz o Grego, quando Miguelito entra na confeitaria. — Venha me fazer companhia.

O convidado titubeia. E agora? O que faço? Bem que eu queria, mas não tô à altura dele. Mas por que não? Se me convidou, é porque não liga.

Sorridente, Guilherme levanta e estende a mão.

— Guilherme Katsaros, prazer. Com quem eu tenho o prazer de conversar?

— Miguel Hernández, mais conhecido como Miguelito, dono da Armarinhos São José.

Guilherme, com a mão espalmada para cima, aponta a cadeira.

— Pois bem, sou Guilherme Katsaros, proprietário do Parthenon, — disse o Grego sorridente.

— Dono do Parthenon! Dono do Parthenon! Quando via o senhor, sempre imaginei que era uma pessoa importante.

— Por que? Mas não me chame de senhor. Somos colegas de profissão.

— Você sempre se veste muito bem, e o seu jeito. Dono do Parthenon... conseguiu construir aquela beleza, e toda em mármore!

Guilherme sorri, já está acostumado, todos comentam a riqueza da construção.

— Parece mármore, mas não é. Usei um material sintético que imita muito bem mármore, além disso, é de fácil manutenção. Só a lojinha que meu vovô iniciou na Grécia tem a fachada toda em mármore. As demais são todas imitação. Nosso negócio começou com meu vovô e a família deu continuidade.

— Imagino que seu armarinho também esteja na família há muito.

— Não, minha família não é deste ramo, eu fui o primeiro. Sou filho de um pai lutador, caminhoneiro, agora tá aposentado. A gente morava no bairro, mas quase não saía de lá. Quando terminei o segundo grau, hoje não se diz mais assim, parece que é ensino médio. Não sei por que mudam o nome. A educação continua igual.

Miguelito cuida da pronúncia. Andava com a fala desleixada.

Guilherme, de braços abertos, cabeça inclinada, atento.

— Precisei parar de estudar pra trabalhar. Consegui emprego na Armarinhos São José com o seu Leopoldo. Ele foi ficando velhinho, se aposentou e ofereceu a loja pra mim, eu já tinha pegado jeito. Mas não foi fácil comprar o ponto e a mercadoria.

— Mas conseguiram.

— A gente teve que vender um terreno. Ainda bem que meu pai tinha comprado ele por uma bagatela.

— Mas, por isso mesmo, a família deve querer continuar, assim como a nossa.

— Só se por parte dos meus sobrinho. Minha filha, a Ritinha, trabalha comigo por pena de me deixar sozinho. Ela diz que não, mas eu acho que ela queria outra coisa.

— Tens apenas uma filha?

— Tenho também um filho, o mais velho.

— E este? Não se interessa pelo negócio do pai?

— Com ele não posso contar pra nada. Só me dá problema.

Guilherme ergue as sobrancelhas. Não quer ser indiscreto, mas olhava nos olhos do interlocutor.

— Escolheu ser músico, não tem emprego fixo. Vive na rua, só vem para casa quando não tem onde ficar. Depois que a mãe deles deixou a gente, posso dizer que ficamos minha filha e eu. Com ela posso contar. E tem o Felipe, meu empregado da loja. Olha, tive sorte com este rapaz. Sabe, pai sempre quer o melhor pra seus filho. Tenho me preocupado muito com o Vinícius, não vou durá pra sempre pra poder ajudar. Mas não vamos falar mais nisso — diz Miguelito, olhando pro relógio.

Guilherme olha para o homem humilde a sua frente, franzino, aparentando, no mínimo, sessenta.

— Já está na hora, mas antes quero te dizer que já na primeira vez que te vi, me lembaste meu vovô, agora conversando contigo, vejo que não é só fisicamente.

— Como pode, seu, quer dizer, Guilherme. Teu avô deve ser alto e forte pra ter um neto do seu tamanho. Não miudinho como eu.

— Esta altura vem da família de minha mãe.

Na loja, a filha percebe a agitação do pai ao chegar do cafezinho. Ele seca o suor da testa, os olhos bem abertos, sobrancelhas levantadas, a boca entreaberta, expressando um leve sorriso.

Diante do espelho, no corredor que dá para o depósito, Miguelito se olha. Como o Grego me viu? Arruma o colarinho, ajeita melhor a camisa na calça, passa a mão no rosto e olha-se de perfil, se apruma e vira para filha.

— Oh, Ritinha, tu não vais acreditar, ele me convidou pra tomar café na mesa dele. A gente conversou. Ele se chama Guilherme Ka-tsa-ros – diz, separando as sílabas.

— Quem é ele? Ele quem?

— O Grego, Ritinha, não vais acreditar. O Grego é o grego do Parthenon, ele é o dono. Quase cá pra trás quando me disse. Eu sentado na mesa do dono do Parthenon!

Arranja a camisa, apruma-se e ergue a cabeça.

— Eu na mesa do dono do Parthenon. Teu pai é importante, filha, o que achas, não te mete.

— Tá brincando comigo! Ele te convidou pra sentar na mesa dele? — pergunta Ritinha mostrando interesse no assunto. — Aquele homem que o pai achava que não se

misturava com gente comum! E o pai sentou? E ele vai lá todo o dia, como o pai? Podia tomar o cafezinho na sala dele, deve ser muito chique!

Miguelito confirmava acenando a cabeça. Sorriso largo.

— Como o pai se sentiu, vestido assim, perto dum homem tão elegante?

— É, acho que vou ter que aceitar teus conselho. Preciso comprar roupa nova.

— Então, vamos no shopping este sábado — sugere a filha. — Faz tempo que quero levar o pai prum banho de loja.

Miguelito toma seu posto no caixa, atende uma cliente, procura por Ritinha, precisa falar. Contenta-se em falar sozinho. A filha está muito ocupada. Batendo com a caneta no balcão, olhar perdido na direção da rua. O dono do Parthenon, quem ia dizer, repuxava a boca e sacudia a cabeça. Quem ia dizer que um dia ele ia falar comigo?

No lotação, o assunto continua:

— Sabe, ele tem um bloquinho.

Olha pro lado, a filha dorme. Coitada, trabalhou muito hoje. Cutuca. E a filha abre os olhos.

— Que foi, pai?

— Sabe, ele tem um bloquinho. Acho que não era pra eu ver, mas acho que ele faz o jogo do bicho.

— Ah, capaz, pai. Dono do Parthenon jogando no bicho? Conta outra, pai.

— Tô dizendo, filha. Cada um tem suas mania. Não vê eu? Só jogo nos dias par. Ele escreve naquele bloquinho quase todos dia. Outra coisa, filha, ele disse que eu sou parecido com o avô dele.

— Avô dele? Tá bom, pai. Este trânsito tá uma coisa. Tenho muito que fazer em casa.

— Hoje me lembrei da vovó e vovô, Ritinha. Quando eles vinham na nossa casa, a mãe botava nós na fila pra dar a mão pra cumprimentar. Eu ficava olhando pra ver qual era a mão certa pra dar. Eu tinha um jeitinho, juntava as mão virada pra cima e olhava a marca no pulso. Era aquela a mão certa. Eu tinha vergonha que alguém podia ver, então eu disfarçava, não queria fazer fiasco. Pra não esquecer, às vez eu ficava com o braço da marca pra frente, mas mesmo assim, um dia, na hora, dei a mão errada. Que vergonha.

Os irmão riram de mim. O vovô mal pegava a mão e já largava, nem olhava pra gente, mas a vovó não. Apertava bem fechado, ela tinha a mão quente. Eu até gostava, mas saía correndo, tava contente que aquilo já tinha acabado. Sabe, hoje, quando eu tava sentado com o Grego, eu também fiquei com medo de fazer tudo errado.

— Pois é, uma coisa que o pai tem que melhorar é este plural. Ah, e as roupas, claro.

Episódio 4

Ritinha abre a porta.

— Afinal em casa. Demora cada vez mais. Não sei donde vem tanto carro. Ufa, que abafamento.

— Casa fechada o dia inteiro, né, filha. Se a gente pudesse deixar as janela aberta.

— Só escolher, morrer abafado, ou de picada de mosquito. Não dá pra colocar uma tela? Pelo menos na janela da cozinha. Com o ar que vem lá debaixo dá pra arejar um pouco.

— Vou pensar, filha. Vou pensar.

— Pensa ligeiro, senão o verão acaba sem tela. Falando nisto, precisamos nos organizar pro carnaval. Alçaçuz de novo?

— A praia do centro não dá mais pra frequentar, pai. Com todo aquele esgoto a céu aberto. A gente podia conseguir uma casa fora do centro.

— Vou pensar.

Na cozinha, o cheiro de carne assada e molho de tomate.

— Pai, arroz, massa ou batatinha?

— O que tu quiser. Talvez arroz e batata — responde ele do quarto.

Diante do espelho, Miguelito esquece de seus compromissos na cozinha. Vou ter que me arrumar melhor pra não passar vergonha perto do seu Guilherme, se ele me convidar de novo. Gente boa ele, senão nem olhava pra mim.

— Vou tentar falar melhor – diz, caprichando nos erres e esses.

— Falando sozinho, seu Miguelito?

— Estou, filha. Praticando pra melhorar o jeito que eu falo. A gente vai se acostumando a falar errado.

— Isto, pai, vai treinando.

O telefone toca na sala. Miguelito fica à espera daquele “pai, é pra ti”, mas não é. Mas também percebe que não é o Jorge, o namorado da filha. Não parece conversa de namorado. Penteia os cabelos fartos e encaracolados, ainda molhados do banho. Resolveu deixá-los crescer, parecendo querer reviver sua juventude. Olha-se de perfil. O homem prateado. Alteia o corpo e ajeita o pijama.

— Qué um Tang, pai?

— Pode ser, deixa que eu faço.

Entre os afazeres na cozinha, o pai volta a falar no Grego.

— Sabe, o seu Guilherme me falou duma doença que apareceu numa cidade da China, parece que é Huham, qualquer coisa assim. Agora já se espalhou pela Ásia e alguns outros lugar e tá se espalhando pro mundo. Ah, filha, me lembra de falar melhor, me ajuda. A gente vai se acostumando a falar dum jeito. Se a gente falar certinho, ia parecer esnobe em alguns lugar. Aí a gente acaba falando sempre como gente simples.

— O que o pai precisa é usar o plural.

Miguelito olha para filha com um olhar inquisidor.

— Ah, não lembra mais o que é plural? Assim, ó. Alguns lugares, um botão, dois botões.

— Dois já não é suficiente? Já tá dizendo que é mais de um.

— Não soa bem. Sabe, a professora de português disse uma vez que saber falar uma língua é saber adaptar a fala de acordo com as pessoas ou o lugar. Sabe, formal e informal. O que o pai precisa é pronunciar os esses do plural sempre. Assim, pai. Uma laranja, duas laranjas. Quando tem mais de uma. Três bananas. Mas deixa eu ajudar. Posso corrigir quando o pai não usa o plural?

— Sim, filha. É o que tô te pedindo.

— Mas, sobre a doença na China, a primeira vez que ouvi falar dela foi quando o Jorge e eu saímos pra festejar a virada do ano na praia. Tinha gente falando disso. O homem até disse, ah, também aquela gente da China come tudo que é bicho. Parece que veio de morcego. A notícia saiu naquele mesmo dia, véspera do Ano Novo. No nosso Ano Novo, não deles. O deles é depois. Parece que é lá por fevereiro, final desse mês, não sei.

— Já chegou em tantos lugar, mas acho que não vai chegar até aqui. Tens visto teu irmão?

— Tantos lugares, pai. O Vinícius? Faz tempo que anda sumido, mas acho que ele veio pegar alguma coisa no quarto dele.

— Quem era no telefone?

— Tia Clara.

— Alguma novidade? Fazia tempo que não ligava.

— Ah, só queria saber notícias.

— Tô te achando cansada, filha. Trabalha muito, a loja, a casa. Vou ter que te ajudar mais. O Vinícius não ajuda muito, mas faz alguma coisa, quando está em casa, pelo menos cuida da loja.

— Como é, pai?

— Louça.

— O Vinícius ajuda, pai? Lava a louça, mas traz toda roupa suja pra casa. Quem lava? Euzinha aqui. Vamos jantar, a comida tá esfriando.

Ritinha olha para o pai, coitado, já anda tão preocupado com o Vinícius, agora mais esta. Ele precisa saber, não queria ver ele sofrer ainda mais por causa do filho.

— Por que está tão pensativa, filha?

Ritinha ergue os ombros.

— Coisa minha.

— Te conheço, Ritinha, se abre com teu pai.

Ritinha aperta os lábios.

— Ai, pai, tia Clara me perguntou se era verdade que o Vinícius tá indo pra Alemanha. Eu não queria te dar esta notícia.

— Como assim, Alemanha? Como?

Miguel larga os talheres e encara a filha. Olhos arregalados.

— Diz que alguém falou pra ele que tem mais chance de trabalho lá. Fazem contratos por temporada. Difícil faltar emprego.

— Ah, então foi por isto que vendeu o carro! Me disse que não conseguia mais pagar as prestação.

Ritinha não quer corrigir o pai naquele momento. Ele apoia os cotovelos na mesa e segura o rosto. Olhar fixo no prato, balança a cabeça.

— Tenho tentado conversar com ele, mas nada, não fala nada. Se eu pergunto, ele fica brabo. Se ele tivesse metade da tua responsabilidade, um terço, que fosse.

— É, pai, cada filho é diferente.

— Eu tento falar, ele mal me responde quando eu pergunto alguma coisa. Às vez até fica brabo. Eu queria poder falar, dar conselho. Eu só quero o bem dele. Ele não vê isto. Quando ele me ouve, isto quando ele me ouve, fica lá de braço cruzado com um risinho debochado. Acho que nem me ouve. Só fala: tá, pai, tá, pai.

— Pai, já falei com ele. Ele disse que o pai quer o que o pai pensa que é bom, mas que a opção é dele e que ele quer levar a vida que ele escolheu. Ele quer ser livre. Eu penso como o pai. O que vai ser dele quando ele ficar mais velho? Nem sempre vai ter condições que ele tem hoje para enfrentar os desafios. E eu vou dizer uma coisa, ele gosta do que faz e se dedica, mas...

— Já disse tantas vez pra ele pegar um trabalho com carteira assinada. Não vai atrapalhar os show que ele faz. Difícil ele ter show de dia.

— Concordo, pai, mas ele disse que com emprego fixo, não vai mais poder viajar. Agora este negócio de ir pra Alemanha, também estou preocupada. Bom, pai, bora falar direito.

Ritinha arruma a cozinha enquanto Miguelito continua de cabeça baixa, sacudindo-a cabeça em negação.

Na casa de Guilherme, Antônio está com as malas prontas. Mais uma viagem, outra competição.

— Filho — diz Isadora — está levando tudo? Vou ver com Maria se colocou tudo na mala. Não esqueça do álcool gel e da máscara, filho.

— A Maria? Ela nunca esquece de nada e, se faltar algo, pra que existem as lojas?

— Fica em contato, Antônio.

— Algum dia não liguei pra vocês? Claro que ligo. E não se preocupe tanto com esta história da Covid-19, mãe.

Isadora vê o carro sumir por entre as oliveiras da alameda, na direção do portão. No aeroporto, Guilherme se despede do filho quando este se reúne ao time.

— Boa viagem e bom jogo. Confio que vais te cuidar.

Sentados à mesa enquanto o jantar está sendo servido. Guilherme e Isadora tomam um Hardys e conversam sobre a preocupação com o filho.

— Se, pelo menos, não precisasse viajar tanto. Pior que eles jogam sem máscara, com tantos casos por lá. Por que foi escolher ser jogador?

— Também me preocupo, Isadora, mas se ele tivesse escolhido trabalhar na loja da família, ele tomaria o lugar do Thales. Ele viajaria, talvez, muito mais para os negócios do que para as competições. O Thales viaja no meu lugar por causa da minha fobia de aviões. Mas, se o Antônio trabalhasse no Parthenon, seria ele quem faria as viagens. Também correria risco.

— Sim, Guilherme. O problema é que jogam sem máscara. Se não gostasse tanto do que faz, talvez a gente pudesse convencê-lo de não viajar enquanto esta doença não acabar. Onde será que vai ser o próximo campeonato?

— Ainda não sabe, acho que vai depender do resultado da partida contra o Cleveland Indians. Espero que ele não precise jogar na Ásia com aquele vírus se alastrando. Pelo menos pra China, os voos foram cancelados e Wuhan não recebe mais turistas. A cidade está em isolamento. O problema é que já tem muitos casos nos Estados Unidos. Espero que ainda não tenha se propagado em Cleveland. De qualquer forma, não tem como não ter contato com pessoas de todas as partes, tanto no avião quanto nos aeroportos.

Isadora aperta os lábios e concorda, pensativa.

— Com as vitórias obtidas, não vai parar tão cedo.

— Como disseste, ele está feliz com a escolha que fez. As escolhas estão aí, basta escolhermos aquilo que nos realiza, nos faz feliz. Do contrário, o que seria nossa vida? Falando nisso, hoje conversei com um frequentador da confeitaria, o Miguelito. Ele é dono dum armazinho ao lado do Parthenon. Uma lojinha pequena, num prédio antigo, mas fala com satisfação sobre seu trabalho.

— Sempre te encontrando com esta gentinha, não tens amigos pra conversar? Espero que não seja outro...

— Isadora, já sei o que pensas a respeito. Eu canso das conversas dos ditos amigos, eu não os considero amigos, somos apenas sócios do mesmo clube. A maioria é esnobe. Desde que vi o Miguelito pela primeira vez, me lembrou vovô. Quando conversamos, percebi nele a mesma alegria que vovô tinha com sua lojinha. Acho que por isso papai resolveu continuar com ela quando abrimos o Parthenon, como, sabe, uma homenagem ao pai.

Isadora, mão na taça, olhos no teto. Guilherme já conhece aquele olhar da esposa quando não gosta da conversa.

— Não acabamos de falar sobre escolhas? O vovô, papai, meu irmão, nosso filho, nós dois quando decidimos casar. Todas as escolhas têm seus prós e contras. A loja do Miguelito é pequena, mas lhe satisfaz. O que seria do mundo se todos quisessem a mesma coisa? O mesmo acontece com a escolha das pessoas com que nos relacionamos. Você gosta de conviver com o pessoal do clube. Tenho lá meus compatriotas que me fazem sentir um pouco na Grécia. E nossas partidas de beisebol. Mas as outras atividades, as festas e cerimônias eu dispensar. São escolhas, Isadora. É um direito de cada um.

Isadora olha para o marido:

— Isto lá é nome: Miguelito.

— Já sei, Isadora, se algum sócio do clube se chamasse Miguelito, não dirias isto, mas este Miguelito é dono de um simples armário.

Guilherme, taça na mão, vai sentar-se sob o caramanchão. Isadora digita.

Episódio 5

— As máscara, álcool gel, marmitta. Tudo pronto. Ah, mais as máscara pra trocar. Quando tá úmida, tem que trocar.

— Máscaras, pai. Vamos, talvez a gente não vai conseguir pegar o primeiro ônibus que passa, com a lotação limitada vai ficar mais difícil.

— Com a suspensão das aulas, aulas, não vai ter tanto passageiro, filha.

No coletivo, poucos usam máscara, além de Miguelito e Ritinha. Os passageiros parecem olhar com desconfiança para aqueles que a usam. Ritinha percebe olhares de desdém. Que exagerados, parecem dizer. Alguns conversam: Só precisa usar máscara aquele que está com sintoma; outro é de opinião de que todos devem usar, impede que as gotículas se espalhem, também é mais seguro para se proteger.

— Lá em casa todo mundo já aprendeu a se cuidar — diz outra.

— Meu neto veio me mostrar como se lava as mãos — fala uma avó, orgulhosa.

Mas a preocupação de Miguelito é outra. O aluguel, os fornecedores. Muitos clientes antigos são do grupo de risco, estes evitam sair de casa, reduzindo muito o movimento no Armário São José.

Desde o dia em que Guilherme convidou Miguelito para sentar com ele, a mesa do canto vagou para outros clientes. Do centro, Miguel não tem mais a vista privilegiada do seu armário, da rua e dos frequentadores da confeitaria, mas tem a companhia de Guilherme, um bom ouvinte e com conversa agradável.

— Como está teu filho na Alemanha? — pergunta Guilherme.

— Parece que está bem. A Ritinha consegue notícia nas redes sociais. Ele se comunica com os amigos... amigos, mas o pai e a irmã não existem pra ele.

— Mas está bem, espero.

— Nas fotos que ele coloca, parece sempre feliz, mas todo mundo parece feliz no feice, e não sei onde mais. Eu me preocupo também com a pandemia. Será que está se cuidando?

— Tem horas que os filhos nos preocupam. O Antônio está na Venezuela. Vão jogar no Estádio Universitário contra os Leones del Caracas. Minha mulher não dorme de preocupação, tenta convencer o filho a ficar em isolamento. Já falou com o dirigente do clube, mas ainda vão decidir se param ou não. Dizem que dependem da Confederação. Nos Estados Unidos, já paralisaram na semana passada, mas lá já existem muitos casos. Creio que depois deste jogo, os demais serão cancelados. Mas como está a clientela?

— O pessoal está com medo de sair. Só se fala deste vírus, como lavar as mãos, usar máscara, os sintomas. Todo mundo anda assustado. Depois, não se acha máscara e álcool gel pra comprar. Minha vizinha fez pra nós as máscara, máscaras. Ela é costureira e eles estão ensinando como fazer, até na televisão. Eu tinha álcool noventa em casa. A gente usa este mesmo. As clientes do grupo de risco não saem mais. Do jeito que está o movimento, vai ser difícil até de pagar os fornecedores e o aluguel.

— Acho que muitos vão ficar nesta situação. O pior está por vir, estão falando em fechar o comércio.

Miguelito, com a xícara junto à boca, morde o lábio.

— Será que vamos chegar a isto?

— Se isto acontecer, vamos ter que cumprir o isolamento — diz Guilherme. — Melhor a vida que riqueza. Mas a gente vai se falando. Se ficar difícil, vamos achar algum jeito. Vamos achar uma saída. E por falar nisto, andei pensando, não é aconselhável vocês virem pro trabalho em transporte público. Posso te dar uma autorização para usar nosso estacionamento. O que não falta agora são vagas. Qual a placa do teu carro?

— LKM2535. É, é isto, LKM2535.

Guilherme escreve no cartão e lê para Miguelito, antes de entregar a autorização.

“Autorizo a entrada franca do veículo de placa LKM2535.”

— Não aceito recusa, amigo. Como disse, nesta época, o que não falta são vagas. A entrada fica em frente ao Everest Porto Alegria.

— Eu aceito, sim, muito obrigado. Mas você falou em riqueza. Não faço ideia do que seja isto. Pra mim, riqueza é ter o suficiente para pagar as despesas da loja, pros gastos do dia a dia e nossas férias no Ano Novo e Carnaval. E é minha loja que me dá isto. Pelo menos dava. Agora, se as lojas fechar, não sei, não.

De volta ao Parthenon, Guilherme barra o funcionário que entra sem seguir o protocolo de higienização. De braços firmemente cruzados, olhos arregalados, Guilherme o repreende.

— Você está sendo irresponsável.

O rapaz olha de frente para o patrão, mãos na cabeça.

— Estás surpreso? Nem percebeste. Qual é o protocolo na chegada?

O funcionário fecha o punho e bate na testa, vira-se.

— Um momento. Se há uma coisa que não aceito é irresponsabilidade. Queres trazer o vírus pra loja? Teus colegas, os clientes. Agora vá e faça o que tiver que ser feito — ordena, irritado.

— Ela, *eeela, eeela*⁵ — repete, ao dirigir-se ao elevador.

Os funcionários olham-se surpresos. Os mais novos nunca tinham visto qualquer rispidez por parte do patrão. Junto do elevador, Guilherme vira-se.

— Não tolero irresponsabilidade. — Inclina levemente a cabeça, numa saudação aos funcionários que o observam.

Na tarde do dia seguinte, todos os setores da loja recebem cartazes com a seguinte frase: “Responsabilizar-se é um ato de humildade.” — Luiz Todeschi.

Episódio 6

Um decreto municipal determina o fechamento das lojas. Apenas aquelas que oferecem produtos essenciais têm autorização de funcionar, mas recebem protocolo de isolamento social, como limitação de clientes em farmácias, o uso obrigatório de máscaras pelos atendentes e álcool gel à disposição dos clientes.

O Parthenon está com as portas fechadas, não oferece produtos essenciais em seu estabelecimento. Guilherme e sua equipe administrativa continuam o trabalho. Nada pode parar, nenhuma encomenda é cancelada. Enquanto alguns comerciantes já admitem a probabilidade de demitir funcionários, no Parthenon, com a esperança de logo tudo normalizar, não se cogita de tal possibilidade.

Miguelito também não deixa de ir à loja. Com a confeitaria fechada, Guilherme o convida para um frappé⁶ no Piano Bar do Parthenon.

— Lembra que previ o fechamento das lojas? Em outros países, esta medida já tinha sido tomada — diz Guilherme, ao sentarem à mesa com vista para a cidade e o Guaíba. As ruas vazias, prédios comerciais com janelas fechadas, as águas do Guaíba no seu curso normal.

— Quem ia dizer que a gente ia passar por isto, Guilherme?

— Não é, amigo? A primeira pandemia registrada aconteceu em Atenas, antes de Cristo. O país perdeu um quarto da população, inclusive, o grande líder militar Péricles. Já a pandemia da gripe espanhola de 1918 levou um quarto da população mundial e durou dois anos. Naquela época, a movimentação das tropas durante a Primeira Guerra Mundial espalhou a doença pelo mundo. Creio que, nos tempos atuais, dificilmente um vírus de fácil propagação deixará de atingir o mundo todo, como é o caso da Covid-19. Com a facilidade que nos deslocamos, o mundo todo vai ser penalizado. Acho que esta pandemia veio como um aviso para o comportamento da humanidade. Há muito, coisas abomináveis vêm acontecendo.

— É, quem ia dizer. A gente sempre pensa que só acontece com os outros. A Ritinha também fala que é muita gente viajando pelo mundo, daqui pra lá e de lá pra cá. E dá nisto. O que me deixa agoniado é não saber até quando isto vai e se a gente vai estar vivo quando tudo isto passar. Eu espero que passe logo, não posso ficar muitos dias fechado.

— No momento, julgo ser o motivo de ansiedade da maioria dos comerciantes, e das pessoas. Não saber no que vai dar.

— A Ritinha diz que não vai passar de um mês. Vamos ver.

⁵ Ela, ela, ela - expressão de irritação.

⁶ Frapé - bebida grega batida com café solúvel, água, açúcar, leite e gelo.

— Mas nem tudo são raios numa tempestade. Hoje recebemos uma notícia que nos alegrou muito. Os jogos de beisebol vão ser suspensos, a partir de agora. A Isadora não dormia mais de preocupação com o Antônio no meio desta pandemia. Quer o filho em casa — diz Guilherme, sorriso largo.

— Que boas notícias. Já eu não tenho quase notícia do meu. Os amigos não têm visto muito ele no feice. Ritinha ficou sabendo dele, pela última vez, na semana passada.

Espero que a pandemia não tenha nada a ver com isto. Eu sempre me pergunto o que eu fiz de errado pro filho não querer saber da família. Quando a mãe ainda era viva, ela cuidava mais dele. Eu achei que estava fazendo o papel de um bom pai, a Ritinha saiu uma boa moça. Depois, se ele estivesse com a gente, quem sabe podia ajudar com a loja. Ter novas ideia.

— Você sabe que só tenho um filho, então não posso comparar, mas ninguém é igual. Quem sabe esta ida pra Alemanha não vai fazer que ele amadureça.

— Deus te ouça, Guilherme, Deus te ouça.

— Mas, meu amigo, tenho lido que muitos comerciantes estão vendo novas formas de enfrentar a situação, outras maneiras de sobreviver até isto acabar. Eu acredito que é o momento das pessoas juntarem forças para que surjam boas ideias. Desempregados já estão abrindo seus próprios negócios trabalhando em casa, fazendo comida e vendendo na rua pros vizinhos. Acho que daqui para frente vai haver muito mais vendas online. As pessoas com espírito empreendedor vão mudar a forma de trabalhar, ou até mudar de ramo. Estão dando um jeito, enquanto este flagelo não terminar. Eu digo que são os Deuses mostrando seu poder sobre os humanos, como nas pragas do Egito. Mas vamos sobreviver.

— Eu só sei fazer uma coisa. Até hoje só trabalhei no armarinho, desde meu primeiro emprego.

— Tenho certeza que tens capacidade de fazer outras coisas para sobreviver. A venda pela internet poderia ser uma saída. Sei que a Armarinhos São José significa muito pra ti. Poderias continuar com ele, mas em um lugar menor, aluguel menor, até em casa, se tiver espaço para a mercadoria. Não terias o aluguel e, como pequeno empresário, os impostos seriam também menores. Nós nos adiantamos e fizemos uma reunião com um expert no assunto. Pensamos até em adotar este sistema de vendas, independente da pandemia. Além da loja física, uma loja virtual.

— Não sei, não.

— Seria uma saída, amigo. Posso te mandar o rapaz. Ele faria uma reunião e explicaria direitinho, sem compromisso.

— Não sei. Não acredito nestas coisas.

— Fala com tua filha.

— Estes tais de expert custam caro.

— Se você não se ofender, seria um presente meu.

— Ah, não. Presente? Já estou usando tua garagem.

— Então, se você quiser, vou ver se ele não faz uma demonstração pra vocês, sem cobrar. Afinal, vai estar vendendo o trabalho dele. Com vendas online também chamaria a atenção pro armarinho. Quando passar a pandemia, mais gente já conheceria a loja física. O noivo da tua filha não se interessaria? Os jovens aprendem com facilidade estas coisas. Eles não vão casar em breve? Trabalhariam juntos.

— Obrigado, Guilherme. Vou falar com a Ritinha, mas, não sei não. Sou desconfiado com estas coisas modernas.

— Em todo o caso, já tens meu cartão, se mudar de ideia...

— Vou conversar com a Ritinha. Ela acha o aluguel muito caro. Mas eu sempre falo pra ela que eu não ia conseguir mudar daqui.

— Reflita sobre o assunto. Prometo te dar todo o apoio até vocês se estabelecerem. Quando as coisas voltarem à normalidade, podes continuar com as vendas online e a loja. E eu não perderia meu vizinho.

Guilherme leva Miguelito até a porta de saída.

— Pensa, mesmo com a loja, podes vender pela internet. Com este isolamento social, acho que as pessoas vão se acostumar a comprar online.

— Vou pensar.

A passos lentos, Miguelito caminha até o chafariz e senta na mureta, pensativo. Não pagar aluguel, os olhos começam a brilhar, mas ficar sem a loja? Os lábios não confirmam o sorriso.

Depois de verificar os produtos recém-chegados na seção de moda feminina, Isadora vai ter com Guilherme em seu escritório.

— O Antônio entrou em contato contigo, Guilherme? Liguei três vezes, mas não atendeu.

Guilherme larga a caneta, olhos fixos na esposa, empurra o relatório para o lado.

— Também tentei ligar.

— Quem sabe ligas pro treinador — sugere Thales.

— Pensei nisto, tens o número dele, Isadora?

De costas para o marido, ela olha pela janela, para a cidade a sua frente. Está absorta.

— Isadora, não tenho o telefone do treinador.

— Você não é o organizado? Devia ter anotado — responde, sem virar-se. — E o celular, para que serve?

— Entre aqueles contatos que conseguiste recuperar, por acaso não tens o do treinador? — pergunta Thales.

— Estou recuperando aos poucos, só consegui dos mais importantes.

— E aquele teu caderno de anotações?

Guilherme abre a gaveta de sua mesa, procura-o entre outros blocos.

— Aqui está.

— Tenho certeza que é só um desencontro. De qualquer forma, vamos ligar pra ele para vocês se tranquilizarem — diz Thales.

— Alô, Marco Aurélio? Aqui é o Guilherme, pai do Antônio. Temos ligado para ele, mas não atende e nem liga.

— Almoçamos, e ele foi ao hotel do teu amigo. Vamos nos ver amanhã às nove no aeroporto. Estamos voltando. Tenho uma boa notícia pra tua mulher, o campeonato está suspenso.

— Ah, que bom. Obrigado, vou ligar para o hotel do Alejandro. Mas ele estava bem?

— Tudo bem com ele, não se preocupe. Vai ver, adormeceu. Estava muito cansado.

— Espero que sim. Qualquer coisa, entro em contato.

— Mandei vir um frapé — diz Thales.

Isadora afasta-se da janela:

— *Kalá*⁷ — diz, aguardando ser servida.

— *Efcharistó*⁸, bem lembrado – diz Guilherme.

A moça do café entra com a bandeja. Coloca-a sobre o aparador bar. Sacode o shaker.⁹

— O que vai hoje? — pergunta Thales.

— Um sketo⁹ — responde Isadora.

— Sketo — diz Guilherme.

— Sempre cuidando da forma, vocês dois. Dois sketos, então.

— Dois puros e um médio, por favor – diz Thales para a moça.

A copeira serve a bebida nas taças, acrescenta gelo e distribui os frappés com o copinho de água. Guilherme toma o seu de pé.

— Vou chamar o motorista. É melhor vocês irem para casa — sugere Thales.

Guilherme anda de um lado a outro no escritório. — *Pame, pame*¹⁰ diz, apressando a esposa.

— *Tá léme*¹¹ — diz Guilherme, ao abrir a porta para Isadora.

— *Tá léme*. Qualquer coisa, vou até lá. Mas tenho certeza que é só um desencontro – repete Thales, quando o casal já está junto do elevador.

Episódio 7

Ao chegarem em casa, Guilherme e Isadora reúnem-se na biblioteca. Gui liga para o amigo Alejandro, proprietário do Hotel Palace onde Antônio está hospedado. Isadora pede um chá de feno grego e um para acalmar Guilherme. Senta diante do marido, tentando acompanhar a conversa. Guilherme desliga. Com um longo suspiro, joga-se no sofá e relata o que ouviu, com os olhos fixos no assoalho.

— Não está no quarto, mas suas coisas estão lá. O Alejandro vai falar com o porteiro e vai dar um retorno.

De pé, diante do marido, mãos na cintura, Isadora dá seu parecer.

— É isto que dá. Ah, eu confio no Antônio. Confiaste demais nele, seu Guilherme. Quem sabe o que anda fazendo?

O marido continua cabisbaixo. Isadora lhe dá as costas.

— *Malaka*¹² — diz baixinho, ao se dirigir à poltrona junto da janela.

— Ela, ela — diz Guilherme irritado. — Eu preocupado, e você vem com esta história de novo.

O telefone toca, é Thales, do escritório.

— *Ti néa?*¹³

— Não, nada ainda. Não está no hotel. Estou esperando uma ligação pra ver se sabem algo mais. Assim que souber, te ligo, Thales. Acho que aconteceu algo com ele.

7 *Kalá* – boa ideia.

8 *Efcharistó* – obrigado.

9 *Sketo* – puro.

10 *Pame, pame* – vamos lá!

11 *Tá léme* – até logo!

12 *Malaka* – babaca.

13 *Ti néa* – novidade.

Em seguida, o telefone volta a tocar.

— Alejandro? Fala, por favor. Alguma notícia?

— O porteiro disse que, por volta das dezesseis horas, recebeu dois rapazes com trajes esportivos e camiseta do time do Antônio. Disseram que tinham vindo buscá-lo para uma festa surpresa organizada pelo treinador. Deixou-os subir.

— Meu filho desceu com eles?

Isadora se aproxima para acompanhar a conversa.

— Sim, desceram abraçados em algazarra. Um deles falava português e o outro espanhol.

Guilherme desliga. Com a mão na cabeça, anda de lá para cá na biblioteca.

— O Alejandro falou de algazarra, eu ouvi. Não te disse, teu filhinho responsável está na algazarra sem se importar com os pais.

— *Malakies*¹⁴, quanta bobagem, mulher. Por que não vais dormir? Toma teu banho e descansa. Fico aqui aguardando notícias. Ainda é cedo para ligar para a polícia ou embaixada. Se até amanhã às nove não soubermos nada, vou à Caracas. Não posso ficar de braços cruzados. Qualquer novidade, te informo — acrescenta, quando a mulher sobe as escadas.

— *As to thialo*¹⁵! — resmunga Guilherme.

Surpreso, percebe que tem usado palavrões. Nem resmungar eu resmungava, nem isto eu fazia. Agora até mandei a mãe do meu filho à merda.

Mesmo num momento destes, provar que estou errado parece mais importante pra ela que a preocupação com o filho. Donde vem esta mulher que não conheço? Será que também mudei tanto assim? Éramos outras pessoas.

Toma apenas o chá, talvez fique mais calmo pra poder atravessar a longa noite de espera. Liga várias vezes para o filho. Antes de discar, eleva os olhos, mãos postas em oração. A voz do meu filho, *parakalo*¹⁶, *parakalo*, a voz de Antonio.

Durante a noite de vigília, Guilherme faz pesquisas, horários dos voos à Venezuela, polícia Venezuelana e endereço, nome dos superiores e do embaixador brasileiro em Caracas. Contata o investigador, caso precisar. Prepara a mala.

Do aeroporto, Guilherme liga para o treinador.

— Ainda não chegou, mas o voo é às onze. Ainda tá cedo, Guilherme. Peço pra ele te ligar quando chegar. — Vou pra Caracas, não posso mais esperar. Ao acordar, Isadora encontra um bilhete na mesa de cabeceira:

*Nosso filho ainda não apareceu.
Estou indo ao aeroporto, se eu não tiver notícias até às onze,
pego o primeiro voo pra Caracas.
Fico em contato.
Guilherme*

Viaja acompanhado do detetive conhecido por sua eficiência. A cada hora, a agonia aumenta. Onze horas é muito tempo, tempo demais. Ao chegar, não vai à esteira pegar a mala, pegará depois. O táxi o leva direto à polícia.

¹⁴ *Malakies* – babacas.

¹⁵ *As to thialo* – vá à merda!

¹⁶ *Parakalo* – por favor.

Tamborilando a caneta na mesa, o delegado profere sua sentença, sem olhar para Guilherme, em pé, a sua frente:

— Espero estar enganado, mas isto lembra o caso de um outro jogador, o Di Stéfano, estrela do Real Madrid, o melhor do mundo. Ele foi levado por falsos policiais que, na verdade, eram guerrilheiros. Isto faz muito tempo, foi na década de 60, mas...

— Delegado, me desculpe, mas por onde começaremos no caso do meu filho? Cada minuto perdido pode significar a vida dele.

Na imaginação de Guilherme, os policiais em plantão se reuniram para um planejamento e logo veria viaturas partindo em várias direções com a sirene e o giroflex ligados.

O delegado chama o escrivão para registrar os dados e o relato de Guilherme. Sentado na beira da cadeira, o interrogado responde às perguntas, impaciente. Assim que terminar, a polícia vai entrar em ação, pensa, mas por que tantas perguntas? Por acaso sou eu o suspeito?

— Vou marcar uma reunião para amanhã para podermos tomar providências. – informa o delegado, a cadeira inclinada para trás, o corpo gordo esparramado no assento, mexe no celular.

Decepcionado e cada vez mais aflito, Guilherme vai à embaixada onde é atendido pelo próprio embaixador. Relata o ocorrido com o filho e a atitude do delegado. A polícia tinha sido sua esperança.

— Acalme-se, ainda é cedo para tanto desespero. Prometo que vou fazer o que estiver ao meu alcance, desde já. Deixe seus contatos. Lhe darei retorno.

Diante da embaixada, Guilherme para aturdido, estático. O que faço agora? Aonde vou? Com quem posso falar? Decide ir para o hotel. Conversar com Alejandro, ele pode ter alguma ideia, no mínimo tenho seu apoio.

Do quarto, Guilherme liga para o detetive na esperança de uma possível notícia. Prostrado, senta na poltrona, sem indícios ainda. O olhar, que sempre fora alegre, interativo, está vazio. O Joseph, preciso conversar com o Joseph, preciso manter o equilíbrio, não posso fazer besteira. Não sei se fiz bem em contar ao embaixador sobre o delegado. Posso sofrer retaliação. A única coisa que me resta é ficar calmo e acompanhar as investigações.

Escreve para Joseph, precisa desabafar, ele sempre tem palavras sábias. No momento, está fazendo uma série de palestras em vários países. Conversam através do messenger. Joseph promete procurá-lo, assim que puder. À noite, Guilherme recebe um bilhete pessoal do delegado.

*Prezado senhor Katsaros
Seu filho está sendo procurado por todo país.
Alertamos também agências internacionais sobre o caso.
Un abrazo
Jefe de Policía Jose García*

Final de tarde, o sol ainda espia por entre as folhas das árvores frutíferas diante da casa de Miguelito. Pai e filha, sentados sob a laranjeira, tomam chimarrão.

— Seu Miguelito — diz Ritinha. — O Vinícius mandou uma mensagem.

— Como ele está? Finalmente lembrou que tem família. Um dia isto tinha que acontecer. O que ele disse, como está? Espero que bem. Ufa, uma coisa a menos pra me preocupar. Quem sabe ele me ajuda com umas ideias na loja.

— Pra ele voltar, precisa de dinheiro pra passagem.
O sorriso vai murchando, o brilho dos olhos do pai, desaparecendo.

— Se o pai quer tanto que ele volte, vamos ter que mandar dinheiro pra ele.
Com a cuia na mão, Miguelito fica olhando para o alto. A filha conhece aquele olhar. Não está apreciando a natureza. Por mais que goste de andar sob as árvores diante da casa e observar uma a uma, parece não ver nada naquele momento.

— O que foi, pai? Não está feliz com a volta do Vinícius? Quem sabe ele pode ajudar com os negócios, já que o pai não aceita minhas ideias.

— Filha, não tenho este dinheiro pra trazer meu filho de volta.

— Tentei evitar, Ritinha, mas este dinheiro já foi.

— Hum? — A filha inclina a cabeça, franze a testa.

— Tá bom, vou te contar. Com a loja abrindo e fechando, não tem entrado nem pros negócios, mal dá pros impostos, a água e a luz. Faz dois mês que não pago o aluguel; os fornecedores adiaram os pagamentos por um tempo, mas eles também precisam receber o que é deles. A maioria também está com dificuldade. Se eu não pagar até dia quinze, entram na justiça.

Ritinha comprime os lábios, senta na ponta da cadeira, corpo inclinado para frente.

— E o pai escondeu isto de mim!

— A gente já tinha discussão sobre vender pela internet. Tu ia ficar dizendo que é por isto que estamos nesta situação.

— Até hoje não entendi por que o pai não foi procurar o Grego. Ele se ofereceu tanto pra ajudar.

— Eu já falei tantas vez, ele ofereceu, depois não apareceu mais. Claro que tá me evitando. Depois, quando liguei, disseram que não estava. Se arrependeu de ter oferecido ajuda, eu te falei.

Ritinha suspira, quer evitar uma nova discussão. Pega a cuia da mão do pai e serve um chimarrão.

— Não sei o que fazer, filha.

— E se a gente procurasse alguém pra ajudar a ver o que se pode fazer?

— Pois é, o Guilherme tinha me oferecido, mas... E a gente também não tem como pagar.

— Promete que, se a gente sair dessa, vamos adotar, pelo menos, um software de gestão? Com ele a gente vai conseguir controlar melhor as entradas e saídas. Tudo bem, talvez isto não teria acontecido se não fosse a pandemia, mas promete, pai, que vamos modernizar um pouco, se a gente conseguir ficar com a loja.

— Tá bom, filha. Não quero mais brigar e também não quero ficar com o nome sujo. Já pensei em propor aos credores devolver as mercadorias, mas, não sei, não. Será que vão aceitar? Aí a gente ainda ficava com mercadoria que já foi paga.

— Mas, se a gente não conseguir mais pagar o aluguel? Já tem os atrasados. Se os fornecedores aceitarem a devolução, ainda sobra alguma coisa então. A gente pode entregar a loja, trazer a mercadoria pra casa. E vamos ver o que se pode fazer. Nós vamos dar um jeito. E sobre a passagem do Vinícius, deixa comigo, vou ver o que posso fazer, acabei de ter uma ideia.

— Qual é teu plano?

— Tia Clara, talvez. Ela se preocupa tanto com o sobrinho.

— Não sei, não, filha.
A noite invade o pátio, pai e filha se recolhem.

Episódio 8

De um salto, Isadora se esconde atrás de Amélia que lhe trouxera um ousó¹⁷. A taça se estilhaça no chão, o tapete absorve o líquido azul com cheiro de anis.

— Aciona o alerta, Amélia. Rápido! — diz a patroa, usando a empregada como escudo e caminhando na direção do alarme.

Já com a mão no aparelho, ouvem a voz daquele homem junto da porta, cabelo e barba longa, roupas surradas.

— Não faça isto.

Isadora espia por detrás da empregada. Aquela voz, deve ser um golpe, estão sempre inventando novas formas de enganar as pessoas. Não fossem aquelas roupas amarrotadas, barba e cabelos longos, até poderia ser Guilherme.

— O que você quer? É um assalto? — pergunta. — Quer ouvir novamente aquela voz daquele estranho.

— Estou de volta.

— Guilherme!? O que houve com você? — exclama, deixando o escudo. — Não vejo mala, onde estão teus pertences? Estás um *moulámpo*¹⁸!

— Quem precisa de mala? Meus pertences estão cobrindo meu corpo. Vou pro meu quarto — diz o marido. A mesma voz, mas a fala, hesitante.

— Amélia, chama o Osório. O senhor Guilherme precisa de um bom banho e fazer a barba e cabelo. Depois vá ver como está o quarto e providencia uma roupa decente.

— Óxi¹⁹ Não vou fazer barba e cabelo. Vou tomar um banho e trocar de roupa, isto basta.

Com o auxílio do corrimão, sobe a escada, passos lentos, pesados, sente o peso daquela casa sobre si. Do pé da escada, a esposa acompanha aquele estranho. Virou um *moulámpo*.

Quando Guilherme desce para a janta, Amélia avisa que dona Isadora vai fazer a refeição no quarto. Ele olha em volta. Esta casa um dia foi um lar pra mim — conversas, risadas e música. Agora pareço um estranho aqui, sentado sozinho nesta mesa que recebeu tantos amigos. Rostos alegres, conversa, barulho. Em Caracas, ao menos eu fazia as refeições com Alejandro. Sentia-me acolhido. Em minha própria casa, nem minha mulher parece querer minha companhia. Este silêncio, esta amplidão, este vazío. Os passos dos empregados pela casa parecem ecos do que foram um dia. Como vou suportar uma vida aqui sem a presença do meu filho; sem vê-lo entrando pela porta, sorridente, abrindo os braços, procurando o aconchego do pai. Sentir o calor do filho naquele abraço era suficiente para lembrar a beleza da vida.

Guilherme não toca na taça de vinho a sua frente, antes costumava tomar a bebida para celebrar a vida. Celebrar o que agora? Que sobrevivi a meu filho? Deveria existir uma bebida para quando não se tem mais o que celebrar. Uma vida sem ver, sem abraçar

17 Ouso — bebida grega de anis.

18 Moulámpo — mulambo.

19 Óxi — não.

meu filho, sem nada? Ergue-se lentamente, nem o peso do meu próprio corpo consigo mais carregar. Tu eras minha força. O que aconteceu contigo, filho? Se ao menos eu soubesse. Te traria para casa, te daria um... Não. Enterrar meu filho! Não. Num lugar tão frio como esta casa? Vai à estante que exhibe os troféus de Antônio. Toca cada um deles. Aqueles objetos significavam vida, energia. Segura contra o peito o último deles. Por mais difícil que seja, filho, nem que eu tenha que te colocar numa cova fria para saber onde estás. Mas nem isto consigo fazer por ti.

No café da manhã, Guilherme manda chamar a esposa, quer falar com ela. Depois de uma longa espera, ela desce, alinhada como sempre. O marido observa aquela mulher elegante descendo a escada. Para ela nada parece ter mudado com o desaparecimento do filho. Mas quem está certo?, pensa. Ela, que leva a vida adiante, sem o peso da perda, ou eu, entregue à minha dor?

Isadora quer seu desjejum na ponta da mesa.

— Sente mais perto, Isadora, por favor, te chamei pra conversar. Se fosse pra ser assim, poderia ter falado pelo telefone, mas nem isto eu conseguia fazer mais.

— Estou bem aqui. Te ouço muito bem daqui. É aqui que tenho feito minhas refeições enquanto estavas longe. Quanto tempo me deixaste sozinha? Não te importavas onde eu sentava, o que eu fazia. Aprendi a ficar sozinha. Não precisavas ter ficado por lá. Tinhas a polícia e o detetive fazendo o trabalho.

— Eu não queria iniciar nossa conversa desta forma, mas preciso te lembrar quantas vezes liguei e não me atendeste. Por fim, desisti de falar contigo. Eu não poderia voltar sem saber de nosso filho, poderia?

— Por acaso sabes onde ele está? — retruca a esposa, olhando para o relógio.

— Não vim para discutir. Vejo que meu conceito junto a ti não mudou. Podes esquecer o relógio e me escutar?

— Vamos lá, então. Qual é o assunto? — pergunta, olhando para o alto, muxoxo na boca.

— Acho que nosso filho não está mais entre nós. Pra mim, esta casa não faz mais sentido. Nem a solidariedade da mãe de meu filho tenho. Vou me mudar.

— Solidariedade? Quanto tempo não foste solidário comigo me deixando sozinha? Sabes o que sinto te vendo assim?

— Nojo? Por isto não queres sentar à mesa comigo. Estou asseado, minhas roupas estão limpas.

— De que forma vou aparecer contigo nos lugares que frequentávamos? O que achas?

Isadora vira a cadeira para não ficar de frente para Guilherme.

— O que houve com a gente? Perdi a mulher com quem casei. Perdi meu filho. Será que não me conheço mais? Será que não sou aquela pessoa que eu imagino ser? É este o motivo de teu comportamento? Foi por isto que perdi meu filho? Será que os Deuses estão mostrando seu poder? Começou com a pandemia, que não vai terminar antes que os humanos não mudem. A ganância levando à destruição das matas, os meios produtivos só focando no lucro, sem se importarem com o futuro, o consumidor comprando produtos com embalagens descartáveis, fazendo as lixeiras transbordarem. Se não mudarmos a forma em que vivemos neste planeta, vamos pagar um preço muito alto. E eu? Devo ter cometido um pecado muito grande perante os Deuses, embora não saiba onde

errei. Tenho pensado, mais e mais, sobre quem sou, na realidade. Vieram gafanhotos, a pandemia mundial e perdemos nosso primogênito e único filho.

— Sei. — Isadora volta a olhar para o marido: — Se foi por isto que me chamaste, já vou, não suporto tuas lamúrias, não se pode mais fazer nada, Guilherme.

— Na verdade, quero te falar desta casa. Sem a presença do Antônio, não tenho mais por que ficar aqui. Vou te dar a liberdade. Percebo que me tornei *persona non grata* para ti.

Isadora vira a cadeira para o marido, olhos arregalados, os lábios mostrando um leve sorriso. Senta ereta, presta atenção.

— Vou morar sozinho. Pensei em ir para o apartamento da Independência. Você fica com a casa, ou volta pra Atenas, já que não gostas do Brasil. No divórcio, vamos ver como vai ficar.

Isadora joga o corpo para trás, sobrancelha erguida, a testa tensa.

— O que? Divórcio? Nunca! — grita. — Separação, ótimo, mas divórcio? Nunca te darei o divórcio. Escreva isto.

— Mulher, não vou discutir com você, se é o dinheiro que te preocupa, tudo bem. De que vale tanta propriedade agora? Qual o sentido disto tudo? Vou falar com nosso advogado, deixo com ele. Eu já sabia que seria um divórcio litigioso. Vou para o apartamento o mais rápido possível. Contigo tudo vira litígio.

— Quanto a te mudar, tudo bem, aliás, acho que estás querendo isto há muito. Podes levar teus amiguinhos, o Pedrinho, o Paulinho e, como era aquele da lojinha? Miguelinho. Estás parecendo um deles.

Tem o Carlinho, o Paulinho. Fica com teus inhos.

— Mulher, escuta: eu te deixo ser, deixa-me ser, então.

— Sei, Clarice Lispector. Por que não usas tuas próprias palavras?

Vinícius volta da Alemanha e passa a morar com o pai e a irmã. Logo fica a par da situação econômica do armarinho, com a possibilidade, inclusive, de perder a casa.

— Meu pai, sei que tenho dado muita preocupação — diz Vinícius. — Não pensa o pai que eu não entendo o que o pai quer pra mim. Eu entendo teu pensamento em relação a mim, mas eu sou cabeçudo, nem sempre é fácil convencer os filhos das verdades dos pais.

— Graças a Deus estás vivo e por perto — diz Miguelito. — Eu me preocupava com teu sustento e este vírus. Espero que esta experiência tenha te ensinado alguma coisa. Teu pai e tua irmã mal têm com que se sustentar. Não podemos te ajudar com dinheiro. Enquanto a gente tiver esta casa, ela também é tua. Segunda, temos uma reunião com os credores. Vamos ver se aceitam minha proposta. Eu queria que me acompanhasse. A Ritinha sempre participa. Acho que agora é hora da gente pegar junto. Talvez me ajudas a pensar em alguma coisa, o que a gente pode fazer. A Ritinha tem me falado de vender na internet, mas não sei, não.

— Ela tá certa, pai. Com a pandemia, tem aumentado muito a venda pela internet. Só precisamos ver como se faz. Tem muita coisa no Google pra pesquisar. Posso começar a fazer isto ainda hoje.

— Faz isto e vai anotando.

Segunda-feira

Sentados em círculo no interior da loja, Ritinha anda de um lado para o outro, Mi-

guelito segura com uma das mãos a perna que teima em tremer e Vinícius, com olhar curioso e sorridente, conversa com os credores.

— Então, seu Miguel, estávamos conversando entre nós sobre possíveis soluções. Qual tua ideia?

— O pai está pensando em devolver a mercadoria pra vocês. — Ritinha informa, olhando em volta para ver a reação dos credores.

— Temos capital de giro em estoque, o que nos falta é dinheiro disponível no caixa — diz aquele que parece representar os demais.

— Não tenho outra ideia — diz Miguelito. — Já tenho interessado pro ponto.

— Só o ponto não paga os credores — retruca o homem em pé. — O senhor tem sua casa.

Miguelito suspira: Minha casa. Olha para os filhos e baixa os olhos.

— Como eu já disse, pro ponto já tenho gente interessada. Mas a casa? Quanto tempo vou levar pra vender? Tem uma na minha rua que faz mais de cinco anos que a placa tá lá.

— Uma solução seria a concordata — sugere outro credor.

— Concordata? Ainda não entendi muito bem o que é esta tal de concordata.

— Se me permitirem, vou explicar de novo, pai. — interfere Ritinha. — Tenho pesquisado muito sobre possíveis soluções. Na concordata, se faz um acordo com os credores. O devedor precisa pagar a dívida, mas com novas condições. Com uma concordata, o pai fica com crédito na praça. O pai não disse que vendia até a casa pra sair com o nome limpo?

— O que achas, filho?

Vinícius guarda o celular no bolso e olha surpreso para o pai.

— Vinícius, estamos falando do pai perder a casa pra ficar com o nome limpo — explica a irmã.

— O que tu diz, filho?

— Acho uma boa.

— Tá bom, filha, Faça qualquer coisa pra não sair com o nome sujo.

— Se vocês concordarem, posso conversar com meu advogado, ou o contador, pra ver como pode ser feito — sugere o representante. — Quem concorda? Quem sabe a gente vota?

Depois de alguma discussão, marcam uma próxima reunião.

Na reunião seguinte, Miguel assina o documento, entregando a casa.

Episódio 9

Vinícius vai morar com tia Clara em seu pequeno apartamento. Jorge, noivo de Ritinha, sugere morarem na casa que tinha alugado.

— Só me mudo quando a gente casar. Até lá, a situação de vocês já deve estar resolvida.

— Sei que isto é abuso, mas vou ter que aceitar. Precisamos dar um jeito o quanto antes. Na tua casa não vai ter lugar pra mercadoria. Vou ver com a vizinha se não aluga a garagem — diz Miguelito.

— Como vamos pagar o aluguel? — pergunta Ritinha.

— E se a gente pegar alguma mercadoria e sair a vender? — sugere Vinícius. — Quem sabe, enquanto isto, se começa devagarinho o negócio pela internet.

— Acho que é uma boa ideia — responde o pai.

Ritinha retira-se da sala. Quantas vezes tinha sugerido venderem pela internet e o pai se recusava.

Agora, aceita, só o filho sugerir. Acho uma boa ideia. Tivesse achado uma boa ideia antes, a gente não estaria onde estamos hoje. Mas não é o momento pra sentir mágoa. Vou voltar pra sala.

— Bom, se não tem saída, vou arrumar minhas coisas — diz Vinícius.

— Podes ficar pelo menos pra ajudar com a mudança, Vinícius? — Ritinha pede.

— Vou ficar. O pai também pediu.

No dia seguinte preparam a mudança. Miguelito tem pressa.

— Não quero ser expulso da minha própria casa, quer dizer, da casa dos outros.

Fazendo a mala no quarto, Miguelito olha para aquele cartaz na parede. Retira-o de onde esteve desde que se mudou para aquela casa quando casou. Leva-o até a cozinha onde Ritinha empacota os utensílios.

— Filha, escuta:

“Miguel e seus anjos batalharam contra o dragão, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar achou no céu! “

Eu tinha este cartaz do São Miguel na parede desde que me casei. A tua mãe me deu porque era do meu santo protetor. Nunca entendi o que diz. Eu ficava deitado lendo, mas nunca entendi. Só tava ali porque falava do meu santo. Agora acho que sei. Eu sou o arcanjo Miguel, meus filhos são os anjos. O dragão é a pandemia que trouxe sua cria, que são os credores. Sim, é isto. Tava sempre ali pra me avisar. Coloquei na parede porque é meu santo protetor. Ele não me protegeu, só me avisou.

— Ah, mas a gente enfrentou o dragão, pai, só que ele era mais forte e não usamos as armas certas. O pai tinha o Arcanjo Miguel na parede, avisando, mas esta arcanja aqui estava bem pertinho. Eu falava claro, pra qualquer um entender, eu não era um cartaz na parede. Mas parece que o pai acredita mais no arcanjo da parede e no filho, do que em mim, que sou mulher — retruca Ritinha.

O pai olha para ela e, sem nada dizer, volta para o quarto.

Ritinha percebe que fora rude, o pai já sofria demais, não precisava dela para abrir mais feridas.

O caminhão chega e dali carregam tudo o que tinham conseguido nos trinta anos. Miguelito e a esposa foram adquirindo objetos que os acompanhariam naquela casa até quando morressem, pensavam.

Resolvida a mudança, Miguelito e os filhos começam a oferecer as mercadorias restantes do armário pelas casas do bairro. O pai fica com a vizinhança. A artrose não permite grandes caminhadas. Poucas pessoas são receptivas, a maioria não quer nem tocar nos produtos que são oferecidos, muito menos receber pessoas em casa, mesmo que usem máscaras. Com as caminhadas e a sacola pesada, a artrose do quadril causa dores no joelho, provocando rigidez muscular.

— Como foram as vendas, pai? — pergunta Ritinha. — A nossa não foi muito boa.

— Me desculpem, não vendi nada. Com este joelho ruim não consigo mais caminhar. Fiz uma rua e voltei pra casa. Já marquei uma biometria, vou tentar me aposentar.

— Dizem que em tempos de crise, empatia é fundamental, mas não vejo isto nas pessoas. Elas parecem não conhecer a empatia compassiva. Cada um cuida do seu umbigo nesta hora – diz Vinícius.

— Também não é bem assim — retruca a irmã. — Tem gente fazendo muito pelos outros. Fazendo compras pros idosos, ou pessoas de risco. Arrecadam ranchos para os carentes. Outros estão fazendo e doando máscaras para o pessoal da saúde, e pras pessoas que não têm condições de comprar. Ah, falando nisso, eu tenho vendido tecido, linha e lã, estas coisas. Acho que muitas mulheres vão começar a fazer trabalhos em casa, já que não podem sair. A gente poderia montar um kit para máscara e conseguir um molde pra incluir. Também podemos pensar em outras mercadorias. Talvez pacotinhos variados e, mais tarde, ir pra bairros mais distantes. A gente pode trabalhar nos kits de noite. Talvez mercadorias de armarinho comecem a ter mais saída.

— Por que não fazer os kits no final de semana? — pergunta o irmão.

— Melhor ir pra rua nos finais de semana. Tem mais chance de venda.

— Também... Agora esta de fazer compras pras pessoas de risco talvez não dure muito. As pessoas estão aprendendo a comprar pela internet, viu, pai?

— Ouvi, mas estas são empresas já fazem isto há mais tempo.

— Não é bem assim. Tem muita gente começando a vender agora.

— Por que, então, vocês não estão conseguindo, filho?

— Ah, pai, a gente ainda tá aprendendo. Tudo vai dar certo.

Episódio 10

Guilherme deixa a mansão e vai morar no apartamento. Vive no escuro, as janelas são abertas apenas quando a empregada trabalha no apartamento. Magro, curvado, em nada lembra aquele cavaleiro de aparência distinta e ternos impecáveis. Em suas raras saídas, conversa com trabalhadores humildes que encontra — garis, atendente do café da esquina, pessoas que nunca poderiam supor que ele é o proprietário do Parthenon. Só Thales é recebido no apartamento. Falam sobre o desaparecimento de Antônio e o andamento da loja.

Guilherme continua a fantasiar em relação às possíveis causas do desaparecimento do filho. Ainda vou enlouquecer, preciso fazer algo. Vou escrever para Joseph. As palavras dele são sempre um bálsamo pra esta dor.

Meu querido amigo Joseph

Desculpe escrever novamente solicitando o bálsamo de tuas palavras. Sei que tens muitas vidas precisando de ti, mas não saber se meu filho está vivo e, se está, onde está, em que condições se encontra e qual seu estado de saúde me angustia dia e noite. Está muito difícil. Eu, vivendo minha vida, enquanto ele, talvez, esteja precisando de mim. Desculpe minhas lamúrias, acho que não estou preparado para isto. Até Antônia não suporta me ver assim. Nos separamos, estou morando no apartamento. Esta incompletude de não saber onde ele está, o que aconteceu com ele, parece sofrimento maior do que sabê-lo morto. Tenho medo até de dizer isto, mas acho que é a verdade. Esta ausência, esta incerteza... preciso de umas palavras tuas.

A resposta foi imediata:

Meu querido amigo Guilherme

Entendo tua angústia. A morte e sua irreversibilidade nos parecem insuportáveis, mas um desaparecimento é uma ausência real, mesmo sem a confirmação definitiva da perda, e uma perda ambígua é como uma ferida aberta que arde todos os dias. Este tipo de perda dificulta o desapego definitivo para encerrar o luto. Você está passando pelo que a maioria passa quando uma pessoa querida está ausente sem confirmação de morte nem de vida. Desculpe te dizer isto, mas é bem assim. Quem sabe, não seja definitivo, nunca sabemos o que o Senhor reserva para nós. Preocupar-te e sofrer, mesmo que inevitável, não têm o poder de ajudar teu filho, esteja onde ele estiver. Vais intercalar esperança e desespero enquanto não decides seguir tua vida. Sei que estás bem assessorado pelo teu presidente, de qualquer forma, tua presença na loja seria uma alegria para todos e te sentirias vivo novamente. Outra opção seria ocupar-te com algo útil, talvez, um trabalho social. Muitos familiares conseguem suportar esta dor dedicando-se a outras causas.

Estarei no Brasil em breve e conversaremos sobre isto.

Fica em paz, meu amigo.

Lembre, Deus não nos dá um fardo maior do que nossa capacidade de carregar.

Joseph

Sentindo certa energia, como que uma esperança, Guilherme vai caminhar no parque. Antes de retornar para o apartamento, vai até a confeitaria mais próxima. Escolhe uma mesa na calçada e pede café e sanduíche. Precisa se alimentar.

Um homem de máscara, atravessa a rua usando uma bengala. Guilherme o observa. Se não fosse pela bengala e os trajes... lembraria meu vovô. Meu vovô? Miguelito! Como num flash, a lembrança o leva à confeitaria, àquelas tardes de cafezinho, Miguelito. Mas o que será que houve com ele? Parece destruído, aquelas roupas, com dificuldade de caminhar. Hesita por um instante, talvez não queira ser visto neste estado, pensa Guilherme. Eu também não sou mais o mesmo. Num impulso, atravessa a rua e o alcança na calçada.

— Miguelito — diz, com a voz trêmula de expectativa. Será mesmo ele?

O homem de bengala vira-se devagar, ergue os olhos. Ficam os dois mascarados a fitarem-se. Incrédulos. Calados.

Mas, então, Gui também teve problemas, pensa Miguelito. Então, talvez, não tenha me abandonado.

— Vamos tomar um cafezinho — sugere Guilherme. — Aquela confeitaria ali tem mesas nos fundos onde a gente pode conversar.

Guilherme puxa a cadeira para Miguelito e guarda a bengala.

— Miguel, que alegria te rever.

— Tu desapareceste, liguei pra falar contigo, disseram que não estavas.

Guilherme percebe mágoa na fala do amigo.

— Então não soubeste?

— Soube o quê?

— Meu filho sumiu, quase no início da pandemia.

— Como assim, sumiu?

— Depois do último jogo em Caracas. Lembra que te contei? Ele estava para voltar e o campeonato estava suspenso por causa da pandemia. Está sumido desde então. Já fizemos tudo que nos foi possível. Acho que já não está mais entre nós.

Miguelito fixa o amigo, não consegue dizer uma palavra. E eu pensando que Gui estava evitando falar comigo, que sabia dos meus problemas com a loja, tinha se arrependido de ter prometido ajuda.

— E você, como está? — pergunta Gui. Era apenas uma pergunta retórica, pela aparência via-se que também não estava bem.

— O que posso dizer? Vivendo de favores.

— Meu amigo, este tempo todo foquei apenas em meus problemas. Não dediquei um momento sequer pra saber de ti!

— Perdi a loja e até minha casa.

— Perdeste? — Gui põe as mãos na cabeça, calado, olhar incrédulo. Sacode a cabeça, em negação.

— A Ritinha casou e fui morar com ela.

— Ao menos estás com tua filha.

— Não posso ficar lá, pelo bem dela. Meu genro não me suporta. Não tem muita paciência comigo. Ontem eu estava caminhando no corredor, ele se irritou, sabe, não consigo andar ligeiro com esta perna ruim. Passou por mim dum jeito que me derubou no chão. Ainda bem que minha filha não estava em casa. Ele também vive me criticando por eu usar máscara dentro de casa. Diz que eu não confio neles. A Ritinha não sabe mais o que fazer, quer usar máscara por mim, mas não quer irritar o marido. Passei a noite sem dormir, preciso sair de lá. Estou pensando num asilo. Não quero que a Ritinha brigue com o marido. Eles se gostam.

— Asilo! Nem pense nisso. O que há com tua perna?

— Artrose dos quadris.

— Meu vovô fez uma artroplastia, para colocar prótese de cartilagem. Melhorou bastante. Então tua filha está casada. E teu filho, continua na Alemanha?

— O Vinícius voltou. Ele e a Ritinha andam por aí tentando vender a mercadoria que sobrou. Eu também ajudava, mas minha perna ficou pior. Agora estou tentando me aposentar. Hoje mesmo tenho exame de biometria, mas desde que começou esta pandemia as coisas por lá andam uma bagunça. Marcam biometria, a gente vai lá, tá fechado.

Guilherme não entende bem do que Miguelito está falando, mas suspeita que biometria seja uma das exigências para a aposentadoria.

— Vais conseguir. O problema é a burocracia. Mas teu filho voltou, então! Está te ajudando! Fico feliz por isto.

— Sim, parece um pouco mais responsável.

Miguelito olha o relógio.

— Está na minha hora. Com esta minha perna ruim, não consigo caminhar ligeiro. Despedem-se na calçada.

— Não pense em asilo, fique um pouco mais com tua filha. Teu genro deve estar com outros problemas, a irritação não deve ser contigo. Quando podemos nos ver?

Miguelito sacode os ombros:

— A qualquer hora, não trabalho mesmo.

O sinal abre e Miguelito atravessa a rua. Eu me queixando da vida, tenho até vergonha. Pelo menos meus dois filhos estão comigo.

Observando o caminhar lento do amigo, Guilherme não pode deixar de pensar na dificuldade deste. Não faço a mínima ideia do que seja passar por tudo o que o Miguelito está passando, este não é meu problema, mas trocaria minha fortuna por meu filho. Com ele, eu reiniciaria minha vida.

Guilherme e Miguelito se encontram no apartamento da Independência. Conversam sobre as tribulações pelos quais andam passando.

— Bom, Miguelito, estou muito sozinho e meu estado de espírito melhoraria se eu tivesse companhia.

— Ah, sim. Uma companhia ia te fazer bem – diz Miguelito, sem esperar o que viria depois.

— Já que concordas, não queres morar comigo? Espaço não falta. Você não quer continuar morando com tua filha para não prejudicar a relação do casal, segundo você. E eu preciso de uma companhia. Aqui podes usar tua máscara e eu também vou usar quando estamos juntos. Quanto à perna, tens bastante espaço para te deslocar sem irritar alguém. Mas como este é um bplex, vais ter de subir as escadas; os quartos ficam no andar de cima.

— Você ser meu amigo já significa muito pra mim, mas morar aqui? Eu sou um bruto, comparado contigo.

— Não fale isto, você não é um bruto, apenas vivemos em ambientes diferentes até agora. Mas entre amigos não existe desigualdade, se a amizade for verdadeira.

— Não sei não. Não quero te incomodar, até meu genro se irrita comigo.

— Por que não fazemos uma experiência, por algum tempo?

— Está bom, como experiência. Não tenho mesmo pra onde ir.

— Falando nisto, mandei verificar a situação da tua casa. Ainda está à venda. Teus filhos teriam local próprio para estocar a mercadoria. Também gostaria de ver se é possível marcar uma reunião entre teus filhos e meu encarregado das vendas pela internet. Sei o que pensas a respeito, ou mudaste de opinião? Preciso fazer algo por vocês. Fui muito egoísta pensando só na minha dor e não lembrando da tua provável dificuldade.

— Esta coisa de internet é com meus filhos. Já a casa, não tenho como comprar de volta.

— Já conversei com o jurídico, a casa fica para a empresa, como investimento.

— Da minha parte, vou morar aqui como uma experiência, mas me manda embora se achas que não está dando certo. E eu quero ser de serventia. Não sei onde nem o que comes. Não te imagino na cozinha. Quem sabe posso cozinhar?

— Boa ideia. Então vais ter um salário. Não gosto da comida que entregam, enjoa. Vou te passar umas receitas gregas.

Episódio 11

Guilherme está com seu amigo Joseph na sala de leitura. Conversam sobre o projeto da ONG para jovens carentes da periferia. Com a decisão de ensinar beisebol, Gui parece animado, fala mais alto e fala mais do que costuma.

Marcam uma reunião para o dia seguinte. Guilherme sugere incluir o amigo Miguelito.

Quando Joseph sai, Gui fecha a porta. De costas para ela, para, a cabeça pendida para o lado, levemente erguida, olha para o teto, um sorriso a brotar nos lábios. Carrega o taco sobre o ombro, como um rifle e, com passos largos, volta à sala de leitura. Coloca-o sobre o armário clássico que guarda seus livros mais preciosos. Os outros ficam nas prateleiras junto à parede dos fundos.

Da biblioteca, Guilherme inspira o cheiro da *moussaka*. Lembra a vovó e a família reunida.

Quando Miguelito o chama para o jantar, atende sem demora.

— Como está esta *moussaka*, Miguel?

— Você é quem vai dizer.

— O cheiro é o mesmo da *moussaka* da vovó e da mamãe. Tem cheiro de Grécia. Humm. Espero que você goste também.

Miguelito sorri.

— Não gosto de berinjela, mas vou provar.

Até dá pra acostumar, pensa. O que importa é que Gui goste, parece mais animado. Preciso aprender mais receitas gregas.

Miguelito come em silêncio observando a satisfação do amigo. Vinha se alimentando apenas por necessidade.

— Não sei se ouviste alguma coisa da nossa conversa. O Joseph me propôs fundarmos uma ONG para jovens carentes. Eu gostaria que participasse amanhã de manhã e que trabalhasse comigo. Vamos ensinar futebol e beisebol. O que achas?

— Se eu puder ser útil com esta perna ruim.

— Com certeza. Obrigado pela *moussaka*. Vou ler um pouco antes de dormir. Não esqueça, o jejum mais cedo amanhã, depois, reunião.

Naquela noite, Miguelito adormece com um sorriso no rosto. Tem esperança que, com os projetos de Joseph, Gui consiga lidar melhor com o desaparecimento do Antônio.

No meio da noite, acorda, parece ter ouvido um grito e um baque. Acende as luzes, Gui não está no quarto. O barulho parece ter vindo do andar de baixo. O telefone da sala toca. Do topo da escada grita.

— Guilherme, já estou indo, já estou indo.

Desce as escadas, degrau por degrau. Quer descer o mais rápido possível, mas a dor no joelho não permite. Com o auxílio de uma mão, leva a perna para o degrau seguinte, tenta fingir que a dor não é dor.

— Estou indo, Gui, espera, já chego aí.

Dirige-se à biblioteca. Foi ali que deixou o amigo lendo quando foi dormir. O corpo de Guilherme está estendido no chão.

— Por Deus, o que houve, Gui?

Miguelito tenta ajoelhar-se junto do amigo, não consegue. O telefone não para de tocar. Curva-se sobre o corpo de Guilherme. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, tu parecias empolgado. E agora isto!

Fica imóvel, mãos na cabeça, diante do corpo. Como o telefone não para de tocar, anda na direção do aparelho, volta para o amigo ali no chão. O celular continua a tocar

e vibrar, sobre a mesa na sala de estar. Quando o aparelho cai sobre o tapete, Miguelito o apanha e volta para a sala de leitura. Pode ser alguém que pode me ajudar.

— Alô! Quem? Que brincadeira é esta?

Com o telefone na mão, olha para o corpo no chão. Emudece por algum tempo. Será ele mesmo, ou é brincadeira? Antônio? É mesmo você? Onde você está? Em Porto Alegria!? Venha logo pra cá.

Com o telefone na mão, olha para o corpo no chão, Miguel fica mudo enquanto a voz na outra ponta continua.

Miguelito parece ouvir um sussurro

— Antônio.

— Guilherme, você está vivo!

Guilherme procura o apoio da cadeira para erguer-se.

— Ele disse que era Antônio, mas eu não conheço a voz dele. Ele disse que a mãe deu o endereço daqui. Pedi que viesse logo, mas não disse a razão.

O interfone toca.

Guilherme se dirige à porta com a ajuda de Miguelito.

Ouve os ruídos do elevador, os mais belos sons, sons que simbolizam vida. Da porta do ascensor surge a figura daquele que Guilherme reconheceria nos extremos da terra, no mais andrajoso dos trajes.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Miguelito vendo aquelas duas figuras emaciadas de joelhos no meio do corredor numa fusão de pai e filho e num choro tão longo contido.

Um abraço imóvel, silencioso, o início de duas novas vidas.

— Filho!

— Papai!



O PESCADOR QUE CAIU NA REDE - Magaly Andriotti Fernandes
VIDA E OBRA DE JOSEPH - Clotilde Grassi
TODA UMA HISTÓRIA DERRAMADA - Terezinha Lanzini
O SALTO DA JAGUATIRICA - Sônia Coppini
FLAGELO - Maurícia Mees

BESTIÁRIO

